



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

***Uma Terra Escrita em Portunhol:***  
Enredos entre Fronteira, Antropologia e Literatura.

Isis Karinae Suárez Pereira

Orientadora: Prof. Dra. Denise Fagundes Jardim

Porto Alegre

2020

Isis Karinae Suárez Pereira

***Uma Terra Escrita em Portunhol:***  
Enredos entre Fronteira, Antropologia e Literatura.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Denise Fagundes Jardim.

Porto Alegre

2020

### CIP - Catalogação na Publicação

Pereira, Isis Karinae Suárez  
Uma Terra Escrita em Portunhol: Enredos entre  
Fronteira, Antropologia e Literatura. / Isis Karinae  
Suárez Pereira. -- 2020.  
151 f.  
Orientadora: Denise Fagundes Jardim.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Social, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Portunhol. 2. Fronteira. 3. Literatura de  
Fronteira. I. Fagundes Jardim, Denise, orient. II.  
Titulo.

ISIS KARINAE SUÁREZ PEREIRA

*Uma Terra Escrita em Portunhol:*  
Enredos entre Fronteira, Antropologia e Literatura.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de mestra em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Fagundes Jardim  
(PPGAS/UFRGS)

Aprovada com louvor em: 11 / 03 / 2020

---

Profa. Dra. Denise Fagundes Jardim – Orientadora

---

Prof. Dr. Ruben George Oliven – PPGAS/UFRGS

---

Profa. Dra. Pilar Uriarte Balsamo – UdelaR - Uruguai

---

Profa. Dra. Flavia Maria Silva Rieth – PPGAnt/UFPel

*Dedico este trabalho ao meu menino dinossauro.*

## AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido até aqui não foi a viagem que eu havia planejado, a chuva caiu em outro tempo. Mas foi fundamental para as palavras aqui escritas serem as que são e não outras, então agradeço ao caminho, às tempestades e aos dias de sol.

Agradeço ao meu pequeno turbilhão ter vindo ao mundo e ter me escolhido como mãe. O desafio de ter escrito este trabalho com meu menino no colo, no sling, no carrinho, no chão, numa caixa de papelão. Lê, sou grata pelas nossas trocas de ideias, pelo teu apreço em escutar minha leitura da bibliografia usada aqui, pelo teu encantamento pelas músicas que ouvimos juntos na pesquisa e por ser mais um motivo de puxar conversa com nossos interlocutores. Te dar de mamar escrevendo não foi fácil, mas me fez desenvolver uma força muito boa no braço e você uma capacidade incrível de mamar em qualquer posição. Seus desenhos nas minhas anotações serão bem guardadinhos. Você é meu companheiro de dissertação, obrigada.

Ao meu companheiro de caminhada, André, agradeço o apoio, paciência e ao mesmo tempo inquietação. Caminhar ao teu lado é um desafio encantador.

Aos meus pais pelo apoio incondicional, carinho e abraços nos reencontros. Aos meus irmãos por existirem. A Ari por ser minha amiga e estar quando precisei. À família extensiva de Rivera por serem meu palco inicial de encantamento pela fronteira.

À minha família de Curitiba, agradeço o carinho e apoio. Mary por ter sido peça fundamental para o acontecer desta dissertação. À vó Calmides pelas histórias.

À minha família de Porto Alegre, Cezar, Janice e Augustus, sou eternamente grata por me receberem na casa de vocês, por me proporcionarem a possibilidade de fazer o mestrado, ter uma gravidez e um puerpério tranquilo. Obrigado pelo carinho, pelas conversas e conselhos. Meu agradecimento especial ao Cezar por

estar sempre me incentivando e me ajudando efetivamente na formatação do trabalho, além das trocas de ideias, das noites sem dormir e dos papos sem fim, obrigada, irmão.

Agradeço aos meus colegas de turma, em especial Lizi, Calvin, Georgia, Diéssica, Evelize, tenho um carinho enorme por vocês, a saudade tá aí. Estendo o obrigada ao PPGAS.

À minha orientadora Denise Jardim pela compreensão, paciência, persistência e apoio na construção desta pesquisa. Agradeço também a autonomia dada a mim, por me permitir pensar esta pesquisa. Grata pelas críticas, conselhos e sugestões, obrigada por fazer parte disto.

À minhas eternas mestres Flavia Rieth e Louise Alfonso, obrigada por me ensinarem a Antropologia.

Grata à Capes pela concessão da bolsa que permitiu o acontecer desta pesquisa.

Agradeço aos artistas da fronteira por se encantarem e me encantarem com suas obras, obrigada por me mostrarem outras fronteiras. Agradeço aos fronteirços, meus companheiros de pesquisa desde 2014, obrigada por me fazerem antropóloga e fronteira.

Sou eternamente grata pelas pessoas que fazem parte da minha vida e desta pesquisa, vocês fazem parte de tudo isto.

*Señor les pido licencia  
Y ante ustedes me presento  
Pa decirles daonde soy  
En estos humildes versos  
Yo nasci nuna frontera  
donde se juntan dos pueblos  
y se fala misturao  
con sotaque brasileiro...  
(Rompidiomas, Chito de Mello, 2002)*



## **RESUMO**

Este estudo trata de “fronteira” no Cone Sul, a partir do fazer etnográfico e da análise de uma produção cultural fronteiriça, expressa em poemas, músicas, contos, obras de teatro. Essa produção nos revela um circuito de intelectuais e temas, que demonstram aspectos da institucionalização do portunhol e dos usos do idioma, como uma referência regional, que dialoga com e desestabiliza noções de Estado-nação. Através da arte e da literatura observamos os espaços de desconstrução de noções de Estado-nação e a disputa de sentidos sobre a experiência estatal. Observando as sobreposições entre sentimentos nacionais, o uso da palavra para a contemplação e expressão “os outros” e formas de sentir próprias, através da conjunção de idiomas, palavras e modos de estar no mundo.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Fronteira; Antropologia; Literatura; Portunhol; Cone Sul;

## **ABSTRACT**

This study deals with the “borderlands” in the Southern Cone, based on ethnographic work and the analysis of a borderlands cultural production, expressed in poems, songs, short stories and theater works. This production reveals a circle of intellectuals and themes that demonstrate aspects of the institutionalization of Portunhol language and the uses of idiom, as a regional reference, that dialogues with and destabilizes notions of the Nation-state. Through art and literature, we observe the spaces of deconstruction of notions of the Nation-state and the dispute of meanings about the state experience. Observing the overlaps between national feelings, the use of the word for contemplation of the expression “the others” and ways of feeling oneself, through the conjunction of languages, words and ways of being in the world.

## **KEY-WORDS**

Borderlands; Anthropology; Literature; *Portunhol*; *Southern Cone*;

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	–	Carros estacionados.....	16
FIGURA 2	–	Marco de pedra.....	22
FIGURA 3	–	Assistindo RBS com uma família.....	23
FIGURA 4	–	Banner 1 .....	37
FIGURA 5	–	Banner 2.....	38
FIGURA 6	–	Banner 3 e 4 .....	39
FIGURA 7	–	Banner 5 e 6 .....	40
FIGURA 8	–	Trabalho no pampa .....	41
FIGURA 9	–	Marco de pedra na área rural da fronteira .....	42
FIGURA 10	–	Vendedor de pancho na Praça Artigas .....	45
FIGURA 11	–	Banca de jornais na Praça Artigas .....	46
FIGURA 12	–	Vendas de cometas na Semana Santa .....	47
FIGURA 13	–	Banca tradicional de panchos na Praça Artigas .....	47
FIGURA 14	–	Vendedor ambulante de picolé.....	48
FIGURA 15	–	Cambistas, vendedores de cigarro e de pipas.....	48
FIGURA 16	–	Catador na linha divisória.....	49
FIGURA 17	–	Freteiro e vendedor de pipas.....	49
FIGURA 18	–	Vendas de bandeiras e camisetas na copa do mundo .....	50
FIGURA 19	–	Tumulo construído ao lado de um marco de pedra.....	52
FIGURA 20	–	O pampa fronteiriço.....	56
FIGURA 21	–	Ida ao campo pelos caminhos rurais.....	58
FIGURA 22	–	Casa reconstruída muitas vezes.....	59

FIGURA 23 – Casa nos limites do Brasil e Uruguai, nas margens.....	73
FIGURA 24 – Pichação nos muros da cidade de Rivera.....	103
FIGURA 25 – Pichação nos muros da cidade de Rivera.....	104
FIGURA 26 – Arte nos muros da fronteira.....	104
FIGURA 27 - Banner de divulgação do evento “Jodido Bushinshe”.....	125
FIGURA 28 – O portunhol em cartazes pela cidade.....	129
FIGURA 29 – Marco de pedra.....	132

## LISTA DE SIGLAS

DPU – Dialetos Portugueses del Uruguay

PGF – Português Gaúcho da Fronteira

RG – Registro Geral

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UCPEL – Universidade Católica de Pelotas

CPF – Cadastro de Pessoas Físicas

ABIN – Agência Brasileira de Inteligência

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho

SPC – Serviço de Proteção ao Crédito

SUS – Sistema Único de Saúde

DGI – Dirección General de Identidad

MZR - Machine, readable-zone

EUA – Estados Unidos da América

IFSUL – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-riograndense

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>1        <i>YO SOY DE LA FRONTEIRA Y ANTE USTEDES ME APRESENTO</i></b> <b>.....</b>	<b>21</b>
1.1 A FRONTEIRA PELA QUAL FUI ENCANTADA.....	41
1.2 ITINERÁRIO DE PESQUISA: SUAS ETAPAS ACADÊMICAS.....	54
<b>2        <b>A ANTROPOLOGIA E A FRONTEIRA</b> .....</b>	<b>66</b>
2.1 A FRONTEIRA BRASIL E A FRONTEIRA URUGUAI.....	73
2.2 A DÁDIVA DE SER BRASILEIRA/O .....	79
2.3 POR UMA CASA PRÓPRIA: CPF, RG E FORMAS DE ACESSO A CIDADANIA NA PRÁTICA.....	82
<b>3        <b>AS FRONTEIRAS ENTRE ANTROPOLOGIA E LITERATURA</b> .....</b>	<b>90</b>
3.1 AS FRONTEIRAS E SEUS MAPAS, DOCUMENTOS E MOVIMENTOS .....	93
3.2 A FRONTEIRA EM PORTUNHOL .....	97
<b>3.2.1 Entre Guerras e Limites nasce o portunhol.....</b>	<b>98</b>
<b>3.2.2 Do portunhol das ruas à arte .....</b>	<b>103</b>
<b>4        <b>INSTITUCIONALIZAÇÃO DO PORTUNHOL</b> .....</b>	<b>108</b>
4.1 A FRONTEIRA EM VERSOS .....	110
4.2 AUTORES, ENREDOS E ENCONTRO COM SEUS LEITORES .....	121
<b>      <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....</b>	<b>133</b>
<b>      <b>BIBLIOGRAFIA</b> .....</b>	<b>140</b>
<b>      <b>APÊNDICE</b> .....</b>	<b>145</b>
<b>      <b>ANEXOS</b> .....</b>	<b>150</b>

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa voltei meus olhos para poemas, contos, narrativas e músicas por ter visto nelas uma fronteira materializada de um jeito diferente daquele material concreto dos marcos de pedra. Estava ali, de uma forma física e real, uma maneira de ver o mundo, de se sentir no mundo, um jeito todo fronteiro. Meu objetivo é pensar aquele espaço também a partir do mundo do sensível, pensando em outras possibilidades de definir fronteira. Além das definições geopolíticas já bastante estudadas acredito ser de um grande potencial ver aquele espaço sobre outras perspectivas.



FIGURA 1 – Carros estacionados ao lado do marco de pedra que divide as cidades de Santana do Livramento e Rivera. Fonte: Acervo da autora, 2018.

Desse modo, esta pesquisa tem como proposta contribuir com os estudos de fronteira por meio de um estudo antropológico sobre a linguagem. Observar o espaço fronteiro a partir do portunhol, das músicas, poemas, prosas e contos. As significações de mundo dadas por uma linguagem não oficial preenchida por um contexto sociocultural e condições históricas específicas. Consideramos que o portunhol deixa de ser uma língua somente oral e chega à escrita poética, desconsiderando as normas gramaticais de linguagem e mostrando uma outra forma de escrever, sem regras. Esse universo supostamente sem regras, de ninguém,



pode, de certa maneira, em algum momento, reestruturar paradigmas, questionar normas e provocar refletir sobre assuntos já bem consolidados, como é a linguagem.

O portunhol ao qual me refiro não é a mistura do português com o espanhol como uma necessidade momentânea de comunicação. Me refiro a uma língua mãe, à língua mais falada de uma região, a língua que expressa quem somos. O Brasil é o único país da América do Sul que fala português, faz fronteira com vários países que o idioma oficial é o espanhol, portanto o contato com o espanhol é inevitável. O enfoque desta pesquisa é o portunhol falado na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Também denominado pelas autoridades do Estado como DPU: Dialectos Portugueses del Uruguay<sup>1</sup> e PGF: Português Gaúcho da Fronteira. Pelos artistas e moradores como portuñol, brasileiro, brasiguai, bagayo, misturao, entre outros. Assumo uma postura de pensar como o portunhol faz a fronteira e como a fronteira é feita pelo portunhol.

As regiões fronteiriças são áreas de grande complexidade linguística e cultural, não apenas pelo contato de idiomas de hoje, mas por toda a relação com os idiomas e conseqüentemente com os Estados nacionais no decorrer do tempo, gerando certas mudanças tanto nas legislações oficiais ou extraoficialmente criando movimentos culturais e linguísticos que atingem não apenas a região fronteiriça.

Um dos estudos na área de maior repercussão foi o *Nos Falemo Brasileiro-Dialectos Portugueses em el Uruguay* (ELIZAINCÍN, BEHARES, BARRIOS, 1987) trazendo uma considerável discussão sobre o portunhol. O monolingüismo do Uruguai foi questionado, os discursos nacionalistas colocados em xeque criando a possibilidade de enxergar o diferente.

Se por um lado penso no idioma que identifica aquele lugar, por outro não deixei de pensar nos outros fatores que definem aquele lugar como uma fronteira. Trago nesta pesquisa também discussões sobre fronteira como uma definição linear de Estados, ausências de políticas públicas e serviços públicos, possibilidades desses serviços no país vizinho, circulação de pessoas e mercadorias. Não foco nas manobras fronteiriças, nos dribles do cotidiano, mas quero deixar explícito que esses modos de fazer não estão separados desse modo peculiar de falar, que tudo se constitui e é constituído por fronteira. Trago para a agenda de discussões o falar

---

<sup>1</sup> Elizaincín e Behares são uruguaios que estudaram o portunhol e deram essa denominação oficial, foi o modo de conseguir englobar numa mesma nomeação todas as variações existentes no Uruguai do portunhol.

como uma reivindicação social, junto com o poder transitar livremente de um lado para outro, documentações legalizadas, compartilhamento de serviços públicos, para tanto, uma maior irmandade entre os países vizinhos possibilitando uma burocracia transnacional.

Foram escolhidas obras para aportar na discussão desse fazer fronteira, os artistas desobedecem às normas dos Estados, normas linguísticas e literárias. É com eles que o portunhol deixa de ser só uma língua falada para ser escrita e uma escrita poética, trazem um novo mundo literário desenhado em terras fronteiriças. Benedict Anderson (2008) aponta como a cultura escrita tem um papel fundamental na disseminação de uma construção de comunidade, fomentando a imaginação.

Algo que por alguns grupos é considerado inferior, errado, pode de certo modo indagar paradigmas já bem estabelecidos, brindando novas compreensões de assuntos bastante estudados, como é o caso da fronteira vista a partir de um idioma considerado errante. Esse ar de desprezo pelo portunhol e tudo que ele envolve vai em um caminho oposto dentro da literatura, funcionando como uma espécie de afirmação identitária fronteiriça.

Quem é de fora pode até tentar classificar o idioma como inferior aos oficiais espanhol e português, esse pensamento também faz parte de muitos falantes que privam o uso do seu idioma para espaços específicos. Para os artistas de fronteira o idioma não tem erros, aquela é sua forma de falar e entender o mundo, um modo de se reconhecerem como fronteiriços.

Não existe o portunhol, mas portunhóis com variantes dependendo de cidade, região e bairro, sendo perceptível no estilo dos artistas. Havendo semelhanças de portunhol entre Fabián Severo e Ernesto Diaz, ambos da cidade de Artigas. Diferenças entre o portunhol de Chito de Mello (Cuaró-Rivera) e Aldyr Garcia Schlee (Rio Branco). Essas diferenças são percebidas pelos artistas que fazem uso com maestria desses portunhóis, criando seu próprio idioma.

O portunhol ganha cena numa literatura latina, as obras não misturam só idiomas, mas também estilos literários. Se por um lado temos a contribuição do portunhol para reconfigurações dentro da literatura. Por outro podemos pensar em uma cultura, um modo de ser, falar e fazer de um lugar específico, e a literatura de fronteira como uma forma de representação e luta.

A escolha dos artistas e de suas obras se deu sobre duas premissas, ser da fronteira e escrever em portunhol. Olyntho Maria Simões inaugura o portunhol como

arte. Agustín Ramón Bisio é reconhecido em todo o Uruguai por sua capacidade de descrever a região, seu poema *Caminitos de Tierra Colorada* continua sendo reinterpretada por músicos e entonada em festividades regionais. Chito de Mello quebra qualquer regra e provoca as autoridades com seu violão e sua voz. Fabian Severo de uma forma afetiva descreve a sua infância na cidade de Artigas. Ernesto Díaz encanta o Uruguai com sua musicalidade. Tito Alvariza e Camila são as figuras que representam a arte em portunhol na atualidade. Pancho Viera retratou a fronteira durante a ditadura. Trabuco Naranjero foi o auge dos jovens dos anos 2000. Michel Croz encena a fronteira em praças, teatros e pátios de escolas.

Os diferentes estilos adotados pelos artistas são um ponto positivo na pesquisa para demonstrar a pluridimensionalidade e as diversas possibilidades na criação dos portunhóis. Toda essa variedade e essa possibilidade de criação é que configuram o portunhol.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos com o objetivo de construir uma discussão antropológica sobre fronteira a partir de leituras de obras literárias escritas em portunhol.

O primeiro capítulo, ***Yo soy de la frontera y ante ustedes me apresento***, existe para eu como criadora deste texto me apresentar, apresentar a minha vida, o que me trouxe à antropologia e o que me levou de volta à fronteira. No tópico seguinte, ***A fronteira pela qual fui encantada***, contextualizo a fronteira que conheci como fronteira e a que conheci como pesquisadora. Finalizando este capítulo, ***Itinerário de Pesquisa: suas etapas acadêmicas***, no qual demonstro como cheguei aos estudos de fronteira, a construção desse conhecimento, a aproximação com o portunhol, além de trazer contextos etnográficos. Para esta parte utilizei como principais fontes Donna Haraway, Ernesto Behares e Michel de Certeau, cujos estudos me ajudaram a pensar num conhecimento situado na fronteira e corporificado em mim, a entender o portunhol como um idioma e uma modo de identidade, e a questão dos modos de fazer discutidos por de Certeau.

No segundo capítulo, ***A antropologia e a fronteira***, mostro inicialmente, as discussões de fronteira dentro da Antropologia. Além das definições de fronteira criadas por antropólogos, trago para a discussão o que é fronteira para os fronteirões. A seguir, o subcapítulo ***A fronteira Brasil e a fronteira Uruguai***, apresento uma fronteira em particular, uma região específica, onde nasci, cresci e me tornei antropóloga. Nesta mesma parte são expostos e discutidos relatos

etnográficos trazendo para a narrativa a relação dos fronteiriços com documentos. Como segundo tópico ***A Dádiva de Ser Brasileira/o***, a partir de um relato etnográfico intento evidenciar qual o significado de ter identidade brasileira na região de fronteira. O tópico a seguir, ***A Cidadania Brasileira Por Uma Casa Própria: CPF, RG e formas de acesso a cidadania na prática***, expõe o movimento de conquista de uma segunda cidadania a partir de um relato etnográfico. Para tal, trabalho principalmente com conceitos desenvolvidos por Mariza Peirano, Michel Agier, Homi Bhabha.

No terceiro capítulo, ***As fronteiras entre Antropologia e Literatura***, traçarei mais especificamente a aproximação entre antropologia e literatura, e quais as conquistas da relação entre essas duas disciplinas ao estudar fronteira. Embaçarei minha ideia de me deixar ser afetada pela poética fronteiriça em Favret Saada. No tópico, ***As fronteiras e seus mapas, documentos e movimentos***, proponho pensar a fronteira para além dos mapas, olhar para os documentos mais como uma forma de possibilidade de trânsitos, do que como engessamento de cidadanias. Em ***A Fronteira em Portunhol*** apresenta os subcapítulos seguintes; ***Entre Guerras e Limites nasce o portunhol*** narra como a fronteira surgiu e o papel do portunhol na consolidação das cidades. Em ***Do portunhol das ruas à arte*** traz a transição do portunhol falado nas ruas para o portunhol na literatura e nas músicas.

No último capítulo, intitulado ***Institucionalização do Portunhol***, a partir de Ernesto Behares contextualizo o portunhol. O item a seguir, ***A Fronteira em Versos*** exponho a literatura e arte de fronteira. A arte é considerada uma forma de compreensão e representação de mundo, a literatura de fronteira como uma forma de resistência apresenta o lugar e sua gente a partir da luta por direitos e visibilidade. Finalizando, em ***Autores, enredos e leitores*** mostro os artistas com sua arte.

A proposta é pensarmos a fronteira além da sua situação de margem, o quanto aquele espaço é denso e tem história. A arte em portunhol existe oficialmente há mais de 50 anos, a margem provocou um lugar inventivo. A criação artística e sua expressividade definem a fronteira tanto quanto a fronteira define a arte fronteiriça.

## 1 YO SOY DE LA FRONTEIRA Y ANTE USTEDES ME APRESENTO

*Soy de Rivera, señores  
Se habrán dado cuenta, yo pienso  
(Rompidiomas, Chito de Mello)*

Essa pesquisa surge entrelaçada à necessidade de me apresentar e isso já começou faz muito um tempo, antes mesmo de pensar em tornar a pesquisa sobre a fronteira um tema antropológico. Era necessário falar "sou da fronteira", para justificar minhas palavras tidas e vistas como "tortas". Agora se torna mais um quesito para entender o porquê eu pesquiso a fronteira, do enxergar certas coisas, de querer problematizar outras tantas e também, novamente, do porquê falo desse jeito. Não se produz conhecimento de lugar algum, a fronteira que vocês vão ver nestas páginas passa por mim, o conhecimento ele é corporificado (HARAWAY, 1995), ele faz sentido desse jeito ao passar por mim, enquanto uma antropóloga de uma universidade brasileira que nasceu e se criou numa fronteira, vivendo o que as margens tem a oferecer.

Descobri que eu era um problema quando estava a caminho de deixar de ser, ou ao menos isso eu acreditei. Ao entrar na graduação em antropologia, exatamente 344 km da minha casa, longe da fronteira, do lado de dentro de um país eu me vi na situação de me transformar em brasileira. Foi esse meu esforço: aprender o português, escutar músicas que jovens brasileiros escutavam, usar as roupas que brasileiros usavam e comer como uma típica brasileira – aliás, muito boa a ideia de comer feijão todo dia. Ou pelo menos isso pretendi. Mas as coisas não são tão simples, não foi só tirar um RG, entrar na universidade, falar, ler e escrever em português que me tornariam brasileira. Ou eram.

Percebi que eu não era tão uruguaia como eu acreditava ser. Enfim, para os uruguaios eu me tornei brasileira, para os brasileiros eu era uruguaia. E por muito tempo foi assim. Para os que ficaram em dúvidas, hoje eu sou considerada super brasileira, apesar do filho uruguaio, vivendo no Brasil.

Mas as coisas para mim ficaram mais evidentes porque eu estou "lá dentro do Brasil". Para os fronteirços que permanecem na fronteira ser brasileiro ou uruguaio é questão de situação (QUADRELLI, 2002). Dependendo o motivo uma das

identidades é escolhida para o momento, sem a necessidade de se vestir ou falar como um cidadão esperado. A fronteira permite isso, esses múltiplos “ser” e múltiplos “lugares”, ora os sujeitos são brasileiros, ora uruguaio, ora fronteiriço; ora se está no Brasil, ora no Uruguai, sendo possível, até mesmo ter uma casa cuja sala é no Uruguai, mas o banheiro é no Brasil.

O ofuscamento dessa experiência direta, por ser fronteiriça é um problema teórico, direcionando meus olhares e impressões. Falar daquilo que vivemos é difícil, por ser doloroso, mas é o desafio. Algo que começou em 2014 me perguntando que antropologia era essa que estava se fazendo em mim na fronteira, que fronteira era essa, se ela sempre tinha existido e como eu nunca a tinha visto. Também me perguntei quem era eu nesse universo todo de construções e transformações.

Não são as coisas que se transformam com a antropologia, mas somos nós que nos libertamos para viver as coisas com outros sentidos. Uma professora uma vez falou que a antropologia nos dá uma lente que nos permite enxergar as coisas de outros jeitos. Mas são mais do que lentes, porque ao nos permitirmos sentir o universo para além do que os nossos olhos nos permitem nos entregamos ao infinito. A fronteira para mim sempre foi feita de cores: o verde da grama, o vermelho da terra e o amarelo das *mariamoles*<sup>2</sup>; de sabores: o frango assado, o pão quentinho, a água; de cheiros: trago de volta o frango assado e o pão; e texturas: o relevo das marcações nos marcos de pedra e o guidão de uma motocicleta que atravessa a fronteira. O que mudou foi que me permiti pensar nisso.

---

<sup>2</sup> Flor conhecida no Brasil como flor das almas, flor dos finados, cravo do campo, erva lanceta, vassoura mole e cravina. Nome científico *Senecio Brasilienses*.



FIGURA 2 – Marco de pedra. Fonte: Acervo da autora: 2018.

O retorno à fronteira como antropóloga foi intenso, curioso e um pouco confuso, entender quem eu era ali se tornou parte do meu fazer antropológico. No trabalho de conclusão de curso contei as dificuldades que tive em me apresentar como antropóloga para as pessoas com as quais estava pesquisando, elas sempre me viam como "a filha do Miguel", aceitar ser a filha do Miguel e não uma antropóloga foi que tornou possível a existência do trabalho de conclusão de bacharelado em antropologia<sup>3</sup>. Ser filha do Miguel, um vendedor de frango assado e milanesa, abriu as portas de algumas casas, onde fui convidada a entrar e se sentar na sala deles, tomar mate, comer bolo e assistir novela. Talvez se perguntem como que isso é antropologia, científico e uma pesquisa, essa foi uma questão que eu mesma me fiz, em que ponto assistir novela se torna uma etnografia? Foi essa proximidade com os interlocutores que tornou possível minha presença em conversas particulares, em momentos familiares, eles se permitiram falar em portunhol (o idioma deles) e sobre certos assuntos.

---

<sup>3</sup> "Yo naci nuna frontera donde se juntan dos pueblos": uma (auto)etnografia situada entre o Uruguai e o Brasil. (PEREIRA,2015). Defendida na Universidade Federal de Pelotas sob orientação da Dra. Flavia Rieth.

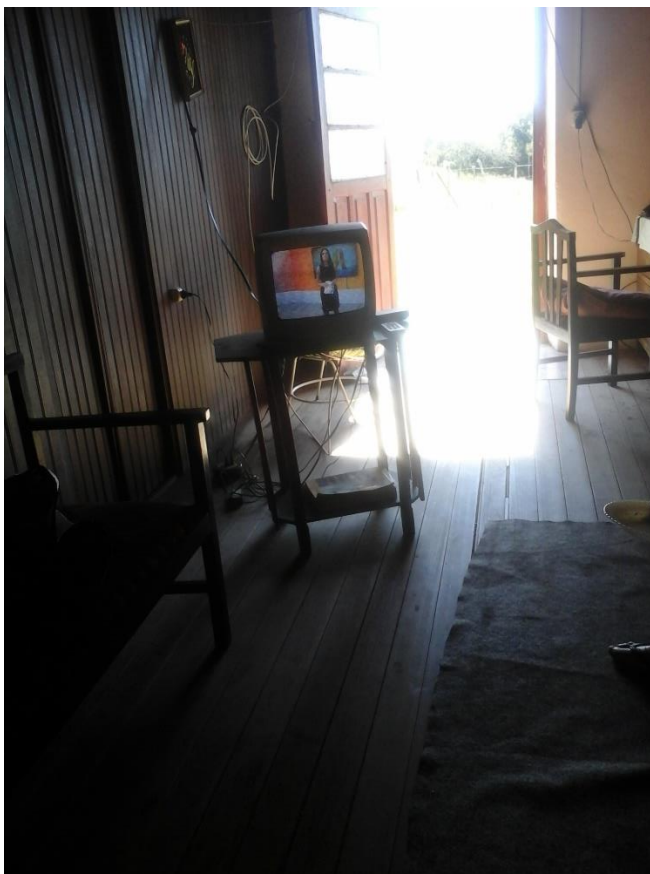


FIGURA 3 – Assistindo RBS com uma família. Fonte: Acervo da autora, 2018.

Um dia estava sentada com eles assistindo a novela das 9 enquanto a água do *guiso de arroz*<sup>4</sup> secava. O telefone tocou e foi seu Raimundo que atendeu, eles falaram por menos de um minuto, era o irmão de Mariza. Ela foi atender e começou uma conversa quase indecifrável. Ela falava coisas sem nexos, respondia que estava tudo bem, perguntava pela família do irmão, falava “tudo bem”, “meu deus”, e dava algumas risadinhas. Tudo normal de qualquer conversa de telefone, eu não entendia a conversa porque não conseguia escutar a outra pessoa. A surpresa e o *insight* antropológico surgiram quando ao desligar o telefone ela riu e falou que não entendeu nada do que o irmão falou, mas eles ficaram conversando por meia hora, sem se entenderem. O irmão de Mariza mora em Montevideo faz muito tempo, segundo ela, ele nem sabe mais falar direito. Ele liga semanalmente para a irmã, para ficar sabendo se ela está bem e tudo mais. Ela espera a ligação do irmão sempre, espera sua visita, mas ela não consegue entender o que ele fala, porque ele fala em espanhol e ela em português, ela nunca na vida falou em espanhol e não

---

<sup>4</sup> Comida típica da região, arroz, carne moída, cenoura, batata, alho, cebola, tudo feito na mesma panela.



vê sentido na língua que o irmão fala, mas continua interessado nos assuntos dele, por isso continua perguntando e esperando as ligações.

Depois de presenciar umas ligações e inclusive a visita do seu irmão numa sexta-feira santa de alguns anos atrás. Quando perguntei se ele entendia o que a irmã falava, ele me fala que obviamente que sim, e não entendeu a pergunta. Não contei que sua irmã não entendia o que falava, justifiquei a perguntando falando que era porque a irmã falava em portunhol e ele em espanhol. Ele me responde que entende o que irmã fala, porque aquele era o jeito que ele falou até um tempo atrás, bem, muito tempo atrás, porque foi para Montevideo com 20 anos e desde então se obrigou a aprender o espanhol para poder conseguir um emprego. Perguntei se ele ainda conseguia falar em portunhol, falou que talvez, só que tinha vergonha, pois já tinha sido muito ridicularizado por isso. Deixei de lado as perguntas, porque a pessoa estava se sentindo desconfortável.

Aquilo, de sentar e ver a novela, de participar das conversas era antropologia e eu precisava entender isso. Entendi lendo muita etnografia e estando em campo.

Nunca foi a minha intenção trabalhar com o portunhol, até por essa ser uma parte reprimida da minha história e formação escolar. O portunhol surgiu no campo durante a realização do trabalho de conclusão de curso espontaneamente, as pessoas falavam em portunhol comigo, eu falava em portunhol com elas. Como boa aprendiz de antropóloga, todo dia de campo no fim do dia, eu me sentava no meu escritório e escrevia o meu diário de campo. Quando abri esse diário de campo em Pelotas<sup>5</sup> percebi que eu escrevi em portunhol. Passei por um processo doloroso de negação do meu trabalho, por estar escrito em portunhol eu o tornei inválido. O que também provocou com que nunca mais eu consegui escrever estando na fronteira.

Estar na fronteira é falar em portunhol, portanto eu não consigo escrever em nenhum idioma oficial. Eu vou, faço campo, levantamento de dados, converso com as pessoas, penso nisso, mas escrevo só quando volto para o Brasil. É uma condição que eu me coloquei.

Na questão antropológica é possível pensar como essa experiência de campo centrada num ponto geográfico específico é interiorizada por mim, como antropóloga, e a necessidade de um afastamento não apenas da experiência, mas também do lugar. O distanciamento cria a possibilidade de enxergar a experiência

---

<sup>5</sup> Fiz graduação na UFPel, na cidade de Pelotas.

de um modo diferente. Se por um lado eu precisava me distanciar da fronteira e do portunhol para me sentir antropóloga, por outro eu precisava dessa experiência para me fazer antropóloga. Apesar de eu me propor experimentar aquele lugar depois de ter recebido a lente da antropologia eu continuo tendo a experiência anterior, que não pode ser anulada, portanto é acrescentada às lentes e possibilitam um olhar diferente. A saída da fronteira se torna uma pausa nessa experiência, que me permite pensar no que experienciei e escrever sobre isso.

Todo esse processo que eu tenho vivido na antropologia me mostrou que uma vida inteira eu subestimei o portunhol e tirei ele da minha vida. Sendo ter sido ele meu primeiro idioma, foi em portunhol que minha mãe cantou músicas de ninar para mim. Mas eu não conseguia levar o portunhol para dentro da ciência, da academia. É esse o espaço que antropologia encontrou para me provocar falar sobre o portunhol. Como a antropologia fez isso? Porque eu fui a campo, eu conversei, observei, presenciei situações de pessoas que estavam falando constantemente em portunhol, como eu poderia não falar sobre o portunhol se aquilo estava me mostrando que o portunhol estava guiando meu campo?

Enfim, o TCC se concentrou mais em falar sobre os modos de vida dos fronteiriços, dando uma pincelada no portunhol. Esqueci dele por um tempo, mas falando em fronteira sempre ele aparece e agora é o portunhol que define minha pesquisa.

O portunhol que eu conhecia não era escrito, era falado, era o idioma das ruas e de casa. Numa reunião com professores da rede pública e privada de Rivera, Uruguai, discutindo uma exposição surge o assunto do portunhol escrito, dele dentro das escolas e como lidar com tudo isso numa educação fronteiriça. Os professores ficam divididos entre ser positivo e ser negativo a existência do portunhol, todos eles em algum momento afirmaram terem falado em portunhol, ainda falarem, mas também que negavam o seu uso dentro da sala de aula, porque no recreio não tem problema. O portunhol não surge como um dilema, mas uma realidade, afirmam que persistir no portunhol é encerrar os fronteiriços na fronteira, incomunicáveis com o resto do país e longe de onde tudo acontece, a capital. Também o não aprender os idiomas oficiais faz com que esses jovens não consigam concluir o ensino médio e por consequência fiquem em empregos instáveis, com salários baixos e morando na região periférica da cidade.

Poderíamos então afirmar que eu só entrei na universidade porque aprendi o português. Aprendi a falar e escrever oficialmente, me obriguei a isso, do mesmo jeito que aos seis anos de idade fui obrigada a falar em espanhol. Então nunca, em nenhum momento da minha vida o sistema educacional me permitiu falar e escrever no meu idioma.

Recebi o desafio de fazer uma exposição em portunhol, o que novamente foi difícil, porque tudo que eu escrevia parecia "uma bobagem", nada oficial ou pretensamente científico. Tentando escrever em portunhol fui atrás de profissionais que escrevem assim, foi como tracei uma rede de artistas fronteiriços que tem o portunhol como sua ferramenta. O objetivo da dissertação é trazer esses artistas para mostrarem a fronteira e o ser fronteira. A única maneira de entender de forma profunda a fronteira é mergulhar em sua linguagem. A língua define como se expressam os sentimentos, códigos de comportamento, relações sociais etc. Não é só um idioma, mas um elemento estruturante da psique humana e das relações sociais (LACAN, 1999).

Conversando com uma professora rural de ensino fundamental ela me relata as dificuldades em alfabetizar em espanhol as crianças que falam portunhol, conta que ela, decide num primeiro momento trabalhar com as crianças numa espécie de tradução de mundo, primeiro eles mostram o mundo deles em portunhol e aos poucos ela mostra o mesmo em espanhol, e só depois iniciam a alfabetização. Ela reconhece ser um processo demorado, mas acredita que assim seja mais suave e as crianças podem participar ativamente desse processo.

O contato com educadores traz uma visão de fronteira que trabalha o portunhol a partir de perspectivas reais do *existe*, *precisamos resolver*, e *criação de soluções*. Tive contato com educadores desde o início da pesquisa e ao falar sobre fronteira o que eles me retornavam era as dificuldades dos estudantes em se adaptar ao espanhol, a precariedade das escolas na região, estudantes indocumentados, e a falta de um futuro promissor para os jovens que não aprenderam o espanhol. Situação que tem mudado nos últimos anos, com a construção de universidades na região e investimentos no ensino básico.

Em uma atividade dinâmica realizada no Museu da cidade de Rivera com professores da rede pública e privada de Rivera convidados previamente o assunto foi retomado. A atividade foi organizada por um grupo de extensão da Universidade Federal de Pelotas, coordenado pela professora Doutora Louise Prado Alfonso com

o objetivo de montar uma exposição itinerante sobre a fronteira. O grupo, que incluía os estudantes da UFPel<sup>6</sup> (alunos de graduação e pós-graduação em Antropologia, graduação em Arqueologia e Letras e pós-graduação em Museologia), a doutoranda em Psicologia da UCPel e atual psicóloga da FURG Jaciane Araujo, a professora Louise, funcionários do museu, o diretor do museu, os professores convidados e um apresentador de um programa de televisão local, sentaram formando um círculo e a conversa começou. A seguir transcrevo alguns trechos do diário de campo da atividade.

*“Voltar para a fronteira requer uma ressignificação da minha identidade, fazer isso com pessoas que convivo no Brasil, para fazer um trabalho que realizo no Brasil, significa em eu assumir a minha identidade de fronteira reconhecendo a identidade brasileira, é estranho ter que conviver com as duas identidades simultaneamente.*

*Eram o mercado brasileiro onde meu pai fazia as compras para preparar alimentos e vender no Uruguai, era a rua onde minha tia morava e o endereço que eu uso como meu para virar cidadã brasileira, era o ônibus que me levaria para a casa dos meus pais e por outro lado, era o micro-ônibus da universidade brasileira na qual eu estudava e que tinha benefícios logrados a partir dos endereços da minha tia, eram os meus colegas de trabalho, eram os meus professores, dois mundos diferentes, que ao se juntarem faziam com que a minha cabeça explodisse de confusão, a final de contas quem eu sou ali?*

*A pessoa responsável de vir nos buscar por alguma razão não foi, mas mandou um homem numa camionete que estava como oficial da intendência de Rivera. A camionete parou na frente do mercado, do lado brasileiro, onde o micro-ônibus nos deixou, transferimos as nossas bagagens do micro para a camionete, de um carro oficial, para outro carro oficial de outro país, as ironias ao Estado começaram e tiveram seu fim só após o término da viagem.*

*Num carro oficial do Uruguai, um grupo de brasileiros e uma sem identidade (ou com muitas identidades) foram parar no exército nacional do Uruguai. O pessoal não teve dificuldade em se comunicar com os soldados, a final de contas, todos eles eram da fronteira e falavam em portunhol, não só com a gente, por estarmos ali representando o Brasil, mas entre eles, gritavam-se de um lado a outro do pátio em*

---

<sup>6</sup> Agradeço infinitamente aos meus colegas que me ajudaram a dar mais um passo na pesquisa. Louise, Vágner, Taciane, Marcela, Jaciane e Gustavo.

*portunhol. Contaram como ser do exército era para muitos ali o meio para conseguir ter um emprego seguro, podendo sustentar as suas famílias, saíam jovens de casa e sendo do exército, seus pais não precisavam gastar com eles. Esta declaração demonstra as dificuldades em conseguir emprego na região, considerando que o modo de sustento das pessoas, em número considerável é o comércio, como já afirmado por Behares (1984) que ao estudar a fronteira em questão mostra a importância do comércio (Diário de Campo, 2016).*

Trabalhar em uma instituição oficial coloca em oposição à cultura desses soldados fronteiriços com a estrutura da nação. Sendo estas situações um conflito entre a ação individual dos soldados e as normas coletivas, Bateson (2008) define estes momentos como cismogênese<sup>7</sup>, um elemento ritual e conflitivo fundamental para a manutenção das sociedades. Sendo soldados estas pessoas precisam incorporar o modelo de cidadão do Estado o qual entra em contraste com o ser fronteiriço, portanto, existe uma quebra com o ser fronteiriço para se tornar um soldado, mas um soldado reinventado, um soldado fronteiriço.

*Depois de nos acomodarem nos dormitórios, pedi para usar o telefone da base, eu, do grupo de pessoas que estão ali no exército do Uruguai representando o Brasil, realizando uma exposição sobre a vida de fronteiriços, estava indo ligar para a casa dos meus pais, residentes no Uruguai. Eu preciso deixar claro que não é só o idioma que se mistura na minha cabeça, essa é a parte que fica exposta para as pessoas, eu fico confusa com quem eu devo ser. Existem momentos em que fui cada identidade e coisas que esses momentos significam. Então, ou eu sou filha ou sou antropóloga, o exercício de estranhamento se torna um desafio que nem sempre é logrado.*

*O almoço na base foi servido num salão especial, não junto com os soldados com menos prestígio, nos sentaram no andar de cima, em uma sala com tevê, sofás, quadros e uma mesa redonda grande e bonita. A realidade que se apresentou no exército era diferente daquela que me foi relatada toda uma vida, de um lugar difícil de viver, com poucos recursos, entretanto reafirmo que fomos tratados com o melhor que o exército tinha para nos oferecer, acredito que por nossa ligação com o Estado brasileiro.*

---

<sup>7</sup> Definido por Bateson (2008) como processos de diferenciação: “um processo de diferenciação nas normas de comportamento individual, resultante da interação cumulativa dos indivíduos” (p.223). Utilizo esse conceito pensando numa quebra de papéis necessária dos sujeitos, um momento conflitivo e ritualístico.

*No final da tarde o grupo de professores viria para realizarmos a reunião. Próximo da hora da chegada deles, o borbulhar no estômago e o fogo nos olhos voltaram, eu poderia ser simplista com vocês e só falar que estava com vergonha, mas, na verdade, minhas pernas tremiam do medo que eu tinha que eles classificassem o meu trabalho como errado, que falassem que não era assim, ainda mais, algum daqueles professores poderia ter sido meu professor na escola, e misturar esses dois períodos: escola no Uruguai com trabalho no Brasil era exigir ainda mais do meu equilíbrio de identidade. Eu não sou nenhuma Yin-Yang, estou mais para o quadro do grito do Edvard, essa situação estava provocando que eu virasse uma sopa de letras que não formassem palavras, e que em vez de letras fossem símbolos de uma língua muito antiga indecifrável.*

*Os professores começaram a chegar e a se acomodarem. Não demorou, para que a sala estivesse cheia e eu tivesse certeza que ninguém ali me conhecia, perfeito para minha saúde mental, durante a reunião eu poderia ser a Isis, aluna de antropologia, simples e direto. Louise Alfonso iniciou a sua fala empolgada e provocativa apresentando-se como “aquela que trabalha com grupos em processo de exclusão” (Diário de Campo, 2017).*

Partindo do princípio oficial e hegemônico (GRAMSCI, 1978) que certos grupos são sempre escolhidos propositalmente para não fazerem parte da história, com a intenção que os seus modos de habitar, de falar, de trabalhar não sejam considerados modelos culturais, mas simplesmente um período ruim para aquelas pessoas, que tornam um Estado-nação em atrasado, enfim, algo a ser superado.

Isso aparenta ser mais óbvio quando falamos dos “outros” e de grupos como negros, travestis, prostitutas, indígenas, moradores de favelas etc., mas não é quando falamos da gente. As reações de indignação e de não compreensão dos professores, por ela falar propositalmente em travestis como em situações de semelhança e dois segundos depois de fronteiriços, como sendo semelhantes. Entender que travestis eram excluídos era fácil, mas de que eles eram, não era. Entendo os professores, eu demorei quatro anos para aceitar as similitudes entre os dois grupos e mais ainda para aceitar que era resultado de Estados centralizados e criadores de modelos nada multiculturalistas.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> O Estado cria um modelo de cidadão e todos aqueles que não se encaixam ficam numa corrida eterna de tentar se encaixar.

Deixem-me tentar expor essa não aceitação de uma maneira mais direta não é legal ser excluído, não é agradável ser considerado um atraso para os países. Sendo assim, nega-se, da forma que for, e há um esforço para sair dessa situação, porque é isso que o Estado quer. Os professores estavam ali representando o Estado uruguaio, do sistema público de educação e de instituições privadas, de diferentes escolas, localizadas nas mais diversas partes da cidade, tornando o trabalho deles em realidades diferentes, ocasionando pontos de vista diferentes sobre o assunto. É necessário considerar que nós estávamos ali representando outro Estado, o brasileiro, carregávamos o nome da nossa instituição. Desse modo, seja lá o que eles falarem, era uma fala para a gente, um discurso específico e isso foi considerado em todos os momentos, existe um lugar de fala e um lugar de escuta.

Eram uruguaios e fronteiriços e precisavam tornar a narrativa da fronteira para nós em algo considerado bonito. Inicialmente não entendiam que não estávamos ali para considerá-los como atrasados, mas sim para tornar o cotidiano deles em uma narrativa oficial. A partir do momento em que a cultura de fronteira estivesse exposta no museu<sup>9</sup> ela competiria com recursos suficientes com a narrativa oficial do país, se tornando uma ferramenta de empoderamento, é uma nova forma de escrita antropológica (LOTIERZO & HIRANO, 2013).

*Louise relata como os nossos projetos na UFPel, como o do Passo dos Negros, é para mostrar outras histórias e contradizer com os discursos oficiais, os quais dizem que os patrimônios de Pelotas são apenas os casarões. Enfim, essas explicações eram para expor como é possível falar de coisas que normalmente não são faladas (CARVALHO, 2004)<sup>10</sup>, como o portunhol e o contrabando. Além de provocar pensar o que significa uma exposição em portunhol num museu.*

*Ao fazer a minha fala sobre a pesquisa que venho desenvolvendo e continuar falando do que estávamos fazendo ali optei em usar o português. Como a antropologia para mim está diretamente relacionada à faculdade e ao Brasil, lugar de se falar português, sabia que tentar fazê-la em espanhol<sup>11</sup> era difícil. Dessa maneira, a fala ter sido feita em portunhol era vista como quase impossível para mim, pelo*

---

<sup>9</sup> Como era a proposta do projeto de extensão.

<sup>10</sup> Carvalho (2004) discute o papel das universidades públicas em pesquisar, mostrar, falar coisas que normalmente não são faladas, discursos que se oponham aos hegemônicos, como é o caso do portunhol, um enfrentamento direto às línguas oficiais, o espanhol e o português.

<sup>11</sup> Descobri recentemente que eu nunca soube falar em espanhol.

*que aquelas pessoas representavam para mim, dois Estados agindo sobre a minha fala. A antropologia me exigia a fala em português pela sua total relação com uma instituição brasileira, motivo pelo qual me obriguei a aprender o português rapidamente. Por outro lado, os professores representavam todos aqueles que um dia me reprimiram por eu ter falado em portunhol na escola.*

*Dando continuação à reunião foi apresentado o material educativo<sup>12</sup> e questionado quais as necessidades dos professores, não responderam imediatamente, deram uns sins meio desconfortáveis, do tipo “tanto faz”, como se não tivessem interesse por aquilo. O portunhol foi colocado como um desafio da exposição, não apenas para mim, que deveria tornar todo um saber científico, padronizado em uma língua do afeto. Como escrever esses painéis? Os professores falaram dos diversos portunhóis, cada região tem o seu portunhol e que era uma língua falada e não escrita. Mas é necessário lembrar dos cantores, poetas, dramaturgos e escritores que fazem as suas obras em portunhol, algo escrito, concretizado, uma revolução. Foi mencionado que nem todos escutam essas músicas, ou leem essas obras, mas outros defenderam falando que não chegava a todos por não passar na mídia, porque a mídia escondia e o fazia por ser algo feio.*

*Foi apontada a dificuldade de trabalhar esse material se ele fosse em portunhol, porque nem todas as crianças falam em portunhol. Então é considerado normal exigir que uma criança de seis anos, ao entrar na escola, aprenda de forma nada pedagógica a falar em outro idioma, no caso o espanhol, mas as outras não precisam aprender o portunhol? Existe uma valorização de uma cultura em detrimento de outra, o que ocasiona que o norte do Uruguai tenha os maiores números de analfabetismo, evasão escolar, menores trabalhando e os salários mais baixos, concentrados sempre nas mesmas regiões da cidade, na zona periférica. Existe um problema de nível nacional que é simplesmente resolvido a partir de um massacre cultural por meio da educação (BEHARES, 1984)<sup>13</sup>.*

*O discurso dos professores mostrava como era feio o portunhol, negativo, que ele não combinava muito com o meio escolar. Não gostam quando falam que o portunhol é bonito, acreditam que ele seja o motivo dos índices anteriormente falados. Afirmam que as crianças sofrem em aprender o idioma e por consequência*

---

<sup>12</sup> Um material criado especificamente para a ocasião, onde era possível trabalhar o portunhol didaticamente. A mostra era para os professores modificarem o que achassem necessário.

<sup>13</sup> Behares aponta nos seus trabalhos como a educação uruguaia funciona como uma política de homogeneização linguística.



*ter um bom rendimento escolar, poucas chegam ao final do ensino médio, e só aquelas que aprenderam o espanhol, as outras são discretamente expulsas do sistema educacional, por não conseguirem se comunicar com os de fora da fronteira, portanto seus limites são os limites da cidade (Diário de Campo, 2017).*

Acreditar que estamos isolados, deixados para lá, colocados no limite, quase para fora, portanto distantes dos centros dos países, que é onde tudo acontece, não torna obrigatória a distância das pessoas do Estado. Este não tem seu poder centralizado só num lugar e não chega de cima para baixo, existe uma convivência cotidiana das pessoas com o Estado. Escolas, museus, oficinas governamentais, bancos, aduanas, entre outras instituições são o Estado e as pessoas interagem com ele. E o mais importante, as pessoas sabem que isso é o Estado. O conseguir benefícios em ambos os países de forma não convencional torna explícito que eles sabem que estão fazendo algo considerado ilegal, que sabem os meios para conseguir os benefícios e sabem que estão trabalhando com duas legislações diferentes, apenas isto já se constrói como um movimento contra hegemônico.

O Estado foi criado com a justificativa de manter a ordem e servir às pessoas que fazem parte da comunidade em questão. Desse modo, as leis são criadas por meio de demandas sociais ou surgem como tentativa de mudar de alguma forma o *ethos* das pessoas (SOUTO & SOUTO, 1981). Por esta razão, se na fronteira o cotidiano se contrapõe com o oficial, portanto com os padrões normativos. Ou é porque eles não enxergam as dinâmicas sociais que acontecem naquele lugar, ou pelos Estados quererem mudar aqueles modos de habitar, falar e fazer. É neste ponto que expor num museu público do Estado as dinâmicas sociais da fronteira se torna importante e, novamente, contra hegemônico. Ao estarem posicionados na parede da sala de exposição esses modos considerados errados eles se tornam oficiais, se tornam um discurso.

Por este motivo, os discursos, por parte dos professores presente ao encontro, sobre essas atividades clandestinas, como o contrabando ou a posse das duas cidadanias, brasileira e uruguaia são constituídas por palavras como fraude, oportunismo, mas também palavras como: naturalizado, normal, do dia-a-dia. A defesa do suposto oportunismo por parte dos fronteiriços deu-se a partir de acreditar que as pessoas não fazem os documentos querendo uma identidade, no sentido de pertencimento, mas sim para conseguir benefícios, como comprar um carro ou ter cartão de crédito. A primeira coisa que precisamos pensar é nessa divisão de

sentimento de pertencimento de uma identidade política, como se as duas não estivessem juntas, sentir-se parte de algo é um ato político. Por outro lado, o caráter supostamente oportunista da conquista de cidadania é algo que pode constituir-se como táticas (CERTEAU, 1998)<sup>14</sup> para conviver com o Estado, não o desconsideram, mas absorvem aquilo que é bom do Estado, além de ser uma tradução feita pelos cidadãos das instituições do Estado. Foi exposto como na antropologia estas dinâmicas não ganham caráter de positivo ou negativo, mas são observadas para compreender as relações sociais.

*Essa fala de neutralidade cria novos discursos por parte dos professores, começando a discutir questões de ilegalidades, mas que era algo feito por todo mundo ali, que muitos compraram seus eletrodomésticos no Brasil e as compras mensais eram feitas em supermercados brasileiros. O caráter de algo do cotidiano que está além do controle deles, os torna fronteiriços e não representantes do Estado, então, todo mundo faz contrabando e todo mundo fala portunhol. Mas ao mesmo tempo surgem as frases do tipo “eu compro só para o uso da minha família”, ou “meus filhos não falam portunhol”, “na minha sala de aula, eles precisam falar em espanhol” ou até mesmo “eu apanhava quando criança se falasse portunhol”.*

*Os meios de lograr identidades foram classificados pelos professores presentes como os mais legais e os menos legais. Aqueles que tem um dos pais brasileiro e o outro uruguaio, tem direito a ter a cidadania dos dois lados e isso é classificado como legal. Os que pedem a sua cidadania por morarem na fronteira é algo considerado legal. Entretanto, aqueles que forjam um endereço do outro país para conseguirem os documentos são considerados como ilegais. Já nascer dos dois lados é o considerado mais ilegal de todos.*

*O mais importante de ressaltar dessas outras cidadanias é que todas elas se configuram como uma ferramenta social que surgem de movimentos aparentemente individuais, mas compartilhados por uma coletividade. Ação naturalizada pelas pessoas, por esta razão começa a dúvida se pode ser caracterizado como um movimento contra hegemônico. Acreditam que não se configura como contra hegemônico, mas sim subalternos, porque são algo que estão por debaixo do oficial e as pessoas não pensam nessas ações como algo que quebraria suas amarras*

---

<sup>14</sup> De Certeau (1998) mostra como as pessoas criam estratégias e táticas no cotidiano para lidar com as oficialidades.

com o Estado. A minha pergunta é “não é isso que configura um movimento contra hegemônico?” “E por que retirar a agência das pessoas?”

Foi provocado a pensar se as coisas tinham mudado de quando eles eram crianças para agora, os relatos são os mais diversos. Muitos retiraram as suas roupas de representantes do Estado e se vestiram de fronteiriços<sup>15</sup>, foi despertado naquele momento as lembranças da infância daquelas pessoas, período em que o portunhol era como conversavam com os seus pais, seus avós e amigos, e as identidades não importavam. Muitos confessaram que conheceram o espanhol no primeiro dia de aula e como aquilo foi um impacto para eles, o processo para aprenderem a falar e a escrever em espanhol foi algo demorado e difícil, processo que esqueceram. Outros apanhavam quando falavam em portunhol em casa, então de casa já partia o espanhol. Chegaram à conclusão de que o Estado impõe o que é correto há muito tempo, em alguns momentos a imposição é mais violenta e em outros a coerção é implícita.

Apresentada e discutida toda esta fronteira entra a questão: como colocar tudo isso numa exposição no museu em que a fronteira se sentisse representada? O portunhol pode ser apagado e ela ser feita em espanhol, mas isto é algo que sempre se faz, é desse modo que a cultura de fronteira não tem protagonismo e que continua num estado de subalternidade, mas não seremos nós que decidiremos. Apesar do discurso anterior as defesas de fazer a exposição em portunhol foram unânimes, deve ser feito em espanhol e grupos excluídos devem ser mencionados, a narrativa deve ter diversas vozes. E o importante para viver a exposição é “Dejar el uruguayo o brasileiro afuera y entrar como fronteiriço”.

Neste momento, o suposto fracasso estudantil deixa de ser mencionado e as classes sociais mais baixas deixam de serem grupos que precisam ser resgatados para virarem protagonistas de temas de uma exposição num museu financiado pelo Estado (CARVALHO, 2004). O portunhol é uma língua criada oralmente e este é seu uso maior (BEHARES, 1984)<sup>16</sup>, mas a sua presença escrita é fundamental nas ruas da cidade: nos cartazes de propaganda de comércio, nas pichações e grafite. Assim como nas letras das músicas, das poesias e na literatura, portanto, não seremos nós a tornar a língua escrita, ela já é. Outro ponto que mostra que é contra

<sup>15</sup> Se vestir de fronteiriço foi a fala de um professor, que falou que para entrar nessa exposição precisavam se vestir como fronteiriço, ou seja aceitar esse ser fronteiriço, para viver o momento.

<sup>16</sup> Na linguística, Behares é um dos primeiros a estudar as línguas de contato entre o Brasil e Uruguai.

*hegemônico é ele ser negado, se não fosse tão negativado pelo Estado não precisaria ser contra hegemônico, o fato dele continuar existindo e se reformulado já é importante, “tem gente cantando, tem gente sobrevivendo”.*

*Torna-se necessário pensar que exposição é essa que mostra coisas que não são comuns no museu? Não conseguiremos mostrar tudo, mas o esforço e o compromisso foram dados. Após todos comprometerem-se com o projeto a discussão foi em volta de cadastrar todo o grupo na plataforma da UFPel, mas eles são estrangeiros, a complicação foi nossa, porque imediatamente afirmam ter CPF. Preciso terminar esta narrativa afirmando que todos somos tudo e nada.” (Diário de Campo, 2015)*

Percebe-se que o discurso dos professores muda com o percorrer da reunião, a situação de fala era de apresentar a fronteira de maneira que se encaixe com as normas do Estado, admitiam a existência de atos considerados ilegais, mas como fácil de serem solucionados. Passaram a admitir a cultura de fronteira e deles serem fronteiriços. Finalizam afirmando que apesar de serem uruguaios possuem documentos brasileiros.

Este fenômeno constitui-se, assim como o mencionado anteriormente com os soldados, como uma quebra e reinvenção de seus papéis (BATESON, 2008)<sup>17</sup> naquela reunião. Inicialmente eram professores, representantes do Estado, após as identidades entrarem em conflito, fazendo com que eles se afirmassem como fronteiriços, mas como responsáveis de falar sobre fronteira com os seus alunos. Houve uma suspensão de papéis (TURNER, 2008)<sup>18</sup>, a reunião é o momento que permitiu essa suspensão, dramatizou que nós sejamos o Estado brasileiro e eles o Estado uruguaio, criando uma tensão no que é estruturado. Os papéis de representantes do Estado ganham novos significados, há um rompimento, logo uma crise de identidade, uma ação corretiva que torna o ser fronteiriço bom e uma reintegração como representantes dos Estados responsáveis de demonstrar para os seus alunos uma fronteira que não é negativa. Ao contrário do que o Turner acredita,

<sup>17</sup> Bateson, 2008, discorre sobre certas situações que fazem com que os sujeitos deixassem de cumprir os papéis anteriores e assumissem papéis novos.

<sup>18</sup> Naquele momento os professores não eram mais obrigados a cumprirem com as obrigações de professores. Turner, quando fala de sujeitos milenares, no caso dele, de hippies, artistas, etc. fala que uma das coisas que podem diferenciar esses sujeitos é a suspensão, mesmo que temporária de obrigações. Uso ele no caso, para mostrar como os sujeitos deixam de responder certas obrigações, quando se colocam nesse estado de liminaridade.


de que no momento da reintegração os sujeitos assumem seus papéis novamente, aposto num outro sentido para o ritual, aproximando-se mais das definições dadas por Leach (1996), de que esses conflitos são o momento criativo da sociedade.

O portunhol é visto pelos Estados, mas o consideram como irrelevantes enquanto não for um problema, ou seja, enquanto ela estiver dentro do seu espaço, em lugares determinados das cidades em que se fala o portunhol e usados em momentos específicos está tudo bem. Está é a relação de poder de lidar com um fenômeno considerado inferior, mas inofensivo (EVANS-PRITCHARD, 2005). A partir do momento que o portunhol invade as escolas ele se torna um problema, portanto busca-se ferramentas para combater esse suposto mal.

O resultado foi a exposição que mostrarei a seguir, realizada nos corredores da UFPel. Atualmente os banners está no Centro Universiário de Rivera da UdelaR.

**FRONTERA: TIERRA DEL HAMBRE, DE LOS NIÑOS DESCALZOS, DOS QUE TEM MUITO Y DUS QUE NAUN TEM NADA**

O que é o español? E o português? Por que ficam falando que a gente fala errado?



Me complican por fala errado, mas nunca entendi. Muestro acá nuestra lengua, el portuñol como una lucha, para que todos vean que nuestra forma de falar y de estar en el mundo no estan errada. O Portuñol no es un simple erro de muita pessoa, no es el español con falta de ortografía, o u português mal escrito, o portuñol es un idioma propio, nuestro idioma. Portuñol? Dizem que es cosa de guerra, un mamarracho, pero yo creo que es cosa de madre, de poeta y amante.






FIGURA 4 - Banner 1 – Exposição “A fronteira pelos fronteiriços e fronteiriças”

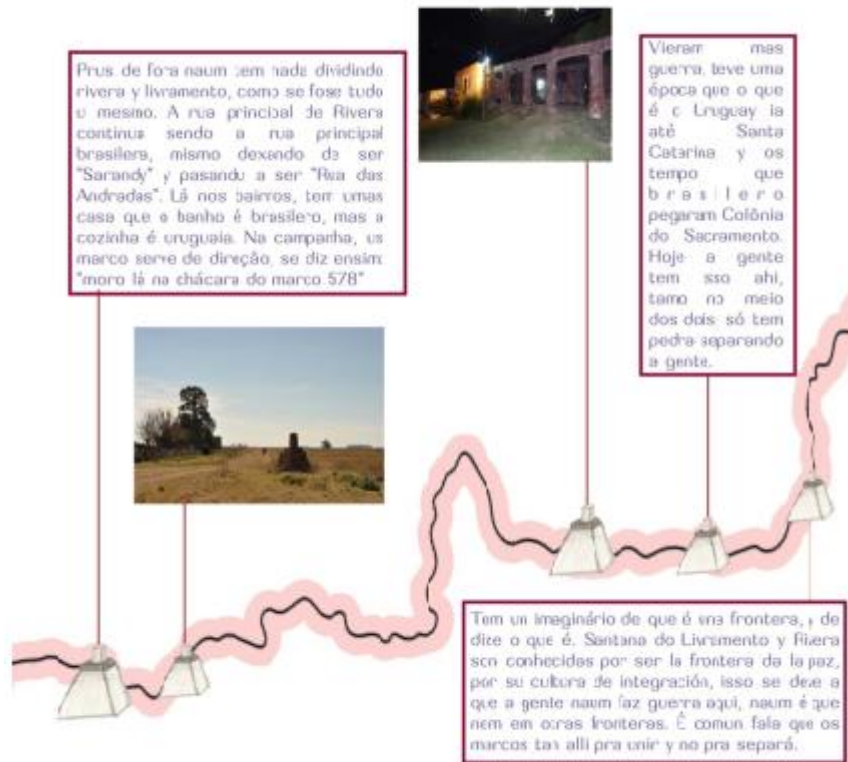


FIGURA 5 - Banner 2 – Exposição “A fronteira pelos fronteiriços e fronteiriças”

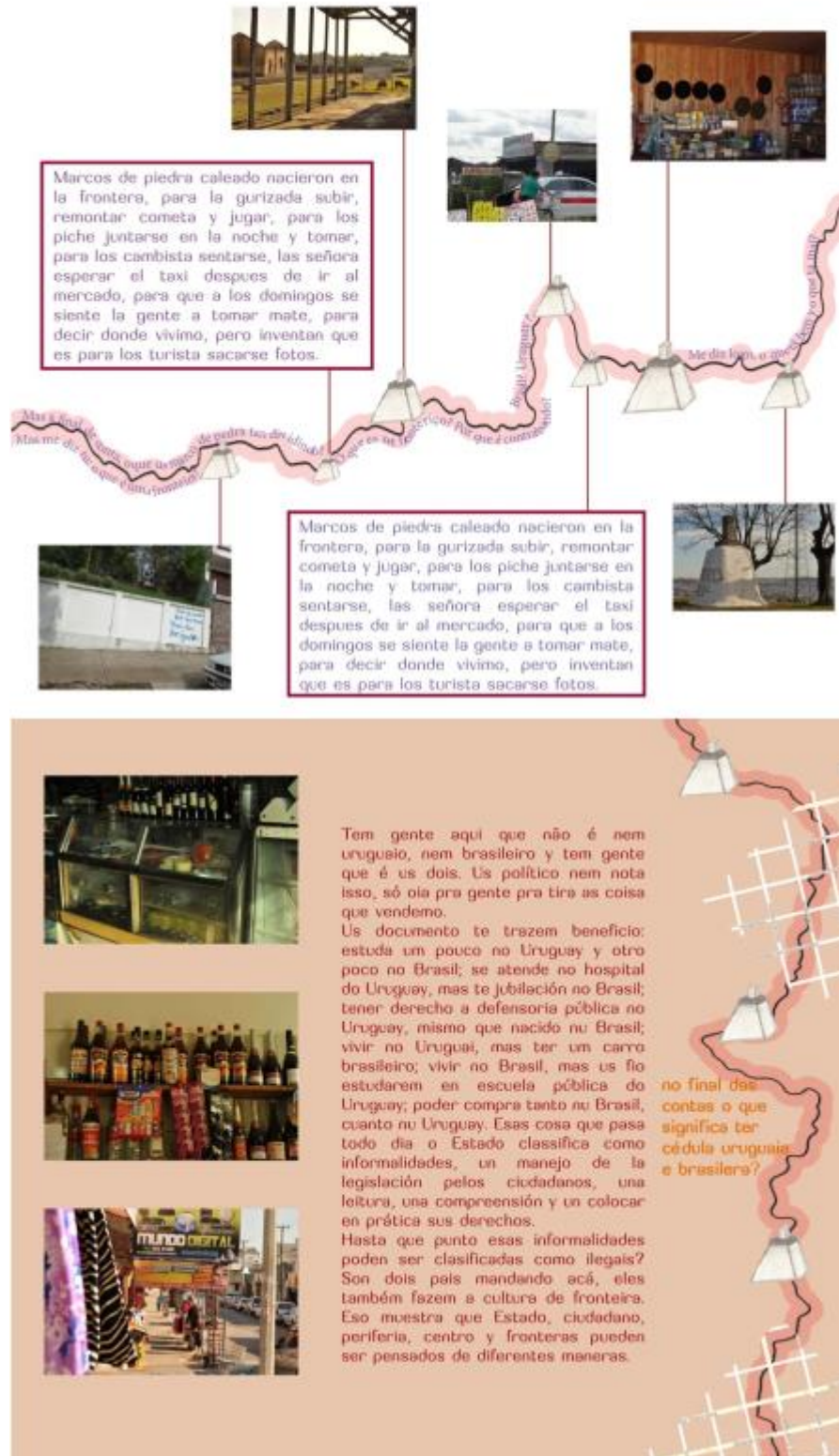


FIGURA 6 - Banner 3 e 4 – Exposição “A fronteira pelos fronteiriços e fronteiriças”



La frontera vista naum como un limite, mas como o fronterizo vive la frontera: como un lugar con limites abiertos, proporcionador de oportunidades, criadora de situaciones que permiten u desenvolvimiento de dinamicas que atropallan la ordem du Estado, desestruturadora de normas, fazendo com que u Estado implante as mais diversas políticas pra torna este lugar una dualidade, un Brasil y un Uruguay, cada vez mas una de las naciones y menos la frontera como ela es, definiendo u que faz y o que naum faz parte da nacion.

Leyes que vem de fora y naum faz u menor sentido pros fronterizos, existe uma diferença entre quien son as personas deste lugar y quien el Estado quiere que seamos.

La relación entre us dois lados es de cidadanias, economia y pertencimiento a una nación y a la comunidad local. Las identidades se mezclan, mas naum viran una solo, pero nuestra manera de vive es la mesma, una cultura de frontera, que no necessariamente es la cultura brasileira y uruguaya fundidas.

**Lo que hace la frontera Frontera? Tu conseguiv entender lo que esta escrito? Como es la frontera pra ti?**

**A FRONTEIRA PELOS FRONTEIRIZOS E FRONTEIRIÇAS**

Este exposição é resultado da pesquisa "Yo nacl numa fronteira donde se justan dos pueblos": Uma "autoetnografia situada entre o Brasil e o Uruguay" (PEREIRA, 2015), no âmbito do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR, vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. O projeto de extensão "A Fronteira Pelos Fronteirizos e Fronteiriças" está inserido no projeto de Pesquisa "Margens: grupos em processos de exclusão e diferentes formas de habitar Pelotas". Esta exposição objetiva o contato entre a comunidade e a universidade, por meio de um debate sobre a fronteira.

**Créditos**  
 Coordenação Geral: Louise Prado Alfonso e Isis Pereira  
 Curadoria da Exposição: Louise Prado Alfonso, Isis Pereira, Jaciana Araujo, Vagner Barreto, Marcela Dode, Taciane Souza, Gustavo Fiorini e Jaime Mujica  
 Design Gráfico: Gustavo Fiorini  
 Fotos: Bianca Dornelles e Angel Pereira  
 Agradecimentos: aos/as fronteirizos/as que dedicaram o seu tempo a nos contarem sobre a sua fronteira, à equipe Moviola pelas imagens fornecidas, ao Angel Pereira pelo seu registro sensível da fronteira, à Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia e à Fapergs.

FIGURA 7 - Banner 5 e 6 – Exposição “A fronteira pelos fronteirizos e fronteiriças”

### 1.1. A FRONTEIRA PELA QUAL FUI ENCANTADA

O Brasil tem tantas fronteiras e cada uma delas tem a sua gente que a faz ser o que é. Eu cresci na fronteira das cidades de Santana do Livramento-Brasil e Rivera-Uruguai. Um espaço com uma paisagem muito curiosa: o vermelho da terra se mistura aos poucos com o cinza do asfalto; lojas espalhadas pela cidade, com produtos que invadem as calçadas; o cheiro do frango-assado se mistura com o do pão saindo do forno. Na cidade o barulho das buzinas dança com vozes de gente falando em portunhol e no campo o idioma peculiar se mistura com o som do vento pampiano<sup>19</sup>. É a terra vermelha, o amarelo da *mariamol*, o verde do campo, o branco dos marcos caleados<sup>20</sup>, junto com a dança da gente, das mercadorias e do vento que vai e vem<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> O bioma da região é o pampa, as planícies da região são propícias para um vento forte e gelado.

<sup>20</sup> Os marcos da parte central da cidade são constantemente pintados com cal branca.

<sup>21</sup> No apêndice reúno algumas fotografias do trabalho de campo que permitem ilustrar a evocação da vida na fronteira.



FIGURA 8 – Trabalho no pampa. Fonte: Acervo da autora, 2015.

As cidades são desenhadas por marcos de pedras que estão lá para demarcar um limite físico de um Estado-nação, mas não de uma cultura, ela está além do marco. Para estrangeiros, a primeira impressão é a que não há nada separando os dois países, como se as duas fossem uma cidade só. A final de contas as pedras que fazem o chão da Praça Internacional<sup>22</sup> parecem ser idênticas de um lado e do outro. Mas quem é de lá sabe bem que lado é o quê, percebem até pela grama cortada ou não da praça. Os marcos de pedra fazem parte da vida dessas pessoas, servem de endereço, de expositor para suas vendas, para amarrar o varal e secar a roupa, brincar, se manifestar, namorar e tantas outras coisas.

---

<sup>22</sup> Praça central das cidades de Santana do Livramento e Rivera, serve como marco de separação, ou de união.



FIGURA 9 – Marcos de pedra na área rural da fronteira. Fonte: Acervo da autora, 2015.

Quando eu penso em fronteira me vêm à mente um portão gigante e verde separando as duas cidades, para outras pessoas é um muro, um rio, marcos de pedra, arame farpado, policiais, câmeras de vigilância, detector de metal, um deserto, uma montanha. Desafiei meus interlocutores a me descreverem as cenas que vierem a sua mente quando eu falasse a palavra fronteira, os rostos pensantes descreveram lugares incríveis. Um, em especial, descreveu o seguinte: *sou eu, estou na fila da ricofrango<sup>23</sup>, o Carlinhos me cumprimenta, falo pra ele "tu anda desaparecido", ele riu e continuou carregando caixas. Era minha vez de pagar, entreguei um pouco de peso e outro de real. Fui pra moto, Carlinhos colocou uma caixa com 8 frangos na moto e fala "essa tá bom, do jeito que tu gosta, o tamanho perfeito". Ri, coloquei o casco, arranquei a moto e fui em direção a Rivera. O frango*

<sup>23</sup> Um frigorífico que vende por atacado e varejo, localizado na faixa da fronteira.

*brasileiro ia se tornar Uruguaio, mas acho que só tô pensando nisso porque foi você quem me perguntou. Porque eu trafico frangos já faz uns 20 anos, nunca parei pra pensar nisso.* (Diário de Campo, 2018)

O curto trajeto do frango que vem de frigoríficos do Rio Grande do Sul, vendido nas lojas e mercados de Santana do Livramento, comprados e levados ao Uruguai, assados no Uruguai, vendidos para o consumo tanto de uruguaios, como de brasileiros, podem no fim acabar na mesa tanto no Uruguai como no Brasil, isso é fronteira para Paulo. Ele não é parado pela aduana, policiais, revistado, nem perde a mercadoria, mas conta que isso já aconteceu, conta de tempos muito difíceis, em que parecia, realmente, que ele estava traficando. Sempre sustentou a família vendendo frango assado. Perguntei por que não usar frangos uruguaios e me conta que é muito caro, não valendo a pena. Parei para pensar e nem sequer lembro-me de embalagens de frango uruguaio, marca, ter visto em algum lugar. Conta que teve uns tempos que eram sim revistados, que ele precisava fazer uns caminhos alternativos para não ser pego, não atravessava a fronteira no centro da cidade, porque lá estavam os policiais fazendo um muro para revistar e retirar produtos brasileiros. Ele ia por um bairro e de carro para poder esconder os frangos embaixo do banco de trás que tinha sido adaptado para isso. Conta-me que as artimanhas não paravam por ali, ele tinha que assar os frangos na sala da casa dele, com as janelas e portas fechadas, *"por muito tempo nossa casa tinha cheiro de frango assado"*, para vender, as pessoas pediam, ele entrava em casa, pegava, embrulhava em papel e sacos e entregava. Assim mesmo, várias vezes foram fiscalizar, por ser dentro da casa dele, ele não deixava entrarem, e na loja ele tinha outra máquina com frangos uruguaios, mostrava uma nota comprovando isso. Conta *"um dia até decidi experimentar o frango uruguaio, pra ver né, porque tão caro, a mesma coisa, frango é frango"*.

Tudo isso surgiu quando falei fronteira e pedi para ele me descrever o que vinha à cabeça, frangos, então fronteira também é "frangos", esse era o significado para Paulo, poder sustentar a família e as lembranças de um momento difícil. Essa dificuldade não é/foi só de Paulo, outras pessoas já me contaram isso e isso é retratado por artistas, como no filme *O Banheiro do Papa* (2007), quando vários *bagayeros*<sup>24</sup> de Melo perdem suas mercadorias quando são parados pela polícia e

---

<sup>24</sup> Sujeito que faz bagayo, faz contrabando de produtos para vender.

pelas inúmeras estratégias que criam para conseguir atravessar a fronteira. A partir do momento que essa experiência foi descrita, a relação experiência e descrição é indissociável (RAMME, 1999).

São lugares esquecidos, ou melhor, lembrados apenas para fiscalização, para implementação de leis, para assegurar o espaço, mas não a gente. A maioria das pessoas são vendedoras, do que no momento estiverem comprando, as bancas são improvisadas onde tiver gente para comprar, vendedores ambulantes de meias pela *Sarandí*<sup>25</sup>, quando o centro está cheio de turistas, quando não, vão de porta em porta. Jarras elétricas, térmicas, roupas, *pancho*<sup>26</sup>, pipoca, pasta *frola*<sup>27</sup>, torta frita<sup>28</sup> quando chove, *alfajor* de maizena<sup>29</sup>, marcela no pós sexta-feira santa, cometa (pipa) no pré sexta-feira santa<sup>30</sup>, frango, pão, o que vier. A partir de 2005 a situação começou a melhorar, mais *free-shops*, portanto mais empregos, apesar de salários baixos é uma maneira de oficialização do emprego. Nos últimos anos houve um aumento de funcionários públicos, professores de secundária, por ter aberto na cidade um instituto de formação docente, professores de primária, funcionários da intendência (da prefeitura), policiais, militares. Há mais escolas, centros de atendimento infantil, projetos sociais como construções de casas populares, universidades. Quando saí da cidade ainda eram apenas cinco escolas de secundária, quando eu estudei lá, tive aula na igreja, clubes sociais, praça e containers. A escola oferecia lanche porque a maioria dos alunos não tinha comida em casa. O que vejo agora quando volto é outra realidade, escolas em construções de primeiro modernas, com quadras cobertas, salas com multimídia e ar condicionado, espaços de recreação, cadeiras para todos os estudantes, bolsa de estudo para os estudantes poderem só estudar. Cada vez mais jovens saindo da cidade para fazer cursos terciários, ou ficando na cidade, mas estudando, porque agora tem onde.

---

<sup>25</sup> Rua principal de Rivera.

<sup>26</sup> Também conhecido como cachorro-quente. Pão com salsicha.

<sup>27</sup> Torta doce, coberta de algum doce, normalmente com geleia de marmelo ou doce de leite com côco.

<sup>28</sup> Uma massa feita de farinha, água, sal e alguma gordura, tipicamente frita em banha de porco ou gado. Comida típica em dias de chuva.

<sup>29</sup> Um doce, semelhante ao típico bem casado brasileiro. A massa é feita de amido de milho e manteiga. Recheado com doce de leite e decorado com côco ralado.

<sup>30</sup> É tradição na sexta-feira santa as crianças empinarem cometa.



FIGURA 10 – Vendedor de Pancho na Praça Artigas. Fonte: Acervo da Autora, 2016.



FIGURA 11 – Banca de jornais na Praça Artigas. Fonte: Acervo da Autora, 2016.



FIGURA 12 – Vendas de cometa na Semana Santa. Fonte: Acervo da Autora, 2016.



FIGURA 13 – Banca tradicional de panchos na Praça Artigas. Fonte: Acervo da Autora, 2016.





FIGURA 14 – Vendedor ambulante de picolé. Fonte: Acervo da autora, 2016.



FIGURA 15 – Cambistas, vendedores de cigarro e de pipas. Mulher colocando as compras de mercado brasileiro num táxi uruguaio. Tudo no canteiro que divide as cidades. Fonte: Acervo da Autora, 2017.



FIGURA 16 – Catador na linha divisória. Fonte: Acervo da autora, 2019.



FIGURA 17 – Freteiro e vendedor de pipas. Fonte: Acervo da Autora, 2019.



FIGURA 18 – Vendas de bandeiras e camisetas na copa do mundo. Fonte: Acervo da Autora, 2014.

Se a fronteira que eu cresci já era pobre, a que os interlocutores me apresentaram, como Marina<sup>31</sup>, era muito mais. Marina foi à escola pela primeira vez com oito anos, deixou de ir com dez, nem sabe que séries ela fez, mas sabe ler e escrever. Trabalhou desde criança, levando sacos de farinha de um lado da fronteira para outro, aprendeu com a sua mãe, colocavam embaixo da saia e atravessavam. Casou-se cedo, teve filhos e continuou levando farinha de um lado para outro. A farinha era levada para a estação de trem de Rivera, cada saco equivalia a uma quantia, a farinha era contrabandeada para dentro do país. Logo, seu filho mais velho começou a ajudar e fazia o transporte de bicicleta. Havia pessoas que faziam de moto, cavalo, carrinho de mão, nas costas etc.

Pretendi com essas descrições mostrar como a fronteira é feita de imaginários, vivências, descrições e lembranças, mas também de poesia e de música. Os escritores falam do que conhecem, viveram, sentiram: suas feridas. A escrita por mais distante que seja passa pelo escritor. Michel Croz escreve:

<sup>31</sup>Marina tem 87 anos, nasceu, se criou e ainda mora na mesma casa, numa região que há muito tempo era periférica, atualmente, está na área central da cidade de Rivera, de fácil acesso a Livramento. Se apresenta como dona de casa, mas é bagayera desde o ventre da sua mãe.

Fue parado sobre el marco que el niño entendió después de haber sido obligado a copiar aquél párrafo absurdo del libro de geografía, donde decía que existen muchos tipos de fronteras, las económicas, las culturales, las políticas, y que hasta el cielo y los mares están divididos como si fueran rompe-cabezas.

Os desenhos traçados nestas páginas foram feitos a partir de gizes de cera coloridos. Cada giz foi entregue por um fronteiro com o qual em algum momento da minha vida me encontrei. Peguei esses gizes de cera carregados de histórias e desenhei, ou melhor: escrevi, porque não sou boa com desenhos. O resultado não pode ser considerado verdadeiro, porque essa nunca foi a intenção, aqui tem leituras da fronteira, ou melhor, fronteiras. Mas ser empática suficiente com os leitores para que conheçam um pouco da fronteira, pensei nestas linhas como um desenho por ele representar e não ser a coisa em si, por mais parecido que seja. Que nem a analogia de René Magritte com o cachimbo<sup>32</sup>.

A proposta sempre foi contar as histórias de um modo que os donos dessas histórias não fossem identificados. Os interlocutores desta pesquisa nunca pediram anonimato, mas eu percebi como certos acontecimentos socialmente aceitos na fronteira poderiam ser considerados crimes perante o Estado. Minha intenção não é transformar pessoas em personagens, mas sim foi construir personagens a partir de características, modos e histórias de vida desses fronteiros com os quais convivi. Não é a banalização da etnografia feita, mas sim uma forma de discutir sobre o lugar preservando a identidade das pessoas. Quando falamos de coisas que não deveriam ser faladas em certos lugares em alguns momentos torna-se uma obrigação do pesquisador pensar onde essas informações vão chegar e os nomes de que pessoas vão ser escancarados.

---

<sup>32</sup>A traição das imagens, 1929.



FIGURA 19 – Tumulo construído ao lado de um marco de pedra. Fonte: Acervo da autora, 2015.

São muitos os personagens que me entregaram giz de cera, talvez você os conheça: Marina, Carlos, José, Ademar, Blanca, Susana, Isis, Fabian, Agustin, Olyntho, Aldyr e tantos outros que não haveria páginas para escrever seus nomes. Eu poderia ficar aqui citando nomes eternamente e vocês ficariam tentando achar quem são essas pessoas. Essas pessoas com esses nomes devem até existir, mas talvez nem tenham sido elas a me entregarem o giz de cera, ou pelo menos não daquela cor<sup>33</sup>. A fronteira é feita de gente, e gente responsável dessa construção de uma fronteira nestas linhas escritas.

---

<sup>33</sup> Os nomes são inventados, os endereços trocados, as histórias invertidas, mas todos são fatos reais, contados por gente real.

A pesquisa teve seu início em 2014 como requisito para obtenção de título de bacharela em Antropologia Social e Cultural. Aos poucos a fronteira foi ganhando novos parâmetros e o entendimento dela algo mais complexo. De etnografias de famílias binacionais, passei a uma etnografia de documentos e o objetivo do momento é uma etnografia da arte fronteiriça; acrescentando à discussão o conhecimento de artistas regionais, entre eles Agustín Bisio, Olytho Maria Simões, Chito de Mello e Fabian Severo.

As perguntas que já provocaram o acontecer desta pesquisa foram quais são os modos de vida ditos fronteiriços? Como se desenvolvem? Como se apresentam? Quem são essas pessoas? Como lidam com as instituições oficiais? Que instituições criam? O que sentem? O que é para eles e elas ser fronteiriço? O que os poetas falam disso? O que os poetas da fronteira falam? Existe uma literatura de fronteira?

A proposta desta pesquisa é investigar o falar popular, as subversões linguísticas, acompanhar os traços de um modo de contar que demarca identidades e espaços. Uma fronteira criada não por Estados Nacionais, mas por palavras.

Vão existir por aí milhares de versões sobre a fronteira, existem as da ABIN, as do IBGE, as de inúmeros pesquisadores, sejam eles antropólogos ou geógrafos, mas também existe a fronteira dos fronteiriços e essa que eu quero discutir aqui. Todas essas são diferentes versões de imaginários de fronteira, todas são fronteiras imaginadas e nenhuma versão mais verdadeira que outra, apesar das versões oficiais (ABIN, IBGE etc.) serem consideradas mais reais.

Nelson Goodman (2006) afirma que a arte é produção de mundo, a poesia é uma forma de se representar no mundo. Quando Chito de Mello diz "*muchos me dicen que yo soy bayano, por esse jeito tan particular*" ele mostra como o resto do país o vê, mas ele continua "*soy de Rivera y soy del uruguayo, no me cambies la nacionalidad*" se colocando como um cidadão uruguaio, apesar do seu jeito de agir e falar, ele se coloca no mundo, se representa e luta por isso. Ele tem um discurso nativo que se torna representativo para o resto da comunidade e meu papel é entender como essa maneira dele ser, representa outras pessoas. A arte não é só um reflexo do mundo, a arte é o mundo, faz mundo, faz representações de mundo, não uma réplica igual, mas maneiras de representações.

## 1.2 ITINERÁRIO DE PESQUISA: SUAS ETAPAS ACADÊMICAS.

Fui provocada a pensar na fronteira de onde eu vinha pela professora Dra. Flavia Rieth. Como bolsista de monitoria na graduação em Antropologia sob supervisão dela, comecei a acompanhar os projetos os quais ela desenvolvia e estava envolvida. No momento (2012-2013), estava em execução o Inventário Nacional de Referências Culturais - Lidas Campeiras na Região de Bagé que visava a documentação da produção de conhecimento e o reconhecimento da pecuária enquanto estruturante da cultura gaúcha. Ela insistia em me perguntar sobre os gaúchos no Uruguai e sobre o movimento tradicionalista em Santana do Livramento. No início eu não prolongava as respostas porque, primeiro, eu nunca tinha pensado nisso; segundo, eu não achava interessante pensar sobre isso. Mas enfim, eu pensei sobre isso.

Para os uruguaios o gaúcho (naquele momento) não era tão valorizado e positivado como acontece no Rio Grande do Sul (2012). Mais sim, um personagem histórico estampado nos livros de história como um sujeito do campo, rude e solitário. Comentei para ela que eu nunca tinha visto um *gaucho*<sup>34</sup> na vida real, o que eu conhecia deles era das histórias que minha vó contava e do que eu tinha aprendido na escola. Por outro lado, e do outro lado, no Brasil, em Santana do Livramento, em setembro as ruas já estavam cheias de gaúchos, não só pelas vestimentas, mas eles se auto identificavam como gaúchos. Em datas nacionais, como 25 de agosto, quando é comemorado a independência do Uruguai, as crianças se vestem como *gauchos*, desfilam e dançam. Mas no Brasil aquilo parecia acontecer de uma forma de socialização que extrapolava a dimensão de culto à nação. Eram gaúchos modernos, roupas modernizadas, atitudes e até as danças, havia estruturas como clubes, que logo me mostraram que eram os famosos CTGs. Enfim, duas realidades para um único personagem o gaúcho, ou dois.

Atualmente, com o panorama político se assemelhando aos poucos com o brasileiro, o Uruguai começa a ter movimentos tradicionalistas de culto à nação, ressaltando símbolos pátrios, um deles o *gaucho*. Esses movimentos surgem juntamente com uma frente de oposição ao governo atual, pleiteando privilégios para os estancieiros, como redução de impostos e flexibilidade na legislação trabalhista.

---

<sup>34</sup> Sem acento, como em espanhol, pronunciando [g'au'tfo].

Carregando o slogan "*un solo Uruguay*", colocam o *gaucho*, como único cidadão válido. Esse novo *gaucho* ganha novas dimensões, de homem rude e pobre, passa a homens donos de grandes hectares de terra e umas quantas cabeça de vaca, dirigem suas camionetes e tomam seu mate em térmicas importadas.

Esse é o pontapé inicial do meu pensar a fronteira, essas semelhanças e diferenças. Ruben Oliven (1992) nesse ponto inicial foi essencial para me fazer entender a formação do Rio Grande Sul, e a criação do gaúcho como um personagem. Com ele também aprendi as dimensões do construir uma nação porque numa fronteira continua existiam essas diferenças, esses sujeitos atravessavam de um lado da fronteira para outro, em algum momento eles deixavam de ser *gauchos* e passavam a ser gaúchos? O sujeito estava morto já faz mais de um século de um lado e do outro ele anda pelas cidades em camionetes 4x4. Por que ele era bom de um lado e ruim do outro? Nos relatos dos livros, e nas histórias da minha vó, o *gaucho* era um sujeito temido, por ser ladrão, estuprador e sem limites e do lado brasileiro ele era um herói.

Só para compreender essa transformação de *gaucho* para gaúcho, de bom para ruim, eu precisei acompanhar todo o surgimento do movimento tradicionalista gaúcho, ler literatura gauchesca e ler sobre isso atualmente. Isso não foi um ponto extensamente discutido no TCC, mas foi inicial, o que me levou a pensar fronteira. Se tornou ainda mais importante quando a literatura passa a ser o centro norteador da pesquisa que desenvolvo. Tanto o *gaucho* como o gaúcho são personagens recorrentemente usados na literatura. Sempre descrito como um ser solitário e livre, a paisagem em que está é o pampa e o sujeito sempre está montado num cavalo. Essa narrativa se distancia um pouco do propósito do MTG do ser gaúcho como algo para socializar. Mas os escritores que usam estes personagens nas suas escritas não escrevem sobre o tempo atual, mas sobre um tempo em que a fronteira era feita de guerras e esse sujeito estava nelas. A paisagem em que o gaúcho faz partes são as planícies verdes, o Pampa fronteiroço, como ilustrado na imagem a seguir, uma foto registrada em um dia de campo.





Figura 20 – O pampa fronteiriço. Fonte: Acervo da autora, 2019.

Para entender um pouco do que estão falando, trago a obra *Don Segundo Sombra* (GUIRALDES, 1981):

“Por seu bem, o tropeiro traz a vida demasiado perto para poder perder-se em meditações de índole acobardante. A necessidade de lutar continuamente não lhe dá tempo para atardar-se em derrota; ou segue ou afrouxa de todo, quando já nem um pouco de poder lhe sobra para enfrentar a vida. Deixar-se amolecer por uma passageira amargura, expõe-no a tomar o grande trago de todo chimarrão que se acobarda: a morte. Uma grande dose de fé torna-se necessária a cada momento, e tem-se que tirá-la de dentro, custe o que custar, porque o pampa é uma estrada sem saída para o frouxo. Lei do forte é ficar-se com a sua ou ir-se definitivamente.” (GUIRALDES, 1981, P. 113)

Nem o *gaucho* nem o gaúcho definem minha pesquisa, mas sim a fronteira, desde sempre me proponho a pensar o que é viver numa fronteira, como fronteira se constrói, quem são essas pessoas que se denominam fronteiriços? Quando respondi essas perguntas surgiram outras, como por que o contrabando é tão importante? Essa é uma maneira de se fazer fronteira? ou é uma contra-fronteira? Essas pessoas que vão e vem todo dia são como o contrabando? O que significa a fronteira para vida dessas pessoas? O que sempre aparecia nas respostas dessas

questões era o portunhol, era como eles me falavam, então comecei a pensar nesse idioma, quem fala? Por que fala assim? Onde se fala assim? Onde não se fala em portunhol? Por que não se fala em portunhol em todos os lugares? O portunhol é só falado? Foi quando surgiu a literatura de fronteira escrita em portunhol, então eu passei a me perguntar quem é que escreve em portunhol? Por que escrevem assim? Para quem escrevem? Quem lê isso? Por onde circula essa arte? É algo atual? Do que falam? Como falam? São essas questões que tento responder agora

Cabe salientar que esta é uma pesquisa construída por gente, por coisas que pessoas me contaram. As cinco famílias que trabalhei num primeiro momento da pesquisa foram quem provocaram as questões seguintes até chegar na última. Então sempre que eu tento responder uma dessas questões surge uma nova ou lembro das falas dessas cinco famílias iniciais. Peço licença, neste momento, para agradecer a essas famílias, mesmo que talvez elas nem leiam.

*Doña*<sup>35</sup> Celeste sempre com um lenço na cabeça, o corpo inclinado pelas coisas da vida como ela mesmo falava. Parecia que muito tinha carregado, e tinha mesmo, mãe de 5 meninos, dois morreram antes mesmo de "vingarem". Trabalhou a vida toda no campo, falava que aquela terra nunca tinha dado nada, mas era o lugar no mundo que ela mais amava. E é um lugar apaixonante mesmo. Apesar da soja invadir de um lado e os eucaliptos do outro, o pedaço de terra e de mundo de *Doña* Celeste continuava verde, enorme, contínuo, forte e cheio de história. O terreno tinha partes no Uruguai e no Brasil, havia marcos no meio da terra dela. Havia um marco dentro de um mausoléu de um familiar morto já fazia muito tempo. Mas por essa presença nada comum de um marco dentro de seu mausoléu ele ainda era resgatado nas narrativas de seus descendentes. A casa em que moravam era muito antiga, já havia sido reconstruída muitas vezes, e muitas delas provocadas pelas guerras para demarcar os territórios.

---

<sup>35</sup> Dona



FIGURA 21 – Ida a campo pelos caminhos rurais. Na camionete levávamos insumos para serem consumidos no campo. Registrei o caminho de eucaliptos, enquanto me contavam como tudo aquilo antes era um verde infinito. Fonte: Acervo da autora, 2015.



FIGURA 22 – Casa reconstruída muitas vezes por conta das guerras de demarcações. Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Pedro é um homem do campo, apesar de não gostar muito de lá. Gosta mesmo é de sentar-se à mesa de um bar que fica exatamente na linha divisória, no centro das cidades de Rivera (uy) e Santana do Livramento (br). Um reconhecido bar da região, Pedro costuma beber cerveja lá sempre que vai para a cidade. Sua família o chama de louco, por andar sozinho pela cidade, carregando uma boa quantia de dinheiro na pochete. Seu Pedro já tem quase 90 anos, anda sempre de alpargata, bombacha, camiseta do internacional e óculos de sol. Contou-me e mostrou como ele vive a fronteira, os significados que a fronteira tem para ele. Conta histórias de outros tempos, de sujeitos errantes que passavam pelo seu campo de construções e incêndios, de animais roubados e assassinatos. Conta histórias que alambradores<sup>36</sup>, domadores e tropeiros contaram para ele quando era apenas um menino. Sujeitos que não viviam a fronteira, a atravessavam sempre em busca de trabalho, iam de um lado para outro, como quem vai de um bairro para outro.

Ele sempre admirou a liberdade desses sujeitos, conta com tom saudoso, de uma vez na sua juventude, quando tinha 14 anos decidiu seguir rumo pelo pampa junto com um grupo de tropeiros que passava pelo campo dos seus pais, a

<sup>36</sup> Ofício do campo, pessoa que coloca o alambrado.

empreitada não deu certo. Mas conseguiu uma boa história e conheceu outras pessoas com outras realidades diferentes da que ele conhecia. Conta de um sujeito misterioso, que me fez lembrar o Dom Segundo<sup>37</sup>, um homem quieto, solitário, forte e com uma presença muito marcante. Esse sujeito, que ele não lembra o nome, era um domador muito famoso na região do pampa, conhecido por não usar da força para domar os cavalos, inclusive os mais bravos. Dizem que ele aprendeu com os índios, ele sussurrava algo nas orelhas do cavalo e puxava os lábios<sup>38</sup>. Lembrei de Dom Segundo, por esse ar misterioso e por ser admirado por um menino.

Esses sujeitos não eram nem uruguaios, nem brasileiros, eram do pampa, da terra, mas não das nações, não tinham ligação institucional. Pedro, era filho de estancieiros, frequentava uma escola rural brasileira e um dia iria à universidade, tinha seus documentos em dia e sabia sua nacionalidade, era brasileiro, mesmo tendo uma mãe uruguaia. O campo da família era parte no Brasil e parte no Uruguai, não é que fossem dois campos, mas a fronteira atravessava o campo, há marcos no meio do campo deles.

Celeste é esposa de Pedro, uruguaia e também ainda não chegou aos 90 anos. Diferente de seu marido ela se criou na cidade, filha de um marceneiro e de uma dona de casa. Quando se casou foi morar no campo e desde então aquele se tornou seu lugar no mundo. Ela descreve o campo como um lugar tranquilo, vazio, um pano em branco passível de ser desenhado e colocar nele a história que você escolher.

Conheceram-se num baile no campo, quando Celeste visitava suas primas que moravam ali perto. Ela toda graciosa, dançava sem parar e sorria. Ele tímido, não gostava de dançar e era mal humorado. Como a conquistou é um segredo que eles não querem contar, mas sempre que falam disso dão risadinhas.

Celeste passou muito trabalho na vida, ficaram morando no campo da família de Pedro. As coisas não deram muito certo para eles, “não vingou”. Perderam um casal de gêmeos no parto, um filho com dois anos e uma filha adolescente. Decidiram que essa não era a vida que queriam para os filhos e compraram um terreno na cidade. A ideia era que seus filhos tivessem um lugar para morar quando fossem continuar os estudos na cidade, e assim foi. Seus filhos eram brasileiros, menos o último que nasceu no hospital de Rivera, recém inaugurado. Conta que

---

<sup>37</sup> Personagem principal de Dom Segundo Sombra, do argentino Ricardo Güirales.

<sup>38</sup> Quando me contou isso, me mostrou gestualmente puxando e dobrando seu próprio lábio.

sempre teve seus filhos em casa, na campanha, inclusive me mostra o quarto onde tudo acontecia. Quando ela dava sinais mandavam chamar uma parteira da região. Ela lembra em detalhes, o seu primeiro parto que durou 42 horas, ela conta que foram horas de dor, que o menino estava em posição transversal e tiveram que virar ele dentro dela, me mostra com as mãos como a parteira mexeu na sua barriga. O parto que se seguiu foi mais tranquilo, quando nasceu a menina, ela acredita que pela menina ser “miudinha” foi tudo mais fácil<sup>39</sup>. O parto dos gêmeos foi complicado e as crianças não resistiram. Uns quantos anos depois, quando grávida de seu filho mais novo, sua irmã que era enfermeira insistiu que ela fosse dar a luz no hospital recém-inaugurado na cidade de Rivera onde trabalhava. Conta como a experiência do parto foi diferente, ela foi internada quando a bolsa estourou, colocaram ela num quarto com outras mulheres, deitaram e deram remédio<sup>40</sup>. O que ela mais relata é que não podia comer quando estava em trabalho de parto, ela insistia para a irmã que por favor fosse na casa da mãe delas buscar algo para comer, qualquer coisa, um pão com mortadela, um frango, mas de preferência macarrão com molho. A irmã e os médicos insistiam que naquele momento ela não podia comer e muito menos coisas pesadas assim. De qualquer modo, quando o marido entrou para visitar levou um pote com um sanduíche de macarrão, ele abriu uma bengala e colocou macarrão com molho dentro, e queijo ralado, é claro. Ela achou muito estranho essa coisa de não poder comer, porque nos partos anteriores as parteiras mandavam fazer comida e insistiam para que ela comesse, assim teria força para enfrentar o parto.

Seu filho menor é o único que não tem duas identidades, ele é apenas uruguaio, os outros dois, por terem nascido no campo, e terem solicitado a documentação um tempo depois, foram tanto no cartório no Uruguai, como no Brasil e falaram em cada cartório que a criança nasceu no país correspondente. O menor, já saiu com a documentação encaminhada do hospital, o que não permitia todas essas artimanhas.

Raimundo foi a pessoa com que mais me apeguei, até hoje faço questão de ligar para ele e perguntar como vai a sua vida. Uma pessoa muito carismática e cheia de histórias. Raimundo, tem 74 anos, mas muita disposição, com ele conhecia cantos da cidade que eu nem imaginava que existiam. Essa empreitada de conhecer a cidade pelos olhos (e pernas) dele surgiu quando ao me contar uma empreitada

---

39 Me conta isso torcendo para o meu bebê ser uma menina para eu não sofrer tanto no parto.

40 Assim ela descreve.

dele do dia anterior menciona o uso de transporte público, os ônibus. Foi quando ele me convidou para andar de ônibus com ele, e foi o que fizemos. Não paga passagem nos ônibus brasileiros e mesmo conhecendo (por nome) os motoristas e cobradores sempre subia nos ônibus mostrando para os dois funcionários seu RG demonstrando que ele era um idoso. Por outro lado, no Uruguai, ele ainda paga passagem, porque idoso também paga passagem, me fala quando sobe no ônibus uruguaio que, mesmo agora, tendo identidade uruguaia, ele paga a passagem.

Raimundo nasceu em território uruguaio, aliás bem uruguaio, pois nasceu em Montevidéu<sup>41</sup>, capital do Uruguai. Quando tinha menos de dez anos fugiu de casa, pegou um trem e veio parar na fronteira. Conta que na época foi uma aventura e assim ele se sentiu um homem de verdade, mas hoje admite ter sido uma loucura. Na fronteira, sem ninguém, sem família, ninguém para cuidar dele teve que aprender a se virar, como ele mesmo diz. Ficou morando em vagões abandonados de trens por muitos anos, pediu comida, dinheiro, passou fome e frio. Na estação de trem teve seu primeiro trabalho logo nas primeiras semanas, ele levava farinha ilegalmente para a estação de trem brasileira, no modo de contrabando. Conta que no início os sacos de farinha pareciam pesar mais que ele, e que apenas conseguia carregar um por dia. Com o tempo aprendeu as lidas e o idioma local, aos poucos foi esquecendo o seu idioma. Com 16 anos foi pego pela polícia do Uruguai e deram a escolha de entrar em contato com a sua família ou ir morar num abrigo, achou uma boa oportunidade para rever sua mãe e irmãs. Foi assim que voltou para casa e nas palavras dele "encheu a pança de comida", depois de um ano decide voltar para fronteira porque nela ele encontrou a liberdade que sempre gostou e porque não conseguia emprego na capital.

Um sujeito um tanto peculiar, as histórias surgiam nos caminhos que visitávamos juntos. Passamos no local onde ele teve seu primeiro trabalho formal, com carteira assinada e tudo. Trabalhando nesse lugar ele se tornou brasileiro, começou trabalhando informalmente entregando coisas, ofereceram a formalidade e um salário fixo só que ele precisava de documentos. Procurou ajuda e fez os seus documentos brasileiros, foi feito como se ele tivesse nascido no Brasil, mas nunca tivesse sido registrado, sem nome de pai ou mãe, como se ele não soubesse quem

---

<sup>41</sup> Coloquei desse jeito "bem uruguaio", porque com as pessoas com as quais conversei existe uma separação e classificação de uruguaio e brasileiros, quanto mais para dentro da nação o sujeito é, mais cidadão desse país ele é, os fronteiriços por morarem nas margens da nação são considerados quase de outro país.

eram. O erro proposital foi tanto que até sua data de nascimento estava errada, no Brasil ele era mais velho que no Uruguai, e ele faz questão de comemorar os dois aniversários. Isso aconteceu para que ele se tornasse maior de idade e conseguisse trabalhar sem autorização de um responsável. A indústria onde ele trabalhava foi um importante marco para cidade, fornecendo emprego formal por primeira vez para muitas pessoas, provocou a abertura de bancos, em geral movimentou a cidade. É mencionada por muitas pessoas como um período bom da fronteira, todo mundo tem algo para contar, trabalhou lá ou conhecem alguém que trabalhou. Foi lá que conheceu sua esposa atual e mãe de seus filhos, uma mulher brasileira, sempre morou no Brasil e pouco sabe do Uruguai, sabe que do outro lado é outro país e que lá as pessoas falam diferente, mas acredita que de resto tudo seja igual, e sim, muita coisa é igual.

Trabalhou nessa empresa até que ela fechou as portas na cidade e deixou desempregado, junto a Raimundo, uma boa parte da população da região. No dia seguinte do fechamento da empresa ele já foi fazer contrabando de farinha, só que agora fazia isso de bicicleta. Conseguiu outros empregos formais até chegar o dia de se aposentar, no Brasil, pois no Uruguai a história é outra e espero conseguir contar para vocês. A aposentadoria brasileira ocorreu sem maiores problemas ou contratemplos. Com essa aposentadoria ele conseguiu comprar sua casa própria, e por primeira vez moram em uma casa de alvenaria legalmente e isso enche Raimundo de orgulho. Como bom fronteiriço que se tornou, continua fazendo seus bagayos, levando coisas de um lado para outro, só que agora de ônibus.

Falar sobre Elena dói, as lágrimas escorrem em me obrigar a lembrar dela. Uma mulher jovem e radiante, mas com uma história cheia de violência e mágoas. Elena não conseguiu viver o que a fronteira tinha de bom para lhe oferecer, mas sim a parte ruim, a negligência, o abandono, a violência e o silêncio. Uma mulher brasileira, casou-se menor de idade com um uruguaio, acreditou que essa era a única saída para sua vida, pois seus pais estavam mortos. Foi morar em um vilarejo não muito longe da cidade, lá teve quatro filhos. Apanhou dia sim, dia não, como ela mesmo costumava falar "dependia do humor dele", as primeiras vezes gritou, pediu ajuda, foi a delegacia, mas seu marido era uma pessoa importante e com dinheiro, ele a arrastava pelos cabelos pelas ruas do vilarejo e ninguém fazia nada. Se separou e com a ajuda da família do seu pai começou a erguer sua vida, mas jamais conseguiu a guarda dos filhos, foi chamada de louca e perigosa. Tanto o Estado



uruguaio, como brasileiro negligenciaram essa mulher. Não escrevo com boa vontade e mal sei que palavras usar, nem sei se tem palavras para usar. Elena tirou sua própria vida.

A história de Elena não é a única que traz violência e sangue, infelizmente. Poetas contam que a terra nas fronteiras é vermelha porque há sangue nelas, sangue de ontem e de hoje. Nas fronteiras se derrama sangue sem dó, a famosa "terra sem leis", ou com tanta lei que esquecem qual é a que manda. A violência doméstica na região tem números alarmantes, a marginalização das mulheres, a falta de acesso à educação e a dependência financeira favorecem esse panorama.

Eu não gosto de escrever sobre isso, eu não gosto de saber que isso aconteceu com alguém que eu me sentava para conversar. Ainda estava em andamento a pesquisa e entrevistas quando tudo aconteceu e isso tornou o fazer etnografia algo que doía e que eu comecei a evitar fazer. Eu não sabia os limites de relação com essas pessoas que eu ficava tardes inteiras conversando, eu não sabia, ainda não sei o limite disso ser invasivo e quanto disso pode ser falado, a final existem coisa que não devem ser faladas. Os livros de antropologia não tinham me ensinado sobre isso, não me contaram que eu viveria momentos intensos, que eu choraria com eles e por eles, que eu teria a história da vida deles na minha mão e de algum jeito eu tinha que tornar tudo isso científico, e isso parece nada respeitoso.

Em algum momento da minha recente vida como antropóloga decidi que eu não tinha maturidade suficiente para ter a história daquelas pessoas na minha mão. Decidi que teria que trabalhar com alguma outra coisa, pesquisar outra coisa, quem sabe fazer outra graduação, arranjar um emprego, vender artesanato etc. Um tempo depois percebi que eu estava me colocando muito no centro dessa história, como se eu fosse o fator principal de tudo e eu não era, mas eles sim. A história de vida deles já estava aí, já tinha sido vivida por pessoas que decidiram me contar. Eu posso ter me identificado em muitos relatos, mas a pesquisa e análise é sobre as pessoas com as quais me encontrei durante a etnografia.

Comecei a missão de pensar como contar essas histórias sem ser violenta, explícita, fria e delatora. Raimundo não existe, nunca existiu, nem Celeste, nenhum deles, existiram essas histórias, de algum jeito diferente, em outros momentos e talvez com outras pessoas. Eu pego relatos diferentes misturo com outros e invento uma nova história de vida para um personagem criado por mim. Existem outros personagens e outros relatos sendo trabalhados e costurados nessa colcha que

chamo de fronteira. As histórias não foram modificadas, as pessoas podem se identificar nos relatos, atos e momentos.

A literatura entrou nisso tudo porque é como aprendo a contar, a literatura de fronteira me mostrou uma fronteira de um jeito que eu não conhecia, a partir dessas leituras comecei a perceber coisas que as pessoas com as quais conversei me contara, foi quando um certo viver a fronteira aparece. Comecei a me perguntar até que ponto a fronteira define a vida daquelas pessoas? E o que é feito pela fronteira? O que feito pelas pessoas? Por que certas coisas que eu escutei e vi acontecer também era descritos naqueles livros? Que fronteira era essa que estava se apresentando?

## 2 A ANTROPOLOGIA E A FRONTEIRA

As discussões sobre fronteira não se encerram como temas antropológicos unicamente, mas também como problemas antropológicos em diálogo com outras áreas de conhecimento. Já que me proponho como fronteiriça e antropóloga pensar um dos espaços que me constitui e que eu também constituo. Aceitando essa condição de nativa, enfrento o problema de qual alteridade falarei, como proposto por PEIRANO (1999), sempre deixando explícito quem fala, sobre o quê e para quem. O esforço é me colocar no texto como parte dessa construção, evidenciando que não estou falando do *outro*, mas do *nós*.

Cabe agora informar o uso, no texto, das expressões cultura, fronteira e cultura de fronteira. O termo fronteira é empregado aqui não apenas no sentido explícito da palavra, como um limite que demarca um país, mas também como um espaço em que se constrói vida, vida social e vida urbana numa beirada, no intermédio, no entre. É a partir dessa extensão da compreensão do que é uma fronteira, para além das definições dos mapas que passamos a pensar numa cultura de fronteira, num fazer fronteira. A partir de uma troca mútua entre o espaço e as pessoas a cultura de fronteira é construída, é um fazer fronteira, um fazer coisas, um fazer pessoas e um fazer cultura. Quando eu me referir a fronteira aqui, preciso que se abram à possibilidade de pensar no além e não no limite, meu esforço é trazer aquele espaço, aquela maneira de sentir e estar para estas páginas.

Para as pessoas com as quais vocês vão conviver nestas páginas a fronteira está em todo lugar. AGIER (2016) apresenta como a fronteira perpassa o espaço físico destinada a ela e alcança outros sentidos, além de outros espaços territoriais. A fronteira em questão está nos alimentos que consomem e nos documentos que carregam. Elas se constroem enquanto pessoas de fronteira, carregam documentos que as fazem pertencentes aos dois países, ou pelo menos isso é o que deveriam esses documentos simbolizar. Mas as pessoas que saem dessa faixa de fronteira e adentram um dos países sofrem uma espécie de desidentificação (AGIER, 2016),

perdem tudo aquilo que acreditavam ser e se esforçam para passar a ser cidadãos modelo do referente país, o jeito de falar, o idioma, os costumes, as comidas, as roupas, entre outras coisas. Ágier apresenta uma fronteira estruturalmente diferente a fronteira entre o Brasil e o Uruguai, o espaço territorial toma outras dimensões, o movimento é muito importante, a migração dos sujeitos levando a fronteira sempre com eles (2016). Na fronteira em caso, o espaço territorial é determinado, o movimento se dá no território específico das cidades em geral. Os casos de saída são distintos à necessidade de migração dos sujeitos da pesquisa de Ágier.

Quiçá não seja possível uma desidentificação literalmente, mas os sujeitos se vêm submetidos a um novo regime de ser e estar, somam esse novo modo de vida ao antigo. As identidades são somadas e nunca retiradas, os sujeitos se tornam plásticos (BHABHA, 1998), híbridos, mutáveis, assim como seus documentos e seus modos de vida. A fronteira é carregada junto com eles para onde forem, os tornando eternamente sujeitos periféricos (ÁGIER, 2016). Um senegalês não deixa de ser senegalês no Brasil, um fronteiriço também não, a diferença está no status dado a esses sujeitos, onde um é marginalizado e o outro pode ser tornado um símbolo positivo.

Em *The Horrible Time of Papers*, Peirano (2002) traz para a discussão os documentos usados pelos brasileiros, pensando em suas representatividades e valores. Afirmando que os documentos são os que definem os indivíduos em um coletivo. São esses documentos que tornam os cidadãos visíveis, contáveis, singulares e legais. Num caso de fronteira é o conseguir determinados documentos que te tornam cidadão desse país e passível de usufruir certos benefícios. A possibilidade de acionar ambas cidadanias torna o transitar na fronteira mais fluído, são escolhas conscientes e tomadas para e em determinadas situações. Não é só o documento que importa, mas todo o contexto em que ele foi logrado e usado, carregado de valores e significados. O documento não é só um dado, mas uma construção que conta movimentos e histórias. A partir de um registro geral é possível saber como, onde e quando uma pessoa nasceu, acompanhar seus usos nós permitem pensar em movimentos, consumo e identidade.

Cultura de fronteira é algo difícil de ser definido exatamente por sua plasticidade (BHABHA, 1998), por sua capacidade de mudar e adaptar-se a novas necessidades. Se por um lado é fácil demarcar o início da faixa de fronteira, por outro lado percebemos a dificuldade em demarcar o seu fim. A globalização

colabora muito para o alargamento das fronteiras, nesse levar as fronteiras para outros lugares (ÁGIER, 2016). Mas territorialmente, nas fronteiras envolvidas nesta pesquisa, percebemos como a cultura de fronteira define até onde uma fronteira vai, as cidades e região norte e noroeste do Uruguai: Artigas, Rivera, Minas de Corrales, Vichadero, Bella Unión, Barra do Quaraí, Cainsa, Tomás Gomensoro, Paso Farias, Bernabe Rivera, Tropador, Masoller e seu território indefinido do que é Brasil e o que é Uruguai, Tranqueras, Paso Ataque, La Manguera, Villa Indart (ambos os países), Paso Hospital, Aceguá (dos dois lados), Isidoro Noblía, Poblado Uruguay, Paso de las Piedras, Rio Branco, Lago Merín, General Enrique Martinez, Cebollatí, Villa Passano, San Luis al Medio, Dieciocho de Julio, Chuy, Barra del Chuy. No Brasil, o pampa e a região sul do Rio Grande do Sul: Barra do Chuí, Chuí, Santa Vitória do Palmar, Jaguarão, Herval, Acegua, Colonia Nova, Bagé, Cerro Velho, Santana do Livramento, Pampeiro, Quaraí, Plano Alto, Uruguayana e Barra do Quaraí.

As fronteiras que Ágier (2016) apresentou são consideradas uma situação a ser superada, foram recém-criadas e as autoridades mal vêm a hora para o fim da existência dessas cidades criadas no suposto caos. A fronteira que eu apresento, apesar de existir há mais de um século, também é considerada uma situação a ser superada. As tendas improvisadas dos acampamentos dos refugiados podem ser comparadas às mesas e guarda-sóis abertos diariamente pelos vendedores ambulantes que decoram a linha divisória. Estes sujeitos-contra-as-normas das cidades expõem meias, whisky, chapéus, tênis, cintos e perfumes nos braços, sobre um pano no chão, numa mesa, em prateleiras improvisadas. Por estarem ilegalmente nas ruas, tendem a variar os lugares de venda, por isso são chamados de vendedores ambulantes. O que os refugiados e os vendedores ambulantes têm em comum é serem indesejados, invisibilizados, silenciados, colocados à borda, quase do “lado de fora” (ÁGIER, 2016).

Pensem o motivo de um espaço considerável em área, com uma porcentagem grande de habitantes ser simplesmente considerado um atraso, um problema. O que faz com que desesperadamente os estados-nações criem leis para tentar reverter a situação considerada um problema.

A fronteira incomoda, incomoda ainda mais porque faz barulho, seus artistas gritam aos quatro ventos as injustiças, a pobreza, a fome, a miséria, o pé manchado da terra vermelha, o vai e vem, as dores e o abandono.

A lógica do mercado da cidadania na fronteira funciona como em qualquer outro mercado, se existe uma demanda, existe uma oferta (SCHEPER-HUGHES & BIEHL, 2000). Se há turistas uruguaios na região, haverá sujeitos nas ruas vendendo meias e oferecendo seus RG. Se há mercadoria mais barata no Brasil, haverá uruguaios virando brasileiros para conseguir essas mercadorias, ou (re)criando laços com pessoas de suas redes por dívidas pagáveis com outros favores sem tempo determinado para pagar.

Existem inúmeras maneiras das pessoas terem acesso àquelas coisas que elas estão vendo serem oferecidas nas vitrines das lojas por preços bem inferiores aos que elas têm direito a comprar. As estratégias são criadas tanto pelas pessoas, procurando formas de se tornarem cidadãs de outro país, tendo uma rede de relações praticamente binacional, ou seja, com sujeitos dos dois países, que estejam dentro dessas lógicas de trocas, quanto pelas lojas locais fazendo créditos acessíveis a uruguaios. As lojas originais da região desde o início trabalham com uruguaios e fazem créditos para esses uruguaios, o famoso crediário. Cabe ressaltar que nos últimos anos as lojas colocam os uruguaios no SPC e no *clearing*, que é o SPC do Uruguai.

Se o mercado legal está sempre correndo atrás do mercado ilegal para saber o que eles estão fazendo e criar uma solução para isso, como por exemplo, reduzir os preços de produtos que estão sendo muito pirateados, ou disponibilizar filmes e músicas por um preço acessível (RIBEIRO, 2010), os Estados também fazem esse movimento. Pensemos no documento fronteiriço que anteriormente foi um pouco citado. Este documento permite realizar certos trâmites burocráticos na região de fronteira, mas o principal é que dá direito ao CPF, possibilitando o crédito no Brasil. É um modo de regularizar o ato ilegal dos uruguaios conseguirem cidadania brasileira para ter crédito no Brasil.

Eu não pretendia discutir as questões de os turistas vindo para a fronteira fazer compras, mas como a imagem desses turistas mudou, achei importante mencioná-los aqui. Antes a imagem era de um monte de carros com placas de inúmeros lugares do Brasil, com famílias, caminhando pela Sarandi, com poucas bolsas dos *free-shop*, parando nas confeitarias para comer. As compras eram pequenas coisas pessoais, como bebidas, roupas importadas, poucos eletrodomésticos, perfume, compravam em pequena quantidade. A imagem atual é de inúmeros ônibus estacionados na linha divisória, do lado brasileiro, cheguei a

contar 98 em um dos primeiros finais de semana de julho de 2018. Só que não se vê um número tão grande de pessoas nas ruas, muito pelo contrário, as confeitarias estão vazias, não tem tanta gente nos *free-shop* e nem na rua caminhando. No final de um sábado observei os ônibus irem embora e eles iam sem muita gente, mas carregados de cobertores e ar-condicionado, no bagageiro e nos assentos onde iriam pessoas. Cabe ressaltar que o visual do centro da cidade também mudou, aumentaram em número exorbitante as “lojas de turco” menores que vendem objetos como cobertores, chaleiras elétricas, eletrodomésticos ditos chineses, casacos e coisas para a casa. Aparentemente o movimento se dá nessas lojas pequenas e os turistas estão comprando para revender.

É possível pensar numa transnacionalização de bens de consumo possibilitados por um uso particular, próprio dos fronteiriços, dos documentos de identidade? Se antes eu colocava que os Estados separavam os dois lados da fronteira pelas imposições feitas a partir do ser cidadão, agora eu posso pensar que esse ser cidadão, ou o se tornar cidadão, com objetivos específicos em vez de separar os dois países está unindo. Os fluxos não são apenas de pessoas, convivendo nos dois lados da fronteira, mas há um grande fluxo de coisas entrando e saindo dos países, e entre essas coisas estão os documentos de identidade, logrados e carregados propositalmente. A cidadania é objetivada em um benefício, seja ele social ou de bem de consumo.

Agora pensemos no outro lado da fronteira, no Brasil, para isso trago a narrativa a seguir:

“- 5:15, falou Madalena acordando seu marido  
Mal acabara de falar o galo preto começou a cantar a sua sinfonia diária. Basílio se levantou como de costume, com o pé direito tocando o chão gelado, “carajo, onde que tá aquele tapete?” pensou bravo, mas continuou o seu acordar nada diferente. Colocou lenha no fogão e o ascendeu, enquanto que a chapa esquentava encheu a chaleira velha de sua sogra já falecida com água. Fazia tudo como de costume, nada de diferente, não gostava de novos hábitos, se os velhos eram bons não tinha porque mudar. Mas hoje era um dia diferente, depois de dois anos da insistência de muita gente, seu Basílio finalmente iria tirar a aposentadoria uruguaia. Seu Basílio é um uruguaio muito correto e não gosta de fazer coisas diferentes. Apesar de ser uruguaio sempre trabalhou do lado de cá da fronteira, no Brasil, portanto sua aposentadoria é brasileira. Mas por ser uruguaio todos acreditam que ele tem direito a sua aposentadoria do lado de lá também. Acreditem ou não, ele somente nasceu no Uruguai, porque além da certidão de nascimento, ou melhor, partida de nascimento, seu Basílio não tinha mais nenhum documento.

Estava desconfortável com a situação, temia ser pego ganhando duas aposentadorias e perder tudo. Mesmo contra-vontade, seu Basílio depois de ter tomado seu chimarrão com galletas e ter colocado a sua melhor roupa e colocado a pasta com seus documentos em baixo do braço pegou o ônibus para ir ao lado uruguaio da fronteira ter essa tal jubilación.

*Basílio e Madalena moravam na mesma casa há mais de 40 anos, uma pequena casa branca de poucos aposentos e muitas plantas verdes. Se juntaram, como costumavam dizer, por Madalena ter ficado grávida, foram morar em um pedaço de terra há poucos passos da casa da mãe de Madalena. Ela era brasileira e mal sabia que do outro lado era outro país, mal sabia que existia outro lado, era mais da mesma gente. Trabalhavam juntos num grande frigorífico inglês, uma grande indústria instalada do lado Brasil da fronteira. Aos poucos, trabalhando no Brasil, casado com brasileira, pai de brasileiro, Basílio tinha se tornado mais brasileiro que muito brasileiro. Nunca soube falar espanhol, para ele sempre tinha existido uma língua só, a que ele falava, e burro era aquele que não entendia.*

*Saiu de casa bem cedo, com a sua melhor roupa e uma pasta de documentos embaixo do braço. Pegou o ônibus na esquina da sua casa, já não pagava passagem e conhecia o motorista e cobrador, contou para eles a sua aventura do dia, mostrando preocupação. Desceu na margem da fronteira, caminhou até o outro lado e pegou o ônibus uruguaio, onde ele pagava passagem. Chegou na frente do Banco e lá foi ele com a sua pasta de documentos.*

*Mesmo não tendo seus direitos garantidos por já ter aposentadoria brasileira, seu Basílio foi até o banco solicitar a sua jubilación. Chegando lá mostrou sua certidão de nascimento amarelada e amassada, sua cédula de identidad brilhante de nova e uma conta de luz riscada e assinada por um nome indecifrável.*

*-Usted vive en Cordón 284?- Pergunta a moça desconfiada*

*-Sim, moro de favor na casa de velhos amigos- respondeu praticamente tremendo*

*Basílio havia pedido para uns velhos amigos uma conta de luz e uma declaração deles afirmando que ele morava ali para poder ter um endereço uruguaio.*

*- Lo bueno es que la dirección es de barrio, así ni nos fijamos, porque queda lejos. – Interrompeu a servidora vendo o desespero do velho Basílio”. (PEREIRA, 2017, Diário de Campo)*

O relato apresentado demonstra essa relação direta entre as pessoas e esse suposto Estado desenhado como inalcançável<sup>42</sup>. Atos como conseguir uma aposentadoria tornam evidente o Estado como sendo algo permeável, construído e alcançável. O Estado brasileiro é um modelo criado a partir de conceitos europeus, com características centralizantes e intervencionistas e com perspectivas de ordem e progresso, com o objetivo de organizar a vida das pessoas (BORDIEU, 2014). É criador, mesmo que de malgrado, de informalidades, como é o caso da atividade realizada por Basílio e a moça do banco. No entanto, a ideia de Estado central permanece no discurso de muitas pessoas e na prática de algumas políticas. Ele pode ser estudado a partir das contradições entre o modelo ideal e a prática do cotidiano, e da produção de descentralidades, compreendendo, desse modo, o surgimento e manutenção de informalidades.

Por meio do método etnográfico, a Antropologia permite a análise das práticas consideradas ilegais, percebidas no cotidiano de seus praticantes, pessoas que são excluídas do sistema pela criação de modelos de cidadania, assim como suas

<sup>42</sup> No apêndice disponho um quadro de interlocutores construídos a partir de nomes, idades e histórias para que possam ser vistas de modo comparativo.



práticas, tornam-se supostamente invisíveis. A relação entre Estado e fronteira demonstra a criação de políticas que consideram as situações do espaço, enquanto a relação entre Estado e fronteiriços/as demonstra quanto o sistema burocrático não absolutamente dotado de lógicas racionais e impessoais como propõe Weber (1974). Ao sermos treinados/as para observar e ouvir o mundo do cotidiano, o Estado pode se tornar um objeto de estudo válido: “acredita-se que nossa produção desmascare a centralidade do Estado, para deixar de compreendê-lo como uma entidade distante e superior, e percebê-lo como constituído por cidadãos, entre eles antropólogos” (CABRAL, 1993 *apud* PEREIRA, 2015).

As margens são bons lugares para se estudarem o Estado, pois são essenciais para a configuração dele, como um componente necessário da regra. Pensando como políticas de controle e reformas econômicas formam o Estado, produzindo fraquezas e encolhimento nas regulamentações. A proposta de estudos das margens na antropologia é repensar as fronteiras entre o centro e periferia, público e privado, legal e ilegal como proposto por DAS & POOLE (2004).

Acompanhar esse movimento de Seu Basílio em busca de uma aposentadoria nos permite flexibilizar conceitos como o de cidadania e de Estado. Ao criar modelos como o de cidadania, o Estado exclui todos aqueles que não se encaixam, possibilitando situações de informalidade. Coloca-se em desconstrução o conceito de cidadania, pensado a partir de algo criado com intenções determinadas, incluindo e excluindo indivíduos. Como foi possível perceber até o momento, o *ethos* fronteiriço aparenta ser maior do que o modelo de cidadão brasileiro ou/e uruguaio, passando de um modelo construído (estrutura) a uma realidade suposta (*habitus*) (DE CERTEAU, 1998, p.127).

O que é possível aprender com seu Basílio? Percebemos então que existem diversos sujeitos que por estarem em um espaço marginal que possibilita táticas do cotidiano (DE CERTEAU, 1998) sem serem facilmente sancionadas, conseguem acesso a certos benefícios com facilidade. Uma fronteira aberta como a de Santana do Livramento e Rivera tornam mais fácil acessar o Estado por estratégias não convencionais. Por essa razão a fronteira não é vista como um limite territorial na vida dos fronteiriços, pois ela possibilita inúmeras situações classificadas por eles como vantajosas. A escolha de morar de um lado ou de outro da fronteira é feita estrategicamente para acessar certos benefícios do Estado, havendo inúmeros

casos de pessoas que possuem dois endereços, um no Brasil e um no Uruguai, para assim, ter um contato oficial em ambos os países. Sendo esta uma estratégia, já que normalmente as pessoas usam o endereço de algum conhecido, como é o caso de Seu Basílio com seus amigos.



FIGURA 23 – Casa no limite do Brasil e Uruguai, nas margens. Fonte: Acervo da Autora, 2017.

## 2.1 A FRONTEIRA BRASIL E A FRONTEIRA URUGUAI

Quando pensamos em fronteira precisamos considerar que existem diferenças de fronteira para o Brasil e para o Uruguai. Cada Estado trata sua fronteira de uma maneira, e os fronteiriços vivem essa fronteira com objetivos diferentes. A circulação e trocas acontecem dos dois lados, oportunhol é falado e compreendido dos dois lados, a arte acontece em ambos, mas então qual a diferença?

Para responder essa pergunta se tornou necessário pensarmos na formação da região, como um lugar que nasceu entre guerras e tratados. Com muita gente vindo de fora tentando decidir por aquele lugar. Santana do Livramento tem 196 anos, Rivera 157. Relatos, narrativas, mitos, contos e poemas falam que apesar de

Santana do Livramento ter sido considerada cidade antes, a região uruguaia já era um "pueblo" anteriormente<sup>43</sup>.

A área conhecida atualmente como Cuaró ou Rivera Chico foi a primeira região a ter uma população considerável. Contam que até hoje moram por ali descendentes de escravos fugitivos de fazendas como as de Pelotas. Mas antes de irem para a Cuaró, eles moravam em quilombos numa região dentro do que hoje se chama Durazno, como foram perseguidos fugiram e chegaram a Rivera. Também contam que o nome de Cuaró era dado porque as pessoas deixavam roupas, lençóis brancos quando naquele espaço, colocavam pela noite, com o real propósito de que na escuridão da noite os tecidos brancos pudessem ajudar a indicar o caminho que os contrabandistas deveriam seguir. Atualmente é um dos maiores bairros da região, com um apelo popular e cultural muito grande. Estes foram relatos de moradores do bairro Cuaró com os quais conversei em algumas situações desde 2014.

Como é possível perceber, o contrabando fez e é feito por aquele lugar, tem quem diz que é contrabando desde a barriga, é quando eu pergunto: numa fronteira quem não é? Considerando a importância que o contrabando tem para a região pensemos numa fronteira a partir de um olhar para a economia dentro da antropologia. Esse movimento traz um destaque para os uruguaios na discussão, torna-se evidente que a cidadania vale um carro, uma casa, um sofá ou um par de tênis. A cidadania fica monetarizada e o RG uma mercadoria (STEINER, 2010).

Se os brasileiros criam maneiras de se tornarem uruguaios para terem acesso a aposentadorias e saúde. Os uruguaios se tornam brasileiros para adquirir bens de consumo. E quando não há maneiras de se tornarem brasileiros acessam sua rede de contato que se estende por toda a fronteira. Como podemos perceber no relato a seguir:

*“Rosa escutava o rádio enquanto preparava o almoço para ela e seu marido. Comprara uma panela nova no dia anterior. O rosto era o mais sorridente da região, as rugas desenhavam as gargalhadas que tinha dado durante toda a sua vida, seus olhos eram pretos, grandes e brilhantes, pelo seu rosto ser magro, suas orelhas pareciam estar separadas da cabeça, um detalhe que Rosa tentara esconder.  
A cozinha tinha sido reformada do jeito que ela sempre sonhou, era*

---

<sup>43</sup> Anexo – fotos e mapas.

*parte da casa que ela mais gostava de estar. Tinha colocado tanto azulejos nas paredes e pisos que nem se quer se via o fundo de paredes que já tinham abrigado quatro gerações de uma mesma família. Rosa nascerá ali e pretende ali morrer.*

*Foi se misturando com a voz do radialista que o som da porta batendo foi escutado.*

*- ya toy indo - gritou Rosa para quem seja que estivesse batendo*

*Ao abrir a porta se depara com um velho conhecido*

*- mas tu por aqui, cuanto tiempo!? – diz Rosa surpresa*

*- Doña Rosa, pues si, le debo una visita hace mucho – responde a visita*

*- Pase, pase, mijo, naun fica ahi fora que vai te congela –*

*Rosa faz com que a visita inesperada se sente no sofá da sala enquanto ela coloca mais lenha na lareira pra esquentar o ambiente.*

*- Y Don Carlos como anda? Ya no se lo ve en la calle como antes – disse à mulher inquieto*

*- tá lá nos fundo cortando leña. Agora tá veio, naun pode ficá se pindurando por aí, anda tranqüilo – responde a mulher limpando as suas mãos sujas de terra no avental branco.*

*– Mijo, espere ahi que voy a sacar unas ollas del fogón y llamar a Carlos.- Assim ela se retira da sala a passos rápidos e enquanto tira as panelas de cima da parte quente do fogão grita pela janela da cozinha:*

*-Caaaaarlos, Caaaaarlos, mirame, o fio da falecida Juanita ta aí*

*Demorou para que Carlos a olhasse, mas ao entender a mensagem, largou com muita paciência o seu velho machado, limpou as suas mãos e a testa suja de suor e estava indo para dentro da casa. Ao abrir a porta dos fundos um pequeno vira-lata entra junto, Carlos não se incomoda com isso, mas sabe que Rosa vai colocar o cachorro correndo pra fora.*

*Ao chegar na sala, estavam Rosa sentada na ponta de um sofá olhando inquieta para o moço e este sentado timidamente.*

*-Don Carlos, como está usted? Tanto tiempo, y esa vida como lo lleva?-*

*Diz o moço se levantando para dar a mão em cumprimento para o velho Carlos*

*-Ni me lleva, acá estoy tranqüilo. Y usted mijo, como há pasado el tiempo, y sus hermanos como están?*

*Conversa vai, conversa vêm. Entre anúncios de casamento, filhos e netos, o jovem moço deixa claro finalmente a que veio.*

*-Estoy por comprarme un auto, ahora con un hijo, necesitamos por si cualquier cosa. Pero los precios de los autos uruguayos son un absurdo, así que me fui a dar una bichada del otro lado y conviene mucho mas, incomparable los precios.*

-Es verdad, no se de que son hechos esos autos uruguayos- diz Carlos  
acompanhando a história

- mas de oro que naun é, tudo umas lata veia – Rosa complementa

-Así que me acordé de usted, Doña Rosa, porque se me vino a la  
memória que el auto de papá, que era brasileño, estaba en su nombre

-ya sei por onde vem a conversa- diz Rosa interrompendo a fala  
nervosa do jovem moço

-queria saber si es posible. Si hay como usted ir conmigo comprar un  
auto. Ya tengo la plata en mano, pero lo que pasa es que a uruguayos no nos  
venden. Seria solo para tenerlo en su nombre, nunca se va molestar con eso. –  
o moço tremia as mãos ao falar, mas depois de mais de uma hora de conversa  
fiada ele conseguiu finalmente fazer o pedido

-Ah meu fio, já tenho três carro e não derijo nenhum, o que é mais um.

- Su padre, Jacinto, que tambien tenia el auto en el nombre de Rosa,  
siempre fué muy responsable- Diz Carlos

- Si, si, juro que no se van a molestar con eso

- Tá, meu fio, não te preocupa, com niño pequeno eles ficam duente  
cualquer hora e tem que corre com eles pro pital. Faz ensim, faz tudo que tem  
que faze, escoie teu auto y no día anterior de ir lá firma, me liga que a gente vai

-Muchas gracias, Doña Rosa y Don Carlos. Desculpenme la moléstia  
y les agradezco de corazón nuevamente

-Tus padres siempre fueron muy buenos amigos, nos ayudaron mucho.  
Te vimos nacer y crecer, sos como de la familia.”- diz Carlos. (PEREIRA, 2017, Diário de  
Campo)

O relato anteriormente transcrito faz parte de uma série de criações próprias que tiveram como elemento fundamental a etnografia feita nas cidades de Rivera (UY) e Santana do Livramento (BR).

A etnografia foi realizada durante o mês de fevereiro de 2015 e 15 dias no mês de abril do mesmo ano. Durante esse ano ainda foram realizadas mais duas imersões de uma semana cada. Voltei a campo com o olhar direcionado para isso em julho de 2016, por 15 dias. Em julho de 2018 foram 30 dias de campo, a partir de outubro do mesmo ano imersões de uma semana por mês. Em fevereiro de 2019 realizei mais algumas atividades. Durante esse processo não deixei de ter contato com essas famílias, presenciei festas de família, encontros e desencontros, novos membros das famílias e a partida de alguns. Passei a visitar em momentos como aniversários, natal, ano novo e Domingos, mando fotos do meu filho e eles dos netos. Ensinei a usar o tablet, fizemos juntos conta no *facebook* para podermos ter contato. Aquelas pessoas começaram a fazer parte da minha vida.

As histórias de vida contada por eles, os causos escutados uma vida toda, passaram a fazer parte do que eu entendia como etnografia. Apesar de eles terem me dado a autorização de publicar suas histórias eu sabia que muitas delas poderiam incriminá-los. Comecei a transcrever as histórias de um modo que não fosse possível perceber quais eram as pessoas donas daqueles relatos. Mas a falta de uma pessoa dona do que acontecia tornava os relatos impessoais e frios, foi necessário criar fronteiriços para essas histórias. Inventei os personagens para permitir que a narrativa pudesse contar a fronteira. Os personagens contam histórias que aconteceram, mas com pessoas com outros nomes, com alguns detalhes da vida diferentes, com suas características diferentes. Muitos “jeitos” dos personagens foram construídos a partir de modos de ser e se comportar das pessoas reais com as quais conversei. O ambiente é diferente, as datas, mas o enredo e a solução do problema é o mesmo à história contada ou que eu presenciei.

Assumamos que Rosa, Carlos e o jovem moço são personagens como Madame Bovary é, isso me ajudou, enquanto antropóloga a tornar as coisas mais abstratas e passíveis de se repetirem em outras situações. Para o leitor é provocar o seu eu Rosa, afinal de contas pode ser que você já tenha emprestado para algum parente o seu cartão de crédito para ele fazer compras, ou tirado um empréstimo no banco para outra pessoa. Ou simplesmente essas sejam realidades somente de todos aqueles sujeitos que são Rosas e que vivam numa fronteira, ou aqueles que tenham conhecidos impossibilitados por algum motivo de tirarem em seu nome as suas próprias dívidas, enfim, estes são mais alguns dos personagens das minhas tramas. *Doña Rosa, Don Carlos* e o jovem moço nunca existiram, ou melhor, existem um pouco em cada *fronteiriço*, em cada sujeito periférico (FERGUSON, 1994), em cada cidadão não modelo. Imagine a situação desse relato ocorrendo num lugar distante, como nas margens de um país grande como o Brasil, mas poderia ocorrer também numa favela de uma grande cidade, de um país de primeiro mundo, com personagens com outros nomes e nacionalidades, mas tentando de algum jeito ter bens de consumo, como o carro, no caso.

Podem existir certas características desses personagens que se repetem, e certos personagens que fazem parte da trama para ela ser possível. Se o jovem moço não tivesse como ter acesso a uma mercadoria mais barata, se ele não conhecesse Rosa, se ela não fosse uma velha conhecida da sua família, se ela não tivesse documentos brasileiros, a história não teria o mesmo sentido.

O relato transcrito anteriormente é uma aproximação de pessoas nas fronteiras, proponho a partir dele discutir o desejo de obtenção de cidadanias e de empréstimo de documentos de identidade para a obtenção de bens de consumo específicos. A proposta é pensar como a cidadania pode definir que carro usamos, que móveis temos em casa, a roupa que vestimos e os alimentos que consumimos.

A fronteira é conhecida pelos brasileiros pelos *free-shop*, um lugar para fazer compras por um bom preço. Para os fronteiriços a fronteira é a possibilidade de um emprego estável. Muitas pessoas da fronteira nunca entraram num *free-shop*, apesar dos produtos serem mais baratos, são produtos em si mais caros que os usados normalmente na região, por exemplo, não se compra um perfume do *free-shop*, mas sim da avon.

Entretanto, os *free-shops* são uma considerável fonte de emprego, seja diretamente, como indiretamente. As lojas atraem inúmeros turistas brasileiros, em sua maioria, que não realizam apenas compras nos *free-shop*, mas também em outras lojas locais, queijarias, armazéns, quiosques, camelôs, vendedores ambulantes, restaurantes e lanchonetes. Também podemos mencionar os cuidadores de carro, os taxistas e os cambistas<sup>44</sup>. Em boas temporadas há mais dinheiro circulando na cidade, os funcionários dos *free-shop* vendem mais, tem bonificações, os pequenos vendedores também, o dinheiro deixa de circular apenas no centro das cidades e chega aos bairros a partir dos funcionários, vendedores, cuidadores, etc. Essas pessoas compram no armazém do bairro, por terem vendido mais, no retorno para casa compra um frango-assado para comemorar, um refri e, talvez, um sorvete. Os comerciantes mais afastados do centro perguntam para essas pessoas se há muitos brasileiros hoje, isso indica como vai ser o dia. O outro dia que movimenta a cidade é quando os aposentados, professores e funcionários da prefeitura recebem seu salário. Os comerciantes se preparam com promoções e colocando mais mercadorias a venda.

Costumam falar que em Rivera existem as seguintes possibilidades de emprego: trabalhar no *free-shop*, ser funcionário público ou vender meia. Eu acrescentaria nessas opções o trabalho no campo, nas florestações e aumentaria o

---

<sup>44</sup> Sujeitos posicionados estrategicamente na linha divisória, embaixo de guarda-sóis e portando pochetes que realizam câmbios monetários, principalmente entre real e peso uruguaio, também o dólar para os turistas.

vendedor de meia para pequenos comerciantes. Paulo comenta como nesses dias coloca mais frangos para assar, “*é um bom dia pra vender*”.

## 2.2 A DÁDIVA DE SER BRASILEIRO/O

Como personagens criados a partir de histórias reais de fronteiriços é possível dizer que a identidade de Rosa é um bem de troca. Os pais do jovem moço, como dito na narrativa, já ajudaram muito o velho casal e agora que o filho deles precisa de um favor, a identidade de Rosa é acionada. A identidade aqui ela não tem um preço monetário, mas de um pagamento de uma amizade de muito tempo atrás (MAUSS, 2003)<sup>45</sup>. Coloco em questão o RG no sistema de trocas, hau, no sentido de favor trocado, sem data de validade. Mas o RG como objeto sim.

A identidade de Rosa é colocada de certo modo como um dom primário. Ela tem a sorte de ser brasileira e empresta essa sua cidadania a seus conhecidos, supostamente sem cobrar nada em troca, um empréstimo desinteressado por generosidade e solidariedade, selando uma aliança entre famílias. Na narrativa a identidade de Rosa é consumida por ela e por terceiros, isso torna possível pensar em cidadanias sendo bens de consumo (MAUSS, 2003). Apesar de aparentemente ser um ato livre o de Rosa emprestar a sua identidade, este foi um ato em pagamento de uma amizade, ela não podia falhar aos seus amigos já falecidos, por ele ser como da família, não tem por que passar necessidade tendo quem ajude. Para Caillé (2006), que tentou definir o dom, este seria todo ato de empréstimo, presente sem garantia de retorno, com o único objetivo de recriar o elo social entre as pessoas, como é o empréstimo do nome.

O empréstimo de nomes se dá cotidianamente para compras simples, como comprar móveis, eletrodomésticos e roupas em si, em cartão de crédito ou crediário. Além do pedido de um RG brasileiro para comprar nos *free-shops*, as compras também se reduzem a eletrodomésticos bebidas alcoólicas e tênis. O movimento contrário de brasileiros buscarem uma cidadania uruguaia se dá por motivos de busca por benefícios do Estado, como atender-se em hospitais públicos e ter aposentadoria uruguaia. Não presenciei nenhum caso de pessoas que pediram para comprar alguma coisa no Uruguai. Mas os relatos de uruguaio pedindo emprestado

---

<sup>45</sup> No sentido das trocas dádivasas, do hau, de trocas não monetárias com valor social alto.



documentos para brasileiros são muitos e por inúmeros motivos. Por outro lado, existem sujeitos que trabalham na avenida principal da cidade de Rivera, onde estão os *free-shop's* vendendo objetos como meias, garrafas térmicas, outras coisas e fazendo câmbios monetários. Muitos destes trabalhadores autônomos que possuem duas cidadanias oferecem para os uruguaios, principalmente aqueles que não são da cidade, o seu RG para fazerem as suas compras no *free-shop*. Este empréstimo tem um valor, mas não é fixo, os sujeitos pedem uma “propina” para fazer as compras, fica a critério do sujeito sem RG definir o valor, variando entre \$50 e \$200 (pesos uruguaios)<sup>46</sup>, e também se o sujeito compra muita coisa do vendedor ele dá como brinde; depende do vendedor, do movimento das vendas e da necessidade do sujeito que está alugando o seu RG. Neste movimento parece que não é uma cidadania que está sendo emprestada, mas o documento em si, que nunca sai das mãos do seu dono, que é quem passa na caixa e pega o objeto pago pelo dinheiro do uruguaio que está comprando<sup>47</sup>. Os uruguaios da região que querem comprar no *free-shop* pedem a algum parente ou conhecido que os acompanhe a realizar a compra, sem falar em pagamento. Mas o que já vi acontecendo é o sujeito que pediu a identidade pagar um sorvete a seu convidado, um *refri*, ou simplesmente agradecem o gesto.

Uma das minhas interlocutoras comenta que naquela tarde ia sair com a sua cunhada para fazerem compras de roupas para os seus sobrinhos. Entre conversa perguntei onde iam comprar e ela me comenta que vão para uma famosa loja em Santana do Livramento, que elas fazem isso já faz um tempo, Joana (interlocutora) tira um crediário em seu nome para sua cunhada comprar roupas para as crianças. Comenta que tem meses que ela atrasa a mensalidade, mas que entende, por sua cunhada ser comerciante o dinheiro não tem dia certo, mas que sempre paga. Faz para ajudar os seus sobrinhos e por acreditar que família é para essas coisas. Sua cunhada é uruguaia e apesar de seu marido ser brasileiro ela precisa recorrer a outra pessoa, por ele não ter um emprego no Brasil, portanto não tem como comprovar renda. Menciono que escutei que as lojas estavam fazendo crediário para uruguaios também, Joana responde que isso é uma facilidade para uruguaios com empregos formais, professores, bancários, pessoas que tenham como comprovar

---

<sup>46</sup> De 5 a 20 reais, aproximadamente.

<sup>47</sup> Presenciei essa situação mais de uma vez. Principalmente os dias que decidia ficar no centro da cidade acompanhando as vendas de um interlocutor, que também negociava seu documento com uruguaios.

sua renda, que ela mesmo, apesar de brasileira tem crediário via seu marido, pois ele tem emprego fixo no Uruguai, e ela não trabalha no Brasil fazem anos.

A troca direta por dinheiro se faz apenas às pessoas que não se conhecem, até porque não teria como ser uma troca dadivosa, os sujeitos não têm laços e o encontro é momentâneo, acabando no pagamento direto. Inclusive por morarem em lugares distantes e nunca mais se verem, os possíveis laços criados a partir de uma troca dadivosa parecem impossíveis, portanto, não existe um benefício em emprestar o RG, por isso o preço é em dinheiro, para o pagamento da dívida poder ser realizado (MAUSS, 2003).

Mauss (2003) observou que uma troca sempre tinha um preço, não necessariamente monetário, mas era necessário o valor para que as coisas continuassem em movimento. Trocas de favores são ótimas para representar esse movimento, A faz um favor para B que fica devendo esse favor, em algum momento B paga o favor a A, que não necessariamente será A em si, mas pode ser um parente de A. Agora uma troca e que o valor é definido em dinheiro, coloca fim nesse movimento em específico, a relação entre os dois indivíduos acontece só no momento da troca, finaliza com o pagamento imediato, fator que não acontece em trocas de favores.

O RG pode ser reduzido a um valor monetário específico, emprestado em troca de dinheiro, porque ele, assim como qualquer outra coisa, não é fixo e sacrossanto e tem a possibilidade de se tornar mercadoria, tudo pode se tornar mercadoria (APPADURAI, 2000)<sup>48</sup>. Entretanto, existem regras sociais específicas, que fazem com que não possa ser cobrado um preço absurdo por um empréstimo de identidade, ou cobrar em dinheiro de familiares, o consumo da identidade tem as suas regras definidas pelos seus usuários. O RG estabelece e mantém relações sociais além de tudo. É possível pensar esses usos a partir de realidades socialmente construídas e podem ser analisadas como estruturas lógicas em uso (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2004).

As pessoas que pedem RG emprestados são pessoas que não conseguiram acessar uma segunda cidadania e querem usufruir das coisas que a fronteira oferece. Há casos de pedidos de empréstimo de RG para tirar um crediário nas lojas brasileiras, nas compras de móveis, eletrodomésticos e roupas. Não há pessoas

---

<sup>48</sup> Para Appadurai (2000) tudo é passível de mercantilização, tudo pode se tornar mercadoria, ser trocado e vendido.

brasileiras oferecendo comercializar seu RG. Isso se deve a que junto com o empréstimo do RG se adquire uma dívida no seu nome, outra pessoa se compromete a pagar, mas é um contrato informal, portanto baseado na confiança.

### 2.3 A CIDADANIA BRASILEIRA POR UMA CASA PRÓPRIA: CPF, RG E FORMAS DE ACESSO A CIDADANIA NA PRÁTICA.

Neste momento do texto, a proposta é analisar os motivos que levaram sujeitos a tirarem documentos do país contrário ao que nasceram e como conseguiram a nova cidadania. Para isso, é redigida uma terceira narrativa com personagens que fazem esse movimento de obtenção de uma segunda cidadania.

*“Maria acabara de se casar e estava esperando seu primeiro filho, ela e seu marido estavam na busca por uma casa, uma empreitada nada fácil. Foi nessa situação que os conheci, os acompanhei na busca de algumas casas e os vi se tornando brasileiros. As casas do lado brasileiro tinham um preço bem abaixo do que do lado uruguaio, além das facilidades que o banco dava em empréstimos para compras de casas. Mas a questão era que os dois eram uruguaios. É nesses momentos que normalmente os sujeitos acionam a sua rede de contato, a rede familiar sempre parece ser a primeira a ser acionada. Foi nesse pedido de ajuda, que a família tentou buscar meios de se tornarem brasileiros. Cogitaram a possibilidade de comprar em nome de um terceiro, mas não queriam correr o risco. Foi a avó do marido de Maria que achara a solução, ela era uma uruguaia filha de brasileiros, e iria solicitar a sua cidadania brasileira como direito jus sanguinis<sup>49</sup>, desse jeito, a sua filha, mãe do sujeitos solicitaria depois pelo mesmo motivo e por último o marido de Maria também solicitaria e se tornaria brasileiro.”*

O que interessa no caso citado anteriormente é que o casal se viu motivado a conseguir uma segunda cidadania para ter uma casa, ou seja, um bem de consumo. A cidadania brasileira, no caso, pode ser reduzida ao desejo de uma casa própria. O processo que eles escolheram para ter a cidadania não é nada simples e não é o único procedimento realizado. Existem sujeitos que fazem uso do direito *jus solis*<sup>50</sup> sem realmente terem nascido em território brasileiro, mas conseguem manipular o cartório afirmando terem nascido em área rural e não terem precisado

---

<sup>49</sup> A pessoa tem direito a cidadania de acordo com sua ascendência.

<sup>50</sup> O direito à cidadania se dá pelo lugar onde a pessoa nasceu.

disso até agora. Esse movimento não ocorre com tanta facilidade atualmente, mas é contado por sujeitos que já tem a sua cidadania há mais de 20 anos.

Existe o documento fronteiriço que te permite ter CPF e fazer alguns trâmites burocráticos e econômicos, mas tem seus limites, pode ser adquirido por qualquer sujeito que more em região de fronteira. Entre os sujeitos que conversei, os que têm esses documentos são aqueles que não têm brasileiros nas famílias, os que sim têm procuram a cidadania brasileira ou pedem emprestado o nome.

Consideremos o documento, o RG, como uma coisa mercantilizada, e por coisa entendo “um lugar onde vários aconteces se entrelaçam” (INGOLD, 2012). É mais do que um objeto com suas margens frias e congeladas, com seus propósitos determinados anteriormente. Na mão de fronteiriços um RG se torna uma coisa, aos moldes de Ingold (2012), um “acontecer”, ele faz parte dos movimentos, faz o movimento acontecer e é feito por movimentos.

No caso de Rosa uma troca dadivosa sem preço monetário, mas de uma dívida (CAILLÉ, 2006). No caso dos vendedores ambulantes da avenida principal de Rivera um empréstimo com valor monetário definido no momento do negócio, sem preço fixo, por ser singularizado (APPADURAI, 2000). O objeto circula entre compras para diferentes sujeitos, tornando possível que sujeitos tenham certos bens de consumo que de outro modo não aconteceria (LEITÃO & MACHADO, 2006). Portanto, é o RG como coisa que propicia bens de consumo para certos sujeitos (INGOLD, 2012). O RG como coisa recebe diferentes significados dependendo do espaço, tempo e situação e dialoga na criação de identidades tanto das coisas, como das pessoas (MILLER, 1998; LEITÃO & MACHADO, 2006).

Destaco a criatividade dos sujeitos de transformar a sua cidadania, seu RG em uma coisa para poder ter uma entrada de dinheiro e/ou conexão de sujeitos, linhas ao longo das quais os RG são (re)fabricados ganhando novos sentidos em cada uso. Não é que o RG por si só faça com que certas pessoas tenham acesso a certas mercadorias, mas o uso dele permite isso, caso contrário não seria possível, os fronteiriços participam da coisificação do RG, é um RG em compras. O documento é o resultado de uma interação entre um dono do documento que o aluga, uma pessoa sem RG que aluga o documento e um objeto (o RG). O RG vai além de um objeto porque ele tem vida, ele permite ao fronteiriço mudar a sua cidadania, ele se move entre os países.

A obtenção de documentos de outra cidadania também se constitui como um conjunto de estratégias compartilhadas socialmente pelos/as fronteiriços/as. Não importa o que diz nos documentos, mas sim o ato de fazer um documento, o efeito de ter esses documentos, de estar inscrito no Estado (FERGUSON, 1994). Para Gupta (2012,p.208) os documentos “incorporam” e congelam o poder do Estado, eles foram investidos com aura do Estado, são um ato (GUPTA, 2012, P.208). Os dados levantados durante a pesquisa prévia demonstram, pelo contrário, certa metamorfose dos papéis, nada é de fato congelado, nenhuma identidade é eterna e nenhum sujeito preso a uma identidade. O incorporar-se a uma nova identidade, no caso um uruguaio, ter sido por muito tempo brasileiro, e na velhice voltar a ser uruguaio é um ato de refabricar-se (JARDIM, 2017). Isso se tornou observável a partir das descrições dos modos pelos quais os entrevistados obtiverem carteira de identidade, título de eleitor, CPF, registro de casamento e de bens móveis em ambos os países. Eles/as têm conhecimento de que praticam ações consideradas ilegais, mas que acabam se tornando práticas culturalmente aceitas. A ideia de uma margem isolada com moradores sem acesso a seus direitos, esquecidos pelo Estado é substituída por sujeitos, que por estarem numa situação marginal, se vêm detentores de suas identidades, cidadania e de seus direitos em dois centros simultaneamente. A oposição centro e periferia é facilmente descartada nestas situações, a periferia abandonada se torna centro em dois países. As táticas do cotidiano (DE CERTEAU, 1998) dos fronteiriços os retiram de viver situações de desvantagem. Segundo De Certeau táticas do cotidiano são estratégias que os sujeitos criam na informalidade, para facilitar o dia a dia, uso a ideia no sentido que os modos de fazer fronteiriços são ações criadas para solucionar algumas situações e compartilhadas com a comunidade.

Vamos acrescentar ao enredo mais uma personagem, Marília, fronteira de 52 anos, mora exatamente na fronteira, a poucos metros de um marco de pedra caído, que ela usa para amarrar uma das pontas do varal para estender a roupa. Marília descobriu há menos de um ano que tem um grave problema no coração, depois de um aperto no peito seus filhos a levaram ao médico no Brasil, lá ela ficou sentada por muitas horas esperando para ser atendida e foi. Desde o início tudo era demorado, difícil acesso, falaram que para se operar pelo SUS iria demorar muito e mais outras coisas como o preço do tratamento. Conversando com uma vizinha ela

descobriu que no hospital do Uruguai os processos eram bem mais ágeis e de graça, foi quando começou a empreitada de virar uruguaia.

Com a ajuda de parentes, vizinhos e agentes do Estado Marília se tornou uruguaia. Lembrou-se que seu pai já falecido tinha documentos uruguaios<sup>51</sup> o que facilitaria o processo de sua nova cidadania. Os trâmites foram tranquilos e sem impedimentos em pouco tempo ela já tinha em mãos sua cédula de identidade. As consultas no Uruguai sempre ocorreram BEM, com agendamento prévio e remédios de graça. A surpresa foi quando ela precisou fazer parte do tratamento em Montevideu e o hospital pagava a sua passagem e a do seu esposo. Ela insistiu com a moça que a estava atendendo que seu esposo não poderia ir, pois era brasileiro e nem um pouco uruguaio, a moça, por outro lado, insistia que não havia problema, que tudo iria ocorrer tranquilamente.

Foi a primeira vez que Marília e seu esposo viajaram, aquela que era para ser uma viagem apavorantemente médica, se tornou a sua primeira lua de mel. As histórias das aventuras que os dois tiveram tanto no hospital como passeando pela cidade são de deixar qualquer um curioso para saber mais.

Perguntaram-me, não faz muito tempo, qual era o preço de uma cidadania? Se eu tivesse que responder, teria que perguntar “pra quem?”, pois para seu Basílio deve custar uma aposentadoria por mês, mas para Marília é seu coração voltar a bater normalmente. O custo para conseguir essa cidadania foi ser fronteiro e ter uma boa rede de amigos e algum dinheiro para fazer os trâmites legais, aliás \$505 (pesos uruguaios<sup>52</sup>).

O Estado parece ser o criador dessa dualidade (QUADRELLI, 2002). É ele que delimita um Brasil e um Uruguai, sendo essa delimitação reduzida pelos/as fronteiros/as ao que eles/as chamam de “do lado de cá” e “do lado de lá”. A dualidade entre o legal e o ilegal também se reduz nas situações ocorridas, visto que existe um modo de ser e fazer (DE CERTEAU, 1998) que é compartilhado culturalmente. As questões legais foram as criadoras dessas informalidades, e é por isso que se torna possível perceber o espaço do Estado na fronteira através delas (AZAISS, KESSLER & TELLES, 2012).

---

<sup>51</sup> Ter identidade do país, para os fronteiros, não te torna brasileiro ou uruguaio. em vez de falar que o pai dela tinha documentos uruguaios ela poderia ter falado que o pai era uruguaio, mas para ela ele não era uruguaio, só tinha os documentos.

<sup>52</sup> Equivale a uns 50 reais, e na região é possível pagar uma conta de luz, de telefone e fazer algumas compras no mercado.

A etnografia me demonstrou, a partir da observação das dinâmicas diárias constituídas na informalidade, o quanto o Estado se apresenta na região em moldes não tradicionais. Essas informalidades desafiam a ordem e o progresso do Estado e, por outro lado, reforçam a emergência de translocalidades. As situações de fronteira criadas pelos/as fronteiriços/as são compartilhadas de um modo mais abrangente do que o Estado é capaz de suportar (APPADURAI, 1997), dirigindo a pesquisa à problematização da relação entre Estado/fronteiriço/a e Estado/fronteira para compreender o perfil do Estado no espaço estudado, demonstrando sua descentralidade.

É preciso desnaturalizar a ideia de Estado e passar a compreendê-lo como algo construído permanentemente, e que os cidadãos, sejam eles fronteiriços ou não também são criadores desse Estado, junto a tecnologia dos governos e processos de cadastramento, por exemplo. Weber (1974) fala em processos de formação e de construção das nações, mas ele tinha uma visão muito ideal do Estado e da Nação, mas o importante é já se falar em se fazer o Estado. Para Foucault (1979) o Estado é resultado das tecnologias do governo. Quando se fala que o Estado se faz a partir dos seus efeitos, refere-se, por exemplo, a como os cidadãos respondem a toda essa tecnologia para se tornarem cidadãos.

Os fronteiriços não falam em Estado, mas sim em governo (SOUZA LIMA, 2012), se referem a tratar com o governo e a cara do governo são os governantes. Porém, nas repartições públicas, como onde se faz a cédula de identidad (Dirección General de Identidad – DGI) estão estampados cartazes falando em Estado e outros explicando didaticamente aos cidadãos o novo documento de identidade. Este novo documento substitui a antiga *cédula de identidad*, ele é colocado como mais moderno, já que todas as informações dos cidadãos estariam digitalizadas e de fácil acesso a partir dos chips que o documento tem inserido. O antigo documento era um papel plastificado, com uma foto impressa, a firma e a digital do dedo estavam feitas naquele papel. O documento moderno é um cartão com *chip*, igual a um cartão de crédito. Esse documento tem o MZR (*machine, readable-zone*), o mesmo que tem no passaporte, que permite que seja um documento de viagem. Com o chip invisível, é possível ter acesso aos dados que estão impressos no documento, os dados de filiação e o MZR. O chip visível pode ser lido com um leitor simples e permite aos cidadãos autenticar documentos perante sua digital. Isso é garantido quando no momento de entrega do documento o cidadão insere um código pin que o permitirá

fazer uso do chamado aplicativo “*match on card*”. Um dado importante é o documento estar impresso em espanhol e português, a justificativa se dá por essas serem as línguas oficiais do Mercosul e terem objetivo que o documento seja validado em toda a região.

As propagandas de incentivo a fazer o novo documento afirmam que este é mais seguro e um modo mais eficiente de estar em contato com o Estado. Assumamos essa nova medida do Estado uruguaio como sendo uma tática do governo de manutenção, de reprodução da soberania a partir do território (FOUCAULT, 1979). Ressalto que nos cartazes havia informação de que um dos chips facilitaria em viagens, um leitor de chip facilmente conseguiria ver todos os dados do indivíduo, tornando o processo de migrações mais fluído, como eles afirmam. A questão é que agora estão na mão de mais pessoas as informações pessoais dos cidadãos (PEIRANO, 2002). Nessa ação o Estado está sendo feito, além de estar sendo materializado na vida das pessoas. Os documentos são importantes de serem observados, pois eles constroem uma biografia oficial dos indivíduos, um ser caracterizado e comparável aos outros (FOUCAULT, 1979).

Além de comparáveis são diferenciáveis de todos aqueles que não vivam no território nacional, ou seja, dentro das fronteiras. O interessante de observar, é que as fronteiras, funcionam como além de um continuum sociocultural (FALHAUBER, 2005), como o espaço fluído onde culturas de distintas nações entram em contato e criam algo novo. A cultura não está presa a um espaço determinado e não termina no marco de pedra demarcador da fronteira, ela continua seu fluxo junto com as pessoas que habitam os dois lados da fronteira. Nestes espaços fluídos se tornam evidentes as similaridades culturais e não somente as diferenças, se torna visível a porosidade das nações (GUPTA & FERGUSON, 1992).

O modelo ideal de Estado tem uma lógica purista, mantendo um idioma e uma cultura oficial, e seus cidadãos, apenas eles, dentro de suas fronteiras territoriais. Como um projeto incompleto deve ser constantemente enunciado e imaginado colocando para fora os perigos. As margens são conhecidas como o lugar da desordem, mas também é visto como o lugar da resistência, tendo sempre que redefinir seus modos de governar e legislar. Mas a realidade é que é uma mentira que as fronteiras funcionem como protetoras de culturas e idiomas, e regulem os fluxos de indivíduos. Funciona como uma performance de controle de fronteiras, já que é importante definir cidadãos e espaços. A margem quando considerada uma



periferia oposta ao centro é colocar os seus habitantes como pessoas insuficientemente socializadas e vivendo em desvantagem. Os fronteiriços em questão muitas vezes não sabem falar o espanhol ou o português, mas isso não deve ser visto como falta de socialização, nem como desvantagem, nem oportunhol como algo a ser superado. Mas sim como uma socialização em um espaço com lógicas próprias que tornam a margem em uma vantagem e oportunhol como um bilinguismo (DAS & POOLE, 2004; GUPTA & FERGUSON, 1992).

Leis do centro do país são usadas na periferia, o que muitas vezes não se torna efetivo, pois elas são criadas para situações e pessoas em específico. As leis são usadas como táticas do governo de controle, ao não se encaixarem e não fazerem sentido, os sujeitos criam táticas como resposta. O meio de efetivação dessas leis é por meio da força, dominação e coerção. A governamentalidade é a microfísica do poder, e a partir dessa governabilização que o Estado sobrevive. Nessas novas táticas criadas pelos indivíduos, eles estão contestando o Estado, é uma contrapartida, os fronteiriços, no caso, usam dessas normas para ter mais fluidez e acessibilidade a benefícios. Para Foucault faria mais sentido parar de pensarmos qual a natureza do Estado, para discutirmos a Arte de Governar, e essas táticas e contra táticas tornam evidente esse governar (FOUCAULT, 1979).

Essa ilegibilidade das práticas do Estado faz com que ele seja constantemente experimentado e construído. Práticas informais e consideradas ilegais fazem com que o Estado reveja os seus atos. Por exemplo, economias de movimentação, como o contrabando, fazem com que o controle na entrada e saída dos países seja maior. A falsificação e circulação de documentos é uma sabotagem incitando a criação de novas tecnologias, como a nova *cédula de identidad* com dois chips. Esse controle é um espaço de tensão, onde direitos e identidades podem ser repentinamente negados, mas também é um espaço de negociação e performance. No caso do contrabando, os sujeitos fazem questão de mostrar identidades, falar onde moram, o que carregam, que são trabalhadores, que aquilo que estão carregando são só alimentos. Os policiais que fazem o controle são oriundos das fronteiras, conhecidos pelas pessoas.

A noção de margem oferece a oportunidade de perceber que o Estado é central, racional e impessoal apenas num modelo ideal, mas que essa não é a realidade. Que as políticas públicas e as leis são feitas conforme o movimento das pessoas, que as pessoas não desestabilizam o Estado, mas o fazem. Anteriormente

eu acreditava que a contradição estava entre o Estado e as práticas e as pessoas, mas agora percebo que a contradição está entre o modelo ideal de Estado e aquilo que ele realmente é.

### 3. A FRONTEIRA ENTRE ANTROPOLOGIA E LITERATURA

*“Que tem que ver chorizo com bicicleta?”<sup>53</sup>*

(Aguante el Portuñol, Trabuco Naranjero, 2002)

Para poder compreender o conceito fronteira, a fronteira e os fronteiriços escolho um ponto de partida singelo: a literatura, tornando-se responsável por mostrar o que é viver em uma fronteira. Acredito no potencial literário de representar a fronteira e sua gente a partir de um discurso subjetivo sobre a realidade servindo como uma análise social, pois a arte e a ciência não podem ser consideradas como coisas completamente separadas. Pensando em ambas como construções humanas baseadas em modelos de realidade, com funcionalidade ou não para o que foram criadas. Segundo Goodman (2006) a arte colabora com a construção de conhecimentos de mundo, nos permitindo entrar em outro sistema simbólico.

Em momento algum repudio a objetividade científica, aliás, busco na arte a objetividade. A literatura me permite conhecer outras fronteiras, outro olhar para as fronteiras, e fronteiras de outros tempos. Encerrei por muito tempo os fronteiriços numa espécie de comunidade que servia como um teatro (TURNER, 2008) para me mostrar aquele lugar, observá-los de outros modos se torna uma experiência intracorporal\*. Deixo-me ser afetada (FAVRETSAAD, 2005) pelos sons das músicas e do vento, pelas falas e escritas, permito-me (re)viver aquele espaço.

A literatura de fronteira (as obras escolhidas em questão) proporciona reflexões desafiadoras, bagunçadas, escuyambadas, leituras que permitem ver os lugares de um outro jeito. Meu objetivo, enquanto pesquisadora é mergulhar nos enredos desse ser da fronteira, nessa fronteira enquanto moldadora de seres, e de fronteiriços enquanto redeseñistas da fronteira. Parto do princípio que a arte não pode ser separada do mundano; é a partir das palavras e sentires de artistas que me proponho ver outra fronteira daquelas que conheço<sup>54</sup>. Utilizo o espaço ficcional na

---

<sup>53</sup> Trecho de uma música, originalmente do grupo Trabuco Naranjero, usada por outros artistas. Se tornou um “chiste” – piada, quando alguém fala alguma coisa sem sentido, que não tem nada a ver usam essa frase “mas que tem que ver chorizo com bicicleta” – mas o que tem a ver uma coisa com a outra. Usei para me referir a este capítulo no sentido “mas o que tem que ver antropologia com literatura”.

<sup>54</sup> Já desenhei a fronteira com giz de cera, antes mesmo de saber escrever. Sou fronteiriça e assim me identifico, a primeira fronteira que conheci é a que faz parte das minhas entranhas, é a que define quem eu sou e como me posiciono no mundo. A segunda fronteira que vi foi a que as lentes da antropologia me permitiram observar. Como trabalho de conclusão de graduação realizei uma etnografia da fronteira, acompanhando o cotidiano de cinco famílias.

intenção de evidenciar esse ser e fazer fronteira. Não concebendo aquele espaço relatado pelos artistas como a realidade, mas uma representação desta, a partir das diferentes fronteiras apresentadas pelos distintos artistas é possível perceber que apesar de escreverem sobre o mesmo lugar, nas suas narrativas a fronteira que aparece é sempre um novo modelo de realidade. Porque “ver é sempre um ver como” (RAMME, 1999).

Tencionar a fronteira entre escrita ficcional e realidade nos provoca pensar o lugar que os fronteiriços ocupam nos Estados Nacionais, como essas entidades oficiais vem esses sujeitos, as maneiras com que são denominados, como são considerados e por fim, as políticas públicas destinadas a esse grupo social. Considero a literatura um caminho de acesso à comunidade (ETTE, 2016, p. 195), capaz de nos mostrar essas questões levantadas, assim como outras. Edward Said colocou a literatura num patamar possível de dialogar com a política, mais em casos como esse em que falamos de uma literatura de resistência. A literatura fronteiriça conta coisas que nem sempre queremos ler, é uma escrita provocativa, denunciativa, libidinosa, cruel, pura, mas conta uma realidade, que é viver na fronteira.

A proposta é ler essa literatura não na necessidade de apontar suas falhas, nem como destruidora de uma suposta verdadeira arte vangloriada pelos seus espaços ocupados nos cânones, sem classificar como errada ou vergonhoso, fator que evidencia a intolerância dos leitores. O ponto jamais será ver o que falta nessa arte para que seja considerada literatura; mas sim pensar nela como ela é, uma totalidade fechada, sem faltantes, uma literatura tão digna de estantes de livrarias como outras obras já famosas. Uma leitura feita como uma pesquisa, aberta a possibilidades, buscando nessas escritas elementos literários, culturais e políticos que demonstram certa consciência literária fronteiriça.

Uma literatura de fronteira propõe usar a trajetória pessoal para representar outras realidades de fronteira. Posso lembrar da fronteira entre Brasil e Uruguai lendo Anzaldúa? E o contrário? Posso lembrar da fronteira entre Brasil e Venezuela lendo Aldyr Garcia Scheele? É possível deslocar as obras selecionadas para falar de outras fronteiras?

A narrativa é essencial para a argumentação que estou tentando desenvolver aqui. Existe uma relação direta entre ficção e realidade, muitas vezes o que os escritores narram nunca aconteceu, ou ainda não aconteceu, mas consegue se

transpor para realidade, ser usada para falar da realidade. Muita coisa é decidida antes, na narrativa e só depois passa para o mundo real.

As nações também são narrativas, foram criadas por alguém, se define numa narrativa em: uma bandeira, um idioma oficial, um hino nacional, tradições, moralidades etc. e depois isso é imposto para a realidade. Muitas vezes, são usadas narrativas ficcionais já conhecidas da literatura para definir essa nação.

É importante mencionar que a narrativa escrita está diretamente atrelada ao poder, alguém pode narrar e pode impedir outras narrativas, chamando a sua de oficial, de melhor, de verdadeira. A literatura é um discurso, conta algo, escolhe algo para contar. Quando se lê literatura, se lê uma escolha, se lê o ponto de vista de alguém sobre algo. Nas universidades e escolas certas obras são escolhidas para serem trabalhadas, numa era pós-colonial torna-se importante pensar em trazer literaturas marginais para dentro das salas de aula. Pode até entrar a pergunta de por que alguém que não é da fronteira tem que ler Vertical<sup>55</sup> ou Don Frutus, ora, pelo mesmo motivo que lemos Hamlet.

Deve partir como uma proposta ler essa literatura sem os preconceitos de ruim, destruidora de clássicos, errada ou vergonhosa, coisas que mostram um lado intolerante do leitor, o que não deveria combinar com o cientificismo. Uma leitura aberta, vou trazer de novo a fala daquele professor, ler de modo a "dejar el Estado afuera y entrar (ler) como fronterizo"; e como pesquisadora ler buscando elementos literários e culturais que mostrem uma consciência fronteiriça

Realidades também se transformam em narrativas, os escritores escolhem fatores reais e dissertam sobre isso. Comportamentos comuns são transferidos por um escritor para o papel, é como se algo se tornasse oficial. É isso que movimentos fronteiriços pelo *portuñol* estão fazendo, tornando o *portuñol* escrito, oficial, verdadeiro. O que acarreta certas perdas, por ser uma língua falada, ela tem várias versões mudando até mesmo em uma única cidade, de um bairro para outro, então o que é válido e o que não é?

Esse oficializar as coisas, exclui outras coisas, como aconteceu ao definir a nação, ao oficializar o *portuñol* os militantes tem cuidado de não ignorar nenhuma versão do novo idioma, então ele é chamado também de *brasiguai*, *bagacera*, DPU (dialetos portugueses no Uruguai), PGF (português gaúcho da fronteira), *brasileño*,

---

<sup>55</sup> Michel Croz.

*uruguaio, fronterizo*. Artistas criam seus próprios idiomas, imprimem glossários e dicionários. Os portunhóis viram de todos. Se a literatura já foi usada ao longo da história por inúmeras nações para se vangloriarem, para terem poder, faz sentido ela ser usadas por movimentos marginalizados para ter poder. Se até mesmo a história começa com a escrita, porque não tornar escrito os portunhóis.

*"que uma nova história da literatura latino-americana saiba como fazer ouvir e falar esse e outros silêncios."* (Wander Melo Miranda, 1994)

### 3.1 AS FRONTEIRAS E SEUS MAPAS: DOCUMENTOS E MOVIMENTOS

A fronteira aqui deixa de ser aquela desenhada pelos mapas, porque a precisão que eles colocam naquele espaço não é suficiente para contar a realidade que eu vivi como fronteira e aquela que as pessoas me apresentaram. Os mapas, eles mostram que existe um limite, um ponto final, e no dia-a-dia se parece mais com uma "e" de conexão. A fronteira deve ser vista pela sua ampla rede de interações e não somente como uma linha. A exatidão é um requisito dos Estados, quando eles começaram a se configurarem se tornou necessário, segundo moldes europeus, demarcar os limites, encerrando em um "sistema socialmente demarcado". Com o propósito de ter um controle maior do que entrava e saía de seus espaços, vigiando as pessoas, com o desejo de "ordem e progresso" (FALHAUBER, 2012). Na prática, podemos ver os Estados reduzidos a do "cá" e "lá", a distância entre eles é mínima e os mecanismos de separação se tornaram parte da vida dessas pessoas, então, não separam mais (QUADRELLI, 2002). A fronteira se define também "pela existência de um velho par de línguas, com um contato histórico e genealógico muito estreito, que é o do português-espanhol" (STURZA, 2005, p.47).

A fronteira permite que ocorra uma metamorfose dos papéis (JARDIM, 2017), nenhuma identidade é eterna e única, esse ato de ter uma identidade em um momento e logo ter outra é um ato de refabricar-se. As pessoas se consideram brasileira e/ou uruguaia depende para quem, do momento e para quê. As identidades são facilmente ativadas por um conhecimento prévio das burocracias

estatais. Os fronteiriços têm poder de decidir sua identidade (CABRAL, 1993; QUADRELLI, 2002), sabendo lidar com as regras do Estado. Eles não desconsideram as regras, mas fazem uso delas para tornarem possíveis as transformações. “Não são as regras do Estado que definem a nacionalidade da sua população, são os atores *fronteiriços* os que resolvem ou escolhem a sua nacionalidade, segundo as suas próprias regras” (QUADRELLI, 2002). Na fronteira, quando não se preenche os requisitos, procura-se por modos de resolver e conseguir acesso a tais papéis; esse seria um modo “deslegitimado” perante a lei, mas legítimo para o grupo.

Cabe ressaltar que esses acontecimentos não são resultado de uma ausência de controle, como é de costume ao se falar de fronteiras. As margens tendem a ter um controle muito intenso, com instalação de políticas específicas e implantação dos mais variados tipos de controle estatal, como o exército. Nesta fronteira a questão não é diferente, todas as agências estatais estão presentes e cumprindo o seu papel. Então cabe a pergunta “como as pessoas, apesar de existir um controle massivo, conseguem ter duas identidades, fazer contrabando etc.?”

Primeiramente, é preciso considerar sempre, que diferente de outros espaços, as fronteiras são um lugar de eternos fluxos, seria utópico acreditar que linhas em mapas conseguiriam limitar essas idas e vindas. Em segundo lugar, o Estado não é o Leviatã de Hobbes vindo do além, ele é construído por pessoas e práticas. Em terceiro lugar, as pessoas em busca de outra identidade não o fazem diretamente infringindo a lei, mas procuram meios burocráticos e legislativos de se tornarem cidadãos de outro país.

A fronteira não é um limite, mas um espaço que possibilita fluxos, oportunidades, que acabam por atrapalhar a ordem do Estado, desestruturam normas e fazem com que os Estados criem novas tecnologias de controle tentando estabelecer o que faz e o que não faz parte da nação" (OLIVEN, 1992, p.15). As leis, feitas no “centro” dos Estados são apropriadas e usadas pelas pessoas segundo seus entendimentos. O espaço está desenhado também por essas leis e formas de controle, mas a partir das mãos dos fronteiriços que dão sentido a tudo isso. A lógica de demarcação de um limite oficial faz parte apenas de um discurso oficial, o ir e vir está demarcado, mas não limita.

Esses espaços são denominados por Bhabha (1998) como “entrelugares” onde pode ser observada a criação de estratégias de subjetivação criando

identidades. As identidades não são opostas, mas se complementam pelo ir e vir do espaço. Habitar o além é estar entre, um espaço de intervenção no aqui e no agora.

Raffestin (1993) define espaço como um palco para a atuação dos indivíduos. Sendo assim, podemos pensar no espaço como a consequência da relação de indivíduos com um meio específico. Não é à toa que a primeira coisa a ser pensada quando há uma construção de nação é o território, fazendo com que os sujeitos definam quem são por serem de onde são (LUDMER, 2013). Meu objetivo com esta discussão aqui é pensarmos no território como fator fundamental nesse fazer literatura de fronteira, existe uma identificação entre fronteirços e a região de fronteira. A literatura entra em cena como uma forma de comunicação entre os sujeitos em questão.

Oficialmente, categorizaríamos esses indivíduos que entram em outro país como imigrantes, mas como pode ser possível a aplicação de uma legislação de imigração num espaço em que o fluxo é contínuo e se tornaria impossível solicitar documentação cada vez que um sujeito passa de um lado para outro. Os sujeitos não fazem uso da legislação de imigração, mas sim de cidadãos *jus solis e jus sanguinis*<sup>56</sup>. As pessoas se tornam oficialmente cidadãs brasileiras e uruguaias.

Existem definições do ser de fronteira como seres partidos ao meio, como múltiplos (SILVA, 2017), eu assumo o fronteiriço como um sujeito por si só uno, que faz da fronteira o que é e faz uso dela para ser o que é, suas identidades são mutáveis, plásticas e com tempo de uso indeterminado. O conceito de identidades múltiplas parte do princípio de que todas as identidades são diferentes e separadas; a identidade oficial definidas pelo estado são sim diferentes, mas assumidas pelas pessoas de fronteira é uma coisa só que se constitui de duas oficialidades. Boaventura Sousa Santos (1994) propunha que era possível a existência de novas identidades porque quando se fala de identidade não existe rigidez e isso pode ser visto no uso flexível de identidades nas regiões de fronteira.

Contra-pondo-se ao objetivo de fixidez do estado-nação está o movimento das fronteiras, o fluxo, o ir e vir de um lugar para outro, ser algo e deixar de ser, depois voltar a ser, falar de um jeito depois de outro etc. A fronteira mesmo com todo seu caráter de passagem, de momento, instante é um lugar de estar, de viver, um lugar

---

<sup>56</sup> O Estado brasileiro reconhece a nacionalidade *jus sanguinis e jus solis*.



que constitui gente e é constituído por gente. Os fronteiriços são feitos desses fluxos, definem sua cultura, seu modo de ser, estar e falar.

O caráter bélico da formação da região ainda o estigmatiza como um espaço de fuga, de passagem, recolhi alguns relatos que demonstram isso, como um transcrito no Trabalho de Conclusão de Curso:

Eram 1900 e tantos, ele era jovem, a guerra o havia chamado e ele não queria perder a vida nela. Mas sabia que se permanecesse na cidade dele seria levado à força para lutar. Foi então que, na loucura da juventude decide pegar o primeiro trem que partisse da sua cidadezinha, deixaria tudo para trás, não tinha medo, sabia que seja lá onde chegasse alguma coisa boa haveria, e o melhor de tudo, não teria que participar da guerra, não pertencia a ele, não o ajudaria a conseguir alguma coisa, nem ajudaria sua família, nem sua comunidade, sendo assim, ele não via motivos plausíveis de participar. Não sabia onde iria parar, mas sabia que o Uruguai seria sua melhor saída. Pegou um trem que vinha para o sul, e desceu em alguma cidade perto da fronteira, continuou vindo, até chegar a Livramento. Agora sim, sua liberdade estava mais próxima, o Uruguai ficava a minutos de onde ele estava, não esperou, apenas foi, até cruzar a linha da fronteira, fazendo seu melhor e mais eterno suspiro. Primeira missão: conseguir um emprego, sendo assim começa a trabalhar, mas apenas do lado uruguaio da fronteira, em Rivera. Numa fazendola, arrumando o alambrado, onde moravam duas solteironas, chamadas de Gringa e um monte de crianças, moravam também umas quantas moças. Por uma delas ele se apaixona, era uma brasileirinha, que havia perdido os pais ainda criança. Casa-se com ela, seu primeiro ato com a certidão de casamento realizado no Uruguai foi reivindicar junto ao Estado sua carta de cidadania, seu documento mais importante. Tinha costume de mostrar sua carta de cidadania que se manteve sempre bem conservada graças aos cuidados excessivos do seu dono. (PEREIRA, 2015, P. 40)

O sujeito da narrativa já faleceu, eu nunca o conheci, quem me conta é uma neta, me mostrou a carta de cidadania do seu avô que ela guardava. A fronteira para esse homem significou a liberdade e a possibilidade de uma nova vida. A maioria dos relatos nesse sentido são do passado, como de um sujeito, um famoso Pereira que degolava pessoas, contam que ele degolava uma no Brasil e ficava por um tempo no Uruguai, degolava no Uruguai e ficava por um tempo no Brasil. As leis atuais não permitem esse tipo de drible ao Estado, existe uma espécie de cooperação entre os Estados para atuar na região. Quando surgiu esse assunto em conversas, um interlocutor me conta que isso é bom, porque ele lembra de uma vez que um corpo foi achado bem na linha de fronteira, ocupando os dois países, diz que foi uma loucura, porque não sabiam que país deveria tomar as providências e que no fim não deu em nada.

### 3.2 A FRONTEIRA EM PORTUNHOL:

*“Minha pátria é minha língua”.*

Fernando Pessoa

Os tópicos a seguir trazem para a discussão um pouco da formação histórica do portunhol na região e como ele faz parte da fronteira na atualidade. Quando falo da fronteira em portunhol é porque quero mostrar como ela é descrita em portunhol, como numa narrativa fronteiriça ela ganha novos sentidos. A poética em portunhol cria um entre-lugar, entre o popular do portunhol e o culto da arte. A escolha do portunhol como língua para fazer literatura não é apenas uma consequência emotiva ligada às lembranças, mas também, muitas vezes uma escolha consciente de buscar uma linguagem mais regional. Chamar de literatura de fronteira é demarcar um território, falar que essa arte é daquele espaço específico. O território, o regional, o coletivo se dissolvem nos sentires dos poetas em palavras tortas. A fronteira entre o coletivo e o individual se confundem nessa fronteira.

O tópico 3.2.1 traz para a discussão um contexto histórico da fronteira e a consolidação do portunhol na região. Mostrando a relevância das guerras que ocorreram nos séculos anteriores para a definição do território em questão e quais são as consequências disso na atualidade.

O tópico 3.2.2 faz o movimento do portunhol das ruas para a arte, no sentido de a arte oficializar algo já existente massivamente no cotidiano da fronteira. De um portunhol sem nome, sem cara, para um com assinatura e cara. O propósito é pensar o que leva os artistas a escreverem sobre a fronteira, quando e os motivos de escreverem em portunhol e não nos idiomas oficiais, no caso, espanhol e português.

### 3.2.1 Entre Guerras e Limites nasce o Portunhol

Tu no tienes gloriosas tradiciones  
 No fuiste cuna de ningún caudillo  
 Ni fuiste sitio de ningún combate  
 Jamás se supo de extranjero alguno  
 que haya anelado conquistar tus llaves  
 No hay para ti recordación ninguna  
 de la historia en sus páginas de sangre  
 (Canto a la Ciudad de Rivera, Olyntho Maria Simoes, 1926)

Não farei um aprofundamento histórico, apenas traçarei um panorama geral de episódios da história da região que se relacionem diretamente com a questão linguística estudada em questão. Mas é importante pensarmos nessa relação entre os países ao longo do tempo e como isso construiu uma maneira de falar sobre uma literatura peculiar. A definição da fronteira é uma questão externa àquele lugar. As pessoas que ali moravam não foram consultadas ou decidiram sobre nenhum dos tratados de limites, mas foram diretamente atingidas por. Os fronteiriços sempre viveram sobre pressões soberanas, de modo criativo aprenderam modos de lidar com essas pressões. Esse modo de viver a fronteira faz com que ela não seja rígida e definitiva, mas sim plástica e passível de mudanças.

As guerras que aconteceram nas regiões de fronteira ainda marcam culturalmente esses lugares. Para haver enfrentamento é necessário convivência, estar num espaço determinado. Resta para ambos os lados o trauma e o falar do trauma, assim surge uma poética fronteiriça, um modo de se contar o sofrimento.

A língua portuguesa com as suas mudanças já nativizadas no território da colônia portuguesa entra em contato com línguas indígenas e o espanhol, um contato em lugares determinados gerando novas mudanças no português. Existe uma norma culta tanto do espanhol e do português, acreditar que suas variações atingem negativamente o idioma é ignorar uma série de acontecimentos sociais marginalizados. A proposta de trabalhos que estudam esses fenômenos que se encontram em processos de exclusão é uma tentativa de recolocar em cena esses atos, podendo assim repensar e considerá-los como válidos, retirando seus selos negativos.

Durante o século XIX uma boa parte dos moradores do Uruguai eram brasileiros, estancieiros do norte do Uruguai, Jardim (2000, p.14) coloca a postura do Estado do Uruguai, que numa tentativa de proteger a soberania do território, cria projetos de bolsão agrícola, o Estado comprava terras nas regiões de fronteira, na investida de definir um limite.

A segunda metade do século XX com seus movimentos uniformizantes da sociedade, levadas por ondas de nacionalismo criaram inúmeras políticas de nivelamento linguístico, um de cima para baixo, sejam políticas educacionais, militares, rede massivas de comunicação como televisão e rádio, com o real objetivo de criar um cidadão modelo. A educação entra em cena para uniformizar seus cidadãos, havendo o estigma de que quanto menos educação oficial a pessoa tenha mais ela vai falar em portunhol, quanto mais institucionalizado mais vai ter o espanhol ou o português como principal idioma. Por outro lado, é observado na região que mesmo uma pessoa tendo cursado até nível terciário ela recorre ao portunhol em algumas situações, como para se comunicar com a família, com amigos da infância e até mesmo para fazer arte, escrever poesia e músicas, como é o caso dos artistas citados nesta pesquisa.

Nesses movimentos nacionalistas, escolas e bases militares foram construídas nas regiões fronteiriças numa tentativa de defesa ao território. A fronteira era vista como uma ameaça à soberania nacional. Essas instituições oficiais com o espanhol como idioma faz com que a mistura entre idiomas se dê em um novo nível. Acredita-se que no século XX o espaço era habitado por sujeitos falantes do português e essas instituições criaram o portunhol.

O Rio Negro funciona como uma espécie de fronteira natural dentro do próprio território uruguaio, se por um lado está o Sul com seu poder hegemônico e riquezas, por outro está o norte abandonado e pobre. Se o certo é falar o espanhol do sul, errado deve ser o portunhol do norte.

No Brasil, a colonização do Rio Grande do sul por parte dos colonos das ilhas Açores teve um contato intenso com os moradores da atual Artigas, Rivera e Cerro Largo no Uruguai, onde havia uma população oriunda das ilhas Canárias. Tanto as frentes de colonização de Portugal como Espanha tinham preocupações com colocar moradores na região, assim como a implantação de postos militares com o real propósito de controle dos movimentos, do contrabando e circulação de pessoas. Fato que continua definindo a fronteira até os dias de hoje.

O Regulamento de 1815 concedeu terras orientais aos brasileiros até o que hoje seria a cidade de Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul. Charles Darwin (1836) registrou que a região compartilhava uma economia baseada na criação de gado e a cultura gaúcha (CLEMENTE, 2010). As forças rio grandinas colaboraram na luta pela independência do Uruguai a pedido do General Artigas. Aliás a boa relação entre as bandas do Artigas e os rio grandinos fizeram com que as autoridades coloniais de Portugal intervissem com medo das reformas agrárias orquestradas por Artigas (VARELA, 1933).

Houve inúmeros tratados e concessões de terras, sejam eles o Tratado de Ildelfonso em 1777 ou o Tratado de Limites em 1851. A questão é que terras passavam de domínio espanhol para domínio português várias vezes, definições do que era Uruguai e o que era Brasil. As pessoas que moravam naquelas terras não eram deslocadas, eles continuavam ali realizando suas transações diárias normalmente, não paravam de falar português e começavam a falar espanhol magicamente.

A área se configurou como um contínuo socio cultural, um lugar híbrido. Os habitantes se distinguiam dos uruguaios e dos brasileiros. A maioria ágrafa (MOZILLO, 2018) moradora da área rural tinha como idioma o portunhol com base linguística preponderantemente o português, com influência do espanhol (ELIZAINCIN, BEHARES E BARRIOS, 1987). O espanhol ou o português muitas vezes se tornou um segundo idioma aprendido e usado nas escolas.

Como resposta de uma política unilateral, a massificação social de hispanizar o norte do Uruguai criou o portunhol, primeiramente como idioma de contato, logo uma língua-mãe e por fim uma língua de resistência. Essa forma abrupta de uniformização atingiu os indivíduos num nível social de forma cultural e econômica que define muitas das relações atuais com o lugar. É possível conceber essa escrita identificável por seu idioma e por sua postura de resistência como uma resposta de uma política de controle social.

Não há uma única faixa etária dos falantes de portunhol, é um idioma utilizado desde crianças até idosos. Mas há faixas etárias em que isso é mais tolerado, quando um idoso fala em portunhol isso é aceito e a resposta tende a vir em portunhol também. Uma criança falando em portunhol é corrigida. Visto que crianças são institucionalizadas, em processo de formação educacional, devendo atingir o

espanhol ou português como idioma oficial, demonstrando a eficiência do sistema de ensino e por consequência do Estado.

O portunhol pode ser considerado uma fala nômade "configuradora e resultante da dicção 'sem-terra'" (BITTENCOURT,2016), isto é, uma língua que não se deixou definir pelas demarcações oficiais dos Estados nacionais, os sujeitos não definem com exatidão o seu idioma dependendo do lado da fronteira que estejam. Nesta colocação de Rita Bittencourt (2016) eu colocaria em suspensão o "sem-terra" por considerar o portunhol muito associado à terra, ou seja, ao território fronteiriço, a um lugar específico e gente específica.

Anzaldúa (2012, p. 25) escreve que " A fronteira entre os EUA e o México é uma *herida abierta*, onde o Terceiro Mundo se opõe ao primeiro e sangra. E antes que uma crosta se forme há hemorragias novamente, a força vital de dois mundos se fundindo para formar um terceiro país - uma cultura de fronteira". A escritora renomada traz a dor nas suas obras, mostra uma fronteira que sofre o massacre social feito na América Latina por países considerados de terceiro mundo. A relação entre o México e os Estados Unidos é uma relação de poder, o que não podemos afirmar que acontece nas fronteiras entre o Brasil e o Uruguai. Sem dúvidas que existem as diferenças entre os países, mas a relação entre os sujeitos da região é de cooperação e trocas, fato que não acontece da mesma maneira na fronteira de Anzaldúa.

Os pensamentos anzalduanos nos provocam pensar nesse caráter dúbio dos Estados que se torna evidente nas fronteiras. Os ritos nacionais ganham novos sentidos nas fronteiras, em alguns lugares e momentos os ritos são reforçados, em outros reinterpretados, e em alguns esquecidos. Nas fronteiras nascem outros ritos, há enfrentamentos de ritos, dúvidas, a fronteira permite essa constante incógnita.

A importância do local geográfico quando falamos de uma cultura de fronteira em fronteiras territoriais específicas torna-se relevante para pensarmos os processos geoistóricos que consideram aspectos sociais, políticos e históricos (MIGNOLO, 2012); pensando na relevância de uma história local para a formação de identidades regionais.

Existem muitas teorias e nomes para definir as fronteiras, tem gente que chama de:

"Entre-lugar (S. Santiago), lugar intervalar (E.Glissant), tercer espacio (A. Moreiras), espacio intersticial (H. K. Bhabha), the third space (Revista Chora), inbetwen (Walter Mignolo e S. Gruzinski), caminho do meio (Z.

Bernd), zona de contato (m. L. Pratt), ou de fronteira (Ana Pizarro e S. Pesavento), o que para Régine Robn representa o hors-lieu, entre as muitas variantes para denominar [...] as "zonas" criadas pelos descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade, que vêm testemunhar a heterogeneidade das culturas nacionais no contexto das Américas e deslocar a única referência, atribuída à cultura europeia" (HANCIAU, 2005, P. 127)

Encontros marcam as diferenças, as distâncias, os opostos, mas também as semelhanças, as continuidades, a mesmice. Se algo se encontra é porque estava separado, alguns casos de fronteira são chamados de encontro erroneamente, ali sempre existiu aquilo, ou gente daquele lugar, sempre foi um lugar, a fronteira veio depois. Não foi a fronteira que definiu aquele espaço como lugar, mas atualmente faz parte da sua configuração de sentidos. Fronteira enquanto um marco que delimita, vêm depois, como uma ação dos Estados-nacionais.

Na segunda metade do século XIX a região de fronteira era majoritariamente habitada por uma elite brasileira que possuíam terras dos dois lados da fronteira. O norte uruguaio era praticamente todo dividido em estâncias com donos brasileiros (CHASTEEN, 2003). Sendo isto considerado uma ameaça pelos Estados nacionais uruguaios. A criação de políticas por parte do Uruguai que neutralizassem a presença desses brasileiros era principalmente na educação, aos moldes de José Pedro Varela: "laica, pública e obrigatória", construindo inúmeras escolas, levando o espanhol para todo o território uruguaio. Portanto, políticas que tem como objetivo a inclusão do portunhol muitas vezes são consideradas contra as políticas do considerado herói do Uruguai.

Em 1877 foi criado o *Decreto-Ley Reglamento de Instrucción Primária* que diz ser obrigatória a educação primária em língua espanhola. A criação dessa lei que ignora completamente a polifonia do país, no norte do uruguaio funcionou como um massacre cultural. Desse modo o espanhol começa a mudar o português da fronteira aos poucos, resultando nas variações linguísticas que temos hoje.

O Uruguai, como pretendido pelas ondas nacionalistas não se tornou monolíngue. As escolas da fronteira como pretendidas por Varela não tem o espanhol como único idioma. O portunhol continua fazendo parte do dia-a-dia dos fronteiriços. Assim mesmo, o idioma colocado como inferior sofreu certas repressões e proibições em alguns lugares, portanto não era tolerado falar em portunhol em sala de aula, mas falar no intervalo estava tudo bem. Os fronteiriços se tornaram bilíngues, algo que não estava nos planos das autoridades.

É importante salientar que a política educacional de Varela foi sumamente importante para termos um país que acredita numa educação pública, laica e obrigatória para todos os seus habitantes, independente de credo, raça e status social. A chegada de escolas na região norte do Uruguai foi massiva. Escolas foram instaladas em lugares em que existiam apenas dois alunos. Crianças brasileiras tiveram acesso à educação porque começaram a existir escolas, mesmo que fossem uruguaias. Isto não é uma crítica ao movimento vareliano, mas um apontamento de que a variedade linguística regional não foi respeitada. Acredito que esse nunca tenha sido o objetivo de Varela, mas acabou se tornando uma política de planejamento linguístico.

O século XX carece de políticas em relação ao idioma do Uruguai. Entretanto, durante o período da ditadura fronteiriços contam que nas escolas se tornou menos aceito o portunhol. A mudança no século XXI foi radical, um grupo de especialistas em linguística e educação criam políticas que contemplem a variedade linguística do país. Instituições públicas de ensino promoviam o ensino de português, como os Centros de línguas estrangeiras e escolas de ensino primário. Escolas bilíngues de ensino primário são criadas tanto em Santana do Livramento como em Rivera, promovendo a integração entre os países e o respeito ao idioma local.

### **3.2.2 Do Portunhol das ruas à arte**





FIGURA 24 – Pixação nos muros da cidade de Rivera. Fonte: Acervo da Autora, 2016.  
Tradução: Vim Deixar claro que sou escuro, tesouro raro num jogo duro (Êmicida).

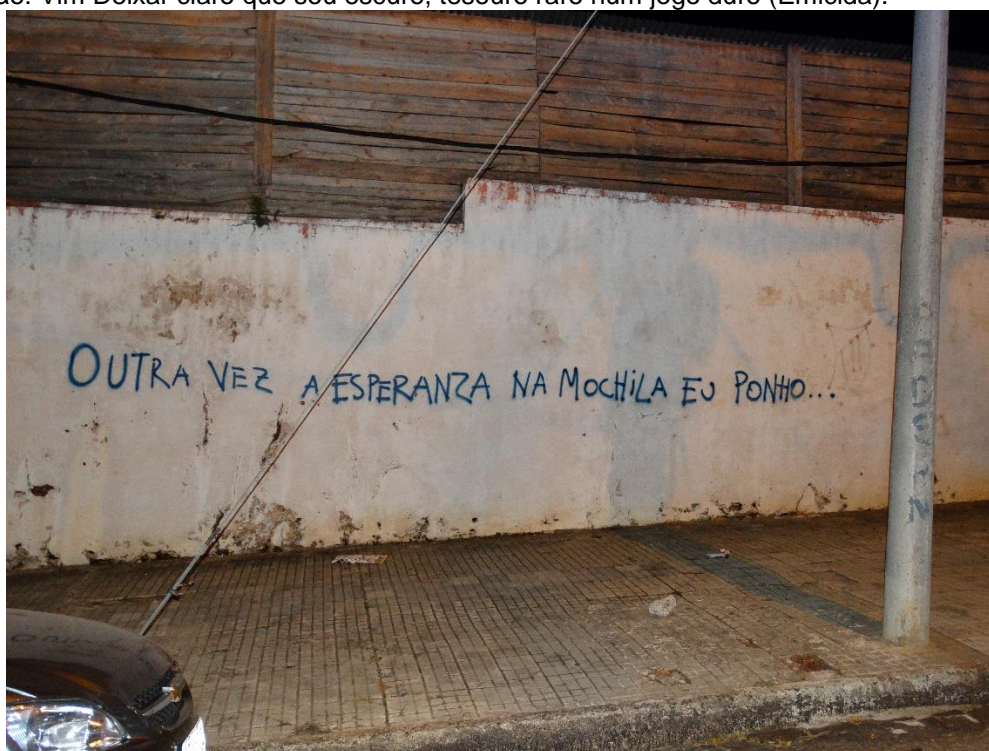


FIGURA 25 – Pixação nos muros da cidade de Rivera. Fonte: Acervo da Autora, 2016.  
Tradução: Outra vez a esperança na mochila eu ponho (Êmicida).



FIGURA 26 – Arte nos muros da fronteira. Fonte: Acervo da autora, 2015.

A literatura entra aqui como contestadora de territórios, de normas, de obrigações. Contesta o limite, a oficialidade do espanhol e do português, a institucionalização do ensino padrão nacional, de identidades rígidas e estáticas, o silêncio destinado às margens. Expõe vergonhas, sujeiras, dejetos fétidos, pobreza, fome, seca, sangue. Para uma língua que surgiu na guerra, onde seus poetas falam da dor e do sangue escorrendo, o portunhol é uma língua que luta contra o genocídio, faz sobreviver códigos culturais esmagados pelos Estados Nacionais.

O portunhol, por si, é o idioma falado e compartilhado em várias regiões de fronteira entre o Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai. No início do século começaram alguns movimentos literários regionais para a criação de um idioma compartilhado por toda a América Latina, com o objetivo de ultrapassar barreiras linguísticas e territoriais, seria esse o portunhol, mas não os portunhóis específicos de algumas fronteiras, mas sim uma criação artística. Uma das criações foi o Xul Solar aplicando variação do espanhol ao português, com toques de grego, latim e guarani. Diferente do portunhol que escreve sobre um sentir específico, uma terra determinada e um ser a fronteira, o Xul Solar tenta extrapolar qualquer limite,

tornando-se intraduzível e incompreensível, afinal, é de todos e de ninguém, para todos, mas ninguém entende.

O portunhol que se escuta nas ruas, nas casas e até mesmo nas escolas é diferente de um bairro para outro, de uma cidade para outra. Do mesmo modo, o portunhol falado é diferente do que se encontra em pichações pelas paredes da cidade, cartazes de armazéns, cadernos de estudantes e de poetas. Igualmente distinto ao portunhol institucionalizado que passa por um processo de endurecimento e se torna estático, imutável, perdendo seu caráter nômade, fluído e vivido. As tentativas de institucionalizar o portunhol deixa todas as versões que não se encaixam no oficial do lado de fora, como se fossem a versão submarginal de uma língua marginal. Mas, por outro lado a institucionalização pode reconhecer o prestígio do idioma.

O Estado brasileiro e o uruguaio já criaram inúmeras políticas de contenção para barrar o portunhol, entre as últimas estão a institucionalização do espanhol (português no Uruguai) nas escolas de ensino fundamental. Justificando que os estudantes devem superar o portunhol e aprender os dois idiomas por separado o português como língua materna e o espanhol como segundo idioma (o oposto no Uruguai).

No lado brasileiro, falar em espanhol é bom, mesmo que esse considerado espanhol pela comunidade seja na realidade um portunhol. Em Santana do Livramento, por exemplo, falar em PGF (português gaúcho da fronteira) é valorizado e relacionado ao tradicionalismo, algo memorial, tradicionalista. Os CTG e seu movimento ganham protagonismo na região rememorando o folclorista Paixão Cortês<sup>57</sup>. O ato de positivar o portunhol para os brasileiros da fronteira deve-se ao fato deles também terem tornado positivo o gaúcho e, portanto, tudo que ele envolve, o campo, o trabalho, as vestimentas, as músicas e o idioma. Os gaúchos se tornam em mãos de folcloristas como Paixão Cortês em personagens e heróis do pampa. Quando sujeitos na atualidade querem fazer referência a esses heróis e contar causos usam o portunhol, porque era assim que os gaúchos falavam.

Por outro lado, e do outro lado da fronteira, no Uruguai ser *gaucho* não é tão positivo e nem falar o portunhol. Se proíbe o portunhol por afirmarem ele ser

---

<sup>57</sup> Folclorista, músico e radialista, conhecido por ser um dos formuladores do movimento tradicionalista gaúcho. É oriundo de Santana do Livramento e ao entrar na cidade pela BR 158 é possível ver um monumento feito em sua homenagem, além de cartazes falando “esta é a terra de Paixão Cortês”.

negativo na formação de uma imagem nacional do país. São contrários à institucionalização do portunhol por acreditarem que se aceito o portunhol em ambientes como escolas, os sujeitos de fronteira jamais aprenderiam os idiomas oficiais, ficariam apenas no desvio e fadados à fronteira para sempre, já que estariam incomunicáveis com o resto da nação. Existe “diferenças funcionais e de prestígio entre as línguas” (MOZILLO, 2018), esse fenômeno de hierarquização das línguas é denominado de diglossia (idem).

A literatura de fronteira não é discutida nas escolas como se discute literatura brasileira, paulista, americana, inglesa. Não se lê Dom Segundo Sombra, Dois Irmãos, Linha Divisória, Us Piá, como se lê Memórias Póstumas de Brás Cuba, O Corvo, Dom Casmurro, ou no Uruguai Martin Fierro, Juana de Ibarbourou. Essas obras são colocadas como segundo plano, não merecedoras de um espaço na intelectualidade, nas universidades, nas escolas, fadadas à rua, são classificadas como sem prestígio e sem valor cultural. O *portuñol* é uma língua contrabandeada, assim como os fronteiriços, é leva pra lá, traz pra cá. Ilegal, suja, errada!

A partir do momento que o portunhol passa a ser escrito ele se torna ameaçador e real, é nessa situação que os Estados intervêm e criam estratégias para lidar com essa subversão, como é o ato da criação de aulas de português nas escolas uruguaias da fronteira e de escolas chamadas binacionais. O Estado acredita ser o responsável de mediar as relações e a integração na fronteira, mas na prática ele só institucionaliza relações e integrações já existentes.

Os poetas assumem o portunhol como a forma de se comunicar melhor com seus sentimentos, lembranças e conectar-se com sua terra. O que os leva a escolher o portunhol é por acreditarem ser assim que se conectam com seu eu sensível. Apostam em escolhas em espanhol ou português quando o propósito é provocar um público externo à fronteira. Afirmam escreverem muito bem nos idiomas oficiais, mas que quando escrevem o que sentem, as palavras simplesmente aparecem em portunhol. Comentei que eu gostava de escrever, mas que não conseguia fazê-lo em portunhol, que acreditava ser pelo modo como aprendi os idiomas oficiais. Afirmam que eles também não tiveram uma alfabetização suave e respeitosa, que seus anos escolares foram cheios de basta de portunhol, mas que isso também provocava essas escritas em portunhol, “*cosa de sinverguenza*”. Pergunto quando começaram a escrever em portunhol e o que provocou isso, respostas como: “desde sempre”, “desde o momento que aprendi a escrever”, “*ya*

del útero”. Demonstrando que a escrita em portunhol faz parte de quem eles são. Apesar de em alguns momentos (ainda hoje isso ocorre) essa escrita ser considerada errada, a partir do momento que eles se tornaram artistas assumiram esse “erro” como parte da sua arte. Um movimento de empoderamento linguístico e cultural.

#### **4 INSTITUCIONALIZAÇÃO DO PORTUNHOL**

Um dos autores de maior relevância nos estudos sociolinguísticos é Luis Ernesto Behares resgata o portunhol das margens e o coloca como um idioma de contato, suas pesquisas foram pioneiras e na atualidade são consideradas essenciais na discussão. Behares (2007) se refere ao portunhol de um modo bem peculiar, tentando explicar qual seria a língua dominadora e a dominada, tão comum em contatos linguístico, ele se refere ao fenômeno como espanhol sendo a fonte e o português o pote. Isso pelo espanhol entrar num espaço em que se falava português antes. O espanhol ele é modificado por esse português ali presente.

Como uma língua não gramaticada por não ter instrumentalização suficiente para isso não é algo fixo, não está com leis em dicionários. A literatura pode ser

considerada o meio de circulação do idioma e uma tentativa de mostrar que pode ser também um idioma inscrito (escrito).

É, então, pensando em atos de enunciação dos sujeitos que chamo de artistas que coloco um olhar teórico antropológico no portunhol. A partir da seleção de algumas obras examinarei os sentidos criados por essa enunciação e os efeitos dele na fronteira. O passo dado em frente (em consideração às pesquisas que realizei até hoje) é o pensar as relações imaginárias entre os sujeitos. Olhar para os sentidos de falas não exclui o pensar a fronteira a partir de uma totalidade, mas abre a possibilidade de pensarmos no além.

A relação dos sujeitos com a língua torna-se fundamental para pensarmos questões sociais e políticas. Os artistas quando assumem esse papel enunciativo, assumem um papel político, digo isso por acreditar no potencial que eles têm de atingir uma quantidade considerável de pessoas e a partir de suas artes mostram o potencial do portunhol. Nesse mesmo sentido, torna-se essencial pensarmos que a reação sujeito-idioma é estruturado em questões políticas e regulado por jogos de poder. Sendo possível questionar se o portunhol é bem aceito apenas na literatura e considerado negativo no dia-a-dia ou se a literatura fronteira é uma ferramenta a ser usada no jogo de poder para demonstrar o potencial linguístico do portunhol.

Os sujeitos manejam os idiomas oficiais e o portunhol com muita facilidade, sendo possível em uma mesma conversa passarem de um idioma para outro. É um ir e vir, um pra cá e pra lá, do mesmo modo como são as outras atividades numa fronteira, esse movimento fluído é uma característica da fronteira, do portunhol e dos seus falantes.

Torna-se importante salientar que a Lei nº 18.437 (do Uruguai), de 12 de dezembro de 2008 registra o respeito às variedades linguísticas dentro do âmbito educacional. No Brasil, a lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2015, inseriu a língua espanhola no ensino regular; em 2016 essa lei foi revogada.

As tentativas de patrimonializar o portunhol teve seu auge em 2015 com uma série de eventos e manifestação por parte de intelectuais e artistas. A literatura em portunhol seria uma das ferramentas chave para a conquista de tal feito. Participei em alguns desses eventos e o assunto girava em torno do portunhol deixar de ter esse título de inferior podendo ocupar todas as esferas da sociedade incluindo a literatura e a educação. Alguns artistas não concordavam com a patrimonialização por acreditarem que desse modo o portunhol deixaria de ser fluído e heterogêneo,

passaria a existir um portunhol e suas variantes, caindo novamente em hierarquias. Passar por um processo de normatização, para alguns artistas, significa o fim da possibilidade de poder usar a língua ao seu gosto, encaixando nos seus sentires. Desde então não soube de novas manifestações a respeito.

Seja o portunhol falado ou o escrito, esse idioma errante tem criado seu lugar na literatura, ganhando prestígios justamente por suas características transgressoras. Desse modo, torna-se necessário pensar nessa passagem do portunhol falado ao escrito e ao portunhol como arte.

Os subcapítulos a seguir têm como propósito apresentar a literatura e arte de fronteira e seus artistas. Algumas obras foram escolhidas para uma análise mais profunda, e outras entraram em cena com o objetivo de evidenciar fenômenos, acontecimentos, lugares, jeitos de falar e o próprio portunhol.

Nas aulas de literatura de escolas uruguaias artistas como Olyntho Maria Simões são apresentados e discutidos, raramente obras mais atuais são trabalhadas em sala de aula. Sendo assim a representatividade não tem muito sucesso. Por outro lado, grupos musicais atuais usam o portunhol como idioma das suas canções, essas versões têm mais sucesso entre a comunidade jovem. Para as gerações mais velhas, músicos folcloristas ganham sua atenção, muitas músicas são poemas desses escritores que podem ser considerados pais da literatura de fronteira.

#### 4.1 A FRONTEIRA EM VERSOS

Toda fronteira tem seu poeta para contá-la. A fronteira entre o México e os Estados Unidos teve a sorte de ter Glória Evangelina Anzaldúa, que além de poeta lutou pelos chicanos a partir de sua escrita. Enfrentou discursos opressores, apresentou um texto híbrido de linguagens, escrito um pouco de cada jeito, em inglês, espanhol e em chicano. Falou um pouco como poeta, outro pouco como professora, como mestiça, como mulher, como guerreira e como chicana. Mostrou uma realidade escondida, de um jeito atrevido e fez teoria, criou um vão teórico, a teoria feita no entre, falou de fronteiras como feridas abertas. Um ícone da literatura

fronteiriça, os poetas que conheci lutam assim. Nesse tópico apresento os artistas e as temáticas que os mobilizam a escrever.

Quando os artistas falam sobre a fronteira, se colocam como sendo a própria fronteira, o ser fronteira tem que passar por eles, penetrar. Sejam eles poetas como Olyntho Maria Simões, escritores de contos como Fabian Severo, desenhistas, dramaturgos tal qual Michel Croz, cantores como Ernesto Diaz ou compositores do jeito que é Tito Alvariza. Da primeira metade do século XX, como Agustin Bisio ou deste ano (2020) como Camila. Os poetas provocam as estruturas fixas, as mexem, giram, viram de cabeça-para-baixo, as transformam. Não é somente a fronteira que faz a literatura, a fronteira é feita por esses poetas. Esses sujeitos escrevem na corrente contrária ao cânone, não são reconhecidos, não vendem best-seller, *quem são esses sujeitos?* Eles expõem personagens silenciados e massacrados, se vêm obrigados a isso.

Através de Bhabha (2012), podemos problematizar o fato do idioma e da literatura serem colocados como unicamente das elites, para ele, a teoria surge na política, nos movimentos sociais, no viver, na poesia, na literatura. Nesse sentido, a professora Anzaldúa faz teoria, e *os poetas que eu conheci?*

Anzaldúa foi professora universitária e acadêmica, fazer teoria era o trabalho dela. A maioria dos artistas que conheci na fronteira não tem a teoria como objetivo de seus trabalhos. Cantam para viver, para sentir. Querem fazer da arte seu emprego e lutam por isso. Alguns deles são professores em escolas de educação básica e levam para dentro de sala de aula essas discussões.

Para poder minimamente entender a complexidade dessas escritas de fronteira, torna-se necessário acompanhar os conflitos de identidades desses sujeitos, desses lugares, compreender e analisar todas as denominações dadas e autodefinidas, mergulhando no espaço narrativo.

Anzaldúa propõe a teoria Borderlands<sup>58</sup> como "um lugar teórico representativo de várias identidades de fronteiras e não somente do lugar identitário de Anzaldúa" (SILVA, 2017, p.30). A literatura é colocada como agente transformador, um produto ideológico, em contraposição ao discurso hegemônico intelectual. A teoria borderlands coloca a postura teórica e literária como confrontadoras dos padrões e

---

<sup>58</sup> Borderlands é um lugar cheio de gente que não se encaixa em nada, um depósito dos trânsitos mundiais.



poder nacional. Tirar as obras do seu espaço destinado de subalternidade perderia qualquer caráter crítico analítico (idem).

O desafio é ler algumas obras individualmente, num primeiro momento assumir essas obras com um poder criativo da imaginação e entrar nesse mundo da fronteira a partir das palavras que os artistas me fornecem. Depois, assumir as obras como um conjunto de lutas por um modo de ser, fazer e estar no mundo. Narrativas que tentam definir, oficializar, mostrar a veracidade de uma cultura, tornar "certo" um modo de viver, mostrar a relação dessas obras com um povo.

A partir das propostas de Anzaldúa, entendo que os artistas (como gostam de serem chamados) não são movidos unicamente pelo propósito de oficializar o portunhol. O conjunto dos artistas aqui em análise compreendem ao menos duas ou três gerações, uma literatura clássica dos anos 1950 a uma menina adolescente que divulga seus clipes no youtube, há uma heterogeneidade que corresponde as diferentes gerações que fizeram uso e atualizam o portunhol<sup>59</sup>. As obras que irei analisar apontam que muitos deles referem-se a realizar pela arte, da necessidade de fazer arte para viver, da arte para gritar. Mostram aquilo porque é aquilo que conhecem, que quando fazem arte eles mostram seu lado mais sincero, mais íntimo, mais afetivo. Isso está diretamente conectado com as suas infâncias nas ruas da fronteira, com as suas mães cantando cantigas de ninar em portunhol, com as piadas dos colegas da escola no idioma típico. Os escritores escrevem aquilo que sabem, que viveram, sentiram, Said afirma que sujeitos estão "moldando e são moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus" (SAID, 1995: p. 15) o que poderia ser pensado nessa relação entre artistas fronteiriços e a fronteira.

Início a apresentação da literatura fronteiriça com *Caminitos de Tierra Colorada*, um clássico para a região, reconhecido pelo Uruguai como escritor, tem escola que leva seu nome, rua e até mesmo estátuas em sua homenagem. O poema virou música e interpretado por vários artistas considerados folcloristas, também com partes incorporadas em letras de músicas de diferentes estilos.

---

<sup>59</sup> No apêndice encontra-se um quadro completo com a tipologia de autores e gêneros artísticos que organizei durante a pesquisa para proceder está análise.

<sup>1</sup>Caminitos de tierra colorada  
<sup>2</sup>no los hay donde quiera;  
<sup>3</sup>caminitos de tierra colorada  
<sup>4</sup>son propios de Rivera.  
<sup>5</sup>En las tibias mañanas  
<sup>6</sup>luminosas, refulguen con su  
<sup>7</sup>brusco cuesta abajo,  
<sup>8</sup>hendiendo las cuchillas  
<sup>9</sup>arenosas como un sangriento tajo.  
<sup>10</sup>Y parece que baja a sus orillas  
<sup>11</sup>todo el oro del Sol, convertido  
<sup>12</sup>en las flores amarillas de la  
<sup>13</sup>vulgar y humilde "mariamol"  
<sup>14</sup>Como el tiempo, se cambian  
<sup>15</sup>sus matices de ocre viejo se  
<sup>16</sup>impregnan, si garúa, y la tarde  
<sup>17</sup>de junio con sus grises,  
<sup>18</sup>su sepia melancólico acentúa.  
<sup>19</sup>Y los llenan de baches y de  
<sup>20</sup>zanjas al tráfico continuo de los  
<sup>21</sup>días, en invierno, camiones de  
<sup>22</sup>naranjas, y en verano, carretas  
<sup>23</sup>de sandías.  
<sup>24</sup>En cada madrugada, es cosa  
<sup>25</sup>cierta, que el lechero a caballo  
<sup>26</sup>o en el carro, chiflando una  
<sup>27</sup>"modinha", los despierta,  
<sup>28</sup>acompañada al chapaleo del carro.  
<sup>29</sup>En la modorra de la siesta  
<sup>30</sup>ardiente, cuando una serie de  
<sup>31</sup>carretas pasa lenta y pesada,  
<sup>32</sup>se oye el estridente grito del eje  
<sup>33</sup>que reclama grasa;  
<sup>34</sup>Carreteros y bueyes, ya del

<sup>35</sup>*viaje de varias leguas hartos y*  
<sup>36</sup>*mohinos, ante sus ojos, miran*  
<sup>37</sup>*el paisaje esfumarse de*  
<sup>38</sup>*rojo en los caminos.*  
<sup>39</sup>*Esos caminos rojos de Rivera,*  
<sup>40</sup>*alfombrados de polvo de*  
<sup>41</sup>*ladrillo, y que la "mariamol" en*  
<sup>42</sup>*Primavera, se complace en*  
<sup>43</sup>*bordearlos de amarillo.*  
<sup>44</sup>*¡Caminitos, caminos de Rivera..!*

Caminitos de Tierra Colorada Agustín R. Bisio, SD.

Bisio sente pela terra vermelha, pelas flores amarelas, pelas laranjas e melancias, pelos rastros deixados na terra vermelha do inverno e do verão, da chuva e da seca e pelo vai-e-vem das gentes e das coisas. *Caminitos* fazem sentido num espaço onde o movimento é essencial. Um dos personagens típicos das fronteiras é o contrabandista, levando coisas de um lado para outro. E na fronteira todo mundo é contrabandista. Para carregar as coisas de um país para outro, são criados caminhos extraoficiais. Relembremos o filme “O Banheiro do Papa”<sup>60</sup>, quando os contrabandistas de bicicletas desviavam a rodovia e entravam para o Uruguai pelo campo e assim mesmo, muitas vezes foram pegos e perdiam suas mercadorias. Os novos caminhos são feitos por pés e rodas de bicicletas, carretas e carrinhos-de-mão.

O autor coloca a singularidade da cidade ao falar que a terra vermelha é algo dali (versos 1-4 e 44). Traz outros elementos da paisagem, como as *cuchillas* (coxilhas em português, colinas típicas do pampa<sup>61</sup>) (verso 8) e a flor conhecida *mariamol* (versos 11-13 e 41-43) que na primavera pinta região de amarelo. O poema se refere à terra vermelha, como ela faz parte da paisagem e se mostra impactante nela, as variações que a terra tem pelo impacto de outras coisas como as coxilhas, flores, o frio, a chuva, o sol, as pessoas que pisam nela, as rodas das coisas e tudo mais.

<sup>60</sup> O Banheiro do Papa, CHARLONE & FERNÁNDEZ, 2008.

<sup>61</sup> Uma região natural, de planícies com colinas, localizada no sul da América do Sul, partes do Brasil, Argentina e Uruguai.

As temáticas escolhidas por Bisio são identificadores da paisagem, do lugar vivido e em seu conjunto dão concretude a uma cultura fronteiriça através das palavras. A musicalidade das estrofes escritas por Bisio fizeram com que sua poesia fosse eternizada no tempo ao ser interpretada e cantada por diversos músicos. Cabe salientar que o livro *Brindis Agreste* tem notas de rodapé com tradução das palavras em portunhol. Livro publicado uma única vez, poucos exemplares. Difícil acesso atualmente. *Caminitos de Tierra Colorada* é o único poema famoso do livro. Sua fama não se deu nos tempos em que Agustín Bisio era vivo, a morte precoce de um homem bem visto na sociedade fez com que alguns exemplares de sua obra fossem lidos. A musicalização do poema *Caminitos de Tierra Colorada* no fim do século XX fez com que seu poema fosse lembrado, escutado e cantado em todos os cantos da cidade de Rivera. Escolas carregam o nome do poeta, assim como bairros e nome de rua, além de seu busto em um monumento na praça central da cidade de Rivera (UY). As pessoas ao cantarem *Caminitos de Tierra Colorada* não sabem ser um poema de Bisio. Mas as escolas ao fazerem os alunos cantarem, trabalham primeiramente com as crianças o poema. O grupo musical responsável pela musicalização foi “Los Olimareños”.

A poética de Bisio foi considerada na época (1950) como inovadora e inusitada pelo uso do portunhol. A forma inusitada está pelo seu caráter híbrido, uma língua com vida e emoções. Procuro desvendar as características dessa linguagem que surge na literatura com Bisio.

As análises são feitas a partir de enunciados e não versos, não por ignorar o caráter literário, mas por ter como objetivo pensar na textualidade, naquilo que o texto está falando.

Ao escrever, os sujeitos se tornam em agentes, a cultura é situada (DORFMAN, 2008), que passa por um processo de *sentir*. Na sua amplitude total a cultura é sentida por alguém, em algum lugar e num momento específico. Cabe pensar como um homem, branco no início do século XX consegue escrever algo que faz sentido para outras pessoas? Pessoas de 2019. *Qual o potencial do escritor ao tornar suas palavras definidoras de cultura? Que cultura é essa que falamos? Como um sujeito se torna criador de cultura ao situar a cultura?*

Agustin Ramón Bisio, o dono das palavras citadas anteriormente, foi um escritor fronteiriço do início do século XX, um dos primeiros a escrever versos em portunhol e ser reconhecido por isso. Seus poemas falam sobre a fronteira, os

gaúchos e o campo. Até hoje é lembrado tendo seu nome homenageado em escolas e uma escultura de seu busto na praça Artigas<sup>62</sup> em Rivera-Uruguai.

---

*<sup>1</sup>¡Más vale así ciudad de mis afectos!  
<sup>2</sup>¡Tú sin eso también puedes ser grande!  
<sup>3</sup>Tú tienes el encanto de tus plátanos,  
<sup>4</sup>poblados de gorriones charlatanes,  
<sup>5</sup>y tu Cerro del Marco, que es un puño  
<sup>6</sup>cuyo índice gigante  
<sup>7</sup>señala eternamente las estrellas,  
<sup>8</sup>indica eternamente lo insondable...*

Canto a la Ciudad de Rivera, Olyntho María Simoes, 1926.

Escritor e jornalista fronteiriço, Olyntho María Simões mobilizou a fronteira com vários eventos culturais na cidade, como menções ao patrimônio, desfiles e feiras. Seus poemas se destacam pela presença de gente e de coisas da fronteira. Hoje tem sua frase celebre “*el que toma agua da bica, fica*” estampada no “*Rincón de los Poetas*”, um cantinho entre ruas e morros na cidade em que árvores, pássaros e bancos tornam o ambiente peculiar.

Nasceu na cidade de Rivera em 1901, com seus 20 e poucos anos criou dois jornais. Ganhou um concurso literário com o Canto a la Ciudad de Rivera, o poema escolhido como ganhador se tornaria o hino da cidade. Não tem uma vasta obra, mas é um autor reconhecido e respeitado, entre suas obras estão a citada anteriormente, Riverense, Calle Brasil, Plaza Bonet, Las Cometas, Carnaval, Nenena.

No trecho escolhido para a representação da cidade por Maria Simões, fala de plantas e pássaros (versos 3 e 4) e como isso torna aquele lugar especial. Ressalta a presença de um morro (verso 5), chamado de Cerro do Marco, dividido ao meio por marcos de pedra, o morro tem o formato de um punho, com o dedo indicador assinalando para as estrelas (versos 5-7). Nos tempos das demarcações

---

<sup>62</sup> Praça central da cidade de Rivera.

dos territórios nacionais o espaço serviu como acampamento militar. Tornando-se um ponto de referência da região, e um ícone para os artistas.

Apesar da falta de rima dos versos os poemas de Olyntho são cuidadosamente criados e isso é perceptível ao ver o cuidado com as métricas, as aspas em palavras em português e o glossário no fim das suas obras. Ele não usa só o portunhol, mas também palavras que poderiam ser definidas como gauchescas, assim como o português e o espanhol.

Uma das características que o deixaram famoso foi o falar sobre a relação do norte do Uruguai ao sul do Brasil, num sentido nostálgico e até histórico. Ora como lembranças, ora como fatos históricos.

Olyntho María Simões em sua peculiar criação, distante dos cânones literários, coloca a literatura uruguaia em parâmetros que podem ser considerados pós-modernos, cheio de movimento, hibridez e caráter periférico. Usando o texto para mostrar uma sociedade, demarcar cultura e ideologias.

---

<sup>1</sup>*yo nasci nuna frontera*  
<sup>2</sup>*donde se juntan dos pueblos*  
<sup>3</sup>*Y se fala misturao*  
<sup>4</sup>*con sotaque brasileiro*  
 Rompidiomas, Chito de Mello

Com músicas de alto teor crítico à sociedade, Chito de Mello toca sua guitarra e usa da sua voz para dizer quem são os riverenses. Músico contemporâneo defende o portunhol e é com esse idioma que ele canta. Fala sobre o portunhol, a pobreza e desigualdade da região, os inúmeros bairros e a juventude. No trecho escolhido, o cantor evoca sua pertença à fronteira e o portunhol como sendo uma mistura.

A música faz alusão sobre as misturas que ocorrem na fronteira, inclusive de línguas, o poeta faz uso desse fenômeno para falar de um lugar familiar. Na sua escrita existe uma mescla, a possibilidade de usar dois idiomas parecido permitiu a liberdade de criar sons.

No verso “*yo nasci nuna frontera*” afirma ter nascido em uma fronteira, coloca a fronteira como sendo um lugar onde se juntam dois povos (verso 2), dois idiomas

(verso 3 e 4), “*Y se fala misturao con sotaque brasileiro*”. Essa é uma estrofe de uma música, parte mais conhecida pela comunidade.

O portunhol de Chito de Mello é assim, uma mistura livre e despreocupada. Um portunhol da Mandubí ou do Rivera Chico<sup>63</sup>, um idioma jovem e protestante, cheio de gritos. O músico usa segundo a sua vontade os idiomas que têm à disposição, não se importando com regras gramaticais, mas abre-se assim possibilidades rítmicas e fonéticas.

Destaco que Chito tem a peculiaridade de, através do portunhol retratar a vida dos fronteirões como irmandade. O músico entra como participante desse modo de falar e viver. O portunhol como uma propriedade intelectual de um grupo específico.

---

<sup>1</sup>*Asvés*

<sup>2</sup>*toi lembrando la tristesa*

<sup>3</sup>*que había en mi tierra*

<sup>4</sup>*y las palabra van saliendo*

<sup>5</sup>*una arriba de otra*

<sup>6</sup>*intreveradas.*

Palabras Tortas – Fabian Severo, 2011.

O artiguense<sup>64</sup> Fabian Severo, professor militante do portunhol, faz das suas palavras uma luta para a fronteira. Um dos mais jovens poetas fronteirões encanta seus alunos com a sua sensibilidade, as suas palavras carregam emoções. A fronteira entre Artigas e Quaraí é traçada pela saudade do poeta da sua infância nas ruas, ressalta a felicidade, a família, a pobreza e o portunhol. Nas palavras transcritas anteriormente, Fabian Severo demonstra como ele se expressa em portunhol, e novamente o sentido de misturado, entreverado, junção é trazida em discussão.

O sujeito lírico ser o poeta que relata sua infância é uma característica que se repete muito nas obras de Severo. O verso 1 e 2 escritos em portunhol expõe como o artista se sente, falando que tem vezes, ele começa a lembrar da pobreza da sua

---

<sup>63</sup> Dois bairros periféricos da cidade de Rivera, famosos pelos movimentos jovens.

<sup>64</sup> Artiguense por ter nascido na cidade de Artigas, uma cidade ao norte do Uruguai, fronteira com Quaraí, uma cidade do Rio Grande do Sul, Brasil.

terra e as palavras começam a surgir, mas as palavras estão entreveradas, uma em cima da outra (verso 4-6), referindo-se ao portunhol, que ele quando lembra da sua terra, lembra dela em portunhol, o idioma surge. Uma língua do afeto, da lembrança, de casa, de mãe. O leitor a partir de suas lembranças se junta a uma espécie de coletivo, de cultura.

Em vários momentos a primeira pessoa está em plural o que facilita para o leitor incluir-se nesse grupo compartilhando a situação e os sentires descritos. Outro fator interessante no escrever de Severo é a ausência do /s/ para demarcar o plural, como no caso de “las palavra”, o plural está demarcado em “las”, mas “palavra” não acompanha a conjugação, isso demarca informalidade, é o modo como os fronteiriços falam.

A proposta, assim como outros artistas fronteiriços, é criar um personagem que é excluído e marginalizado, servindo como representação. O poema está diretamente relacionado com a vivência do poeta. Severo ostenta falas de fronteiriços com muita propriedade, como se ele mesmo tivesse vivido isso, talvez até tenha vivido. O portunhol utilizado nas suas obras são os falados nas ruas da cidade de Artigas, uma língua livre.

Fabian Severo assemelha-se a outros escritores que resistiram às imposições nacionalistas do espanhol e português como idiomas oficiais, sumamente insistente numa narrativa para seu povo, em sua batalha pela oficialização do portunhol. É um poeta uruguaio que extrai sua obra de um espaço que ferve criatividade, que usa um idioma que permite mobilidade, variação. É a língua, a cultura a vestimenta do poeta para lembrar àquela fronteira que ele viveu.

Denise Jardim (2001) em sua tese de doutorado com palestinos na fronteira sul do Brasil rememora historiadores que demonstram como as cidades de fronteira uruguaias foram chaves para o discurso nacionalista uruguaio. As escolas uruguaias e a necessidade de implantar todas as instituições que dão presença ao Estado, entre elas a escola e a alfabetização em espanhol, eram ferramentas importantes para conter o avanço dos brasileiros. Mas na prática o portunhol não consegue ser contido em fronteiras contínuas como as de Rivera (uy) e Santana do Livramento (br).

O autor em questão participa de vários eventos nacionais e internacionais falando sobre o portunhol. Convidado como poeta, nesses eventos ele apresenta suas obras e conta sobre o portunhol para ele. Para ele a fronteira é um lugar



especial e fértil onde há coisas que podem ser usadas e se tornam poesia. Ele escreve em portunhol por seu universo ser em portunhol, as coisas têm sentido quando são em portunhol.

Severo participa de alguns eventos em regiões de fronteira, cujo tema é a “fronteira”. Não que todas as fronteiras sejam iguais, cada fronteira tem suas peculiaridades e seus modos de lidar com elas, mas todas tem a margem como algo em comum. O que acontece na fronteira de Severo não pode ser expandido para outras fronteiras, mas as palavras de Severo podem ganhar vida em outras fronteiras. A literatura tem essa capacidade (os Estados nacionais também) de produzir um discurso que recria o local e o amplifica como se fosse algo de todas as fronteiras

Junto a Ernesto Diaz fazem atividades unindo a música de Ernesto com a literatura de Fabian. Ora um canta, o outro recita, Ernesto canta poemas de Fabian. Severo é acompanhado por uma melodia de Diaz. Ambos trazem o idioma e as lembranças da infância para a arte.

A poética de Severo é um misto de lembranças, são sentires em portunhol, é uma fronteira que ainda foi, mas que ainda é. Ele consegue retratar em palavras a infância na fronteira, traz relatos, cenários, situações que mesmo sendo particulares se transformam facilmente em representação de uma infância nas margens. As convenções literárias e as normas gramaticais para ele não importam, mas sim uma identidade fronteira, ele quer mostrar um espaço em específico com situações únicas. Uma língua sem nação, mas com mãe.

Ao ler um poema de Severo nos remetemos às ruas da cidade de Artigas, a de anos atrás, da infância de Fabian, mas também as ruas de hoje. Um poema cheio de sons, natureza, presença, vida, mas também tensões, fome e tristezas. Ele traz uma região cheia de estigmas, mas com um modo próprio de ser, estar e falar. Seja o escritor ou o eu lírico, embaralhados e difícil de definir quando é qual, é sempre um sujeito nostálgico. É uma obra que traz as vivências das gentes de Artigas, como sujeitos periféricos, fronteira, um viver a fronteira compartilhado com outras fronteiras.

O passado não vem somente na forma de uma infância ingênua, mas se mistura com uma revolta pelo esquecimento daquele povo, com angústias e tensões, isso faz com que a poética de Severo seja uma poética fronteira. Apesar de falar de infância um lado político fica evidente na sua poética.

Uma língua rica em vocabulário, com inúmeras variedades e possibilidades apresentando um lugar também rico em cultura e possibilidades, porém um lugar esquecido, pobre, excluído e renegado, contraposições que formam uma fronteira e um fazer fronteira. Os autores enfatizam que o portunhol é uma língua dotada de um rico vocabulário de referências locais, capazes de gerar a identificação de leitores através de suas experiências diretas com tais objetos e modos de falar textualizados.

O portunhol e a fronteira como palco são ingredientes essenciais para as obras desses artistas. Extrapolam os limites das línguas, criam os portunhóis em cada verso escrito ou cantado, vão além das demarcações cartográficas e criam no fluxo, isto torna a literatura de fronteira transnacional (DORFMAN, 2009). Extrapolam os idiomas nacionais, mas também "recriam" uma experiência local como algo "próprio" de todas as fronteiras, amplificam sua experiência local como algo abrangente.

O que esses autores têm em comum é que em algum momento da vida eles saíram da fronteira, inclusive Fabian Severo mora no sul do Uruguai. O escrever sobre a fronteira em portunhol é um ato de resistência, de não abandono de raízes (DORFMAN, 2009). A fronteira só se tornou temática nas minhas escritas quando acreditei ter deixado a fronteira para trás, quando acreditei ter superado a condição de fronteira, mas *"quem bebe da bica, fica"*.

Não vejo uma fronteira feita unicamente por esta literatura, mas sim a importância do seu discurso competindo com os discursos oficiais dos Estados nacionais. As fronteiras são distintas entre si, existem diferenças dentro de uma mesma cidade, diferenças de um lado da fronteira para outro. Mas a literatura de fronteira tem a capacidade de a partir de alguns personagens característicos, lugares e situações específicas amplificar o local.

Uma linguagem é criada e é compreendida apenas pelos seus membros, se tornam incompreensíveis para o centro dos referentes países. Os sujeitos são desviantes, personagens preferidos das tramas dos escritores. Todos esses artistas fronteiriços terceiro-mundistas escrevem das margens dos Estados a partir de uma situação política cujas pressões são constantes.

#### 4.2 AUTORES, ENREDOS E ENCONTRO COM SEUS LEITORES

*“Los poetas no mueren  
quedan encantados”<sup>65</sup>*

A necessidade de acompanhar a arte literária fronteiriça postula novos desenhos da fronteira fazendo com que a pesquisa se adeque melhor a outros e novos contextos. A partir disso novos atores e situações começam a surgir na trama fronteiriça. Se essa trama for pensada como uma rede cheia de conexões, esses novos atores podem ser facilmente colocados no lugar de qualquer um dos atores reais da rede, assim como as situações podem ser colocadas como pano de fundo de muita realidade fronteiriça. Ao trazer essa questão para o debate pretendo demonstrar que a literatura de fronteira, e nela incluo os novos sucessos musicais, é de fronteira porque traz no seu enredo a fronteira, situações de fronteira e/ou o portunhol. Existem outros artistas na fronteira que não se encaixam na literatura de fronteira por não trazerem nenhum desses quesitos para sua arte, mas continuam sendo sujeitos da fronteira. O objetivo desse tópico é mostrar o alcance e o encontro com os leitores e consumidores de uma produção em portunhol.

A literatura de fronteira tem como seu cenário a própria fronteira, criando e destacando lugares emblemáticos e elevando a protagonista a alguns lugares específicos: desde o Cerro do Marco<sup>66</sup> em *Canto a la Ciudad de Rivera* (1926) de Olyntho Maria Simoes à Alkimia<sup>67</sup> em *Nega* (2019) de Pipo Alvariza. Ou faz referência a coisas da fronteira, como a terra vermelha de Agustin Bisio (1947) ou o vinho do Topu<sup>68</sup> de *Onde Semu*<sup>69</sup> (2004) da banda de rock *Trabuco Naranjero*. Trazer alguma coisa da fronteira para a trama literária faz com que o enredo seja local, dali, daquele lugar.

Quando me refiro a situações de fronteira, o que pretendo explicitar são aqueles acontecimentos, relatados pelos artistas, que acontecem com fronteiriços por serem fronteiriços. Como é possível ver em *“Contrabandista ’e frontera, ofício ’e*

---

<sup>65</sup> Referência à Guimarães Rosa com “as pessoas não morrem ficam encantadas”

<sup>66</sup> Um morro localizado na parte central das cidades, nele há vários marcos divisórios e um em especial que é maior que os outros.

<sup>67</sup> Boate famosa da cidade de Santana do Livramento.

<sup>68</sup> O vinho do Topu é um vinho de garrafão batizado com refrigerante (sprite, coca-cola ou fanta), vendido em uma garagem por um senhor que passou a ser chamado pelos seus jovens clientes de Topu.

<sup>69</sup> Nome do Disco, em português: De onde somos.

*macho, se sabe, que pan que niega el gobierno, a balazos igual se hace*<sup>70</sup> (sem data) de Pancho Viera. O ator fronteiriço em questão traz o contrabando como um mal necessário da fronteira, como um trabalho de macho, alegando a ausência de políticas públicas de Estado que deem uma assistência social à comunidade em questão. Se o governo não dá o pão, com tiros se consegue. A narrativa é da época da ditadura no Uruguai, um momento em que a fronteira era vista como mais perigosa. Inúmeras políticas eram aplicadas na região, mas não de assistência, sim de segurança, controle. Temiam que o Brasil tomasse o país vizinho, por isso o portunhol foi proibido, nas escolas o regime militar deixou isso evidente com normas e repreensões. Os símbolos nacionais eram estampados e louvados, era necessário SER ORIENTAL<sup>71</sup>.

Com um relato em forma de poesia, Fabián Severo explica didaticamente o portunhol em portunhol:

*Trinticuatro*

*Mi madre falava mui bien, yo entendía.  
Fabi andá faser los deber, yo fasía.  
Fabi traseme meio litro de leite, yo trasía.  
Desí pra doña Cora que amañá le pago, yo disía.  
Deya iso gurí i yo deiyava.  
Mas mi maestra no entendía.  
Mandava cartas en mi caderno  
todo con rojo (igualesito su cara) i asinava imbaiyo.  
Mas mi madre no entendía.  
Le iso pra mim ijo i yo leía.  
Mas mi madre no entendía.  
Qué fiseste meu fío, te dise que te portaras bien  
i yo me portava.  
A istoria se repitió por muintos mes.  
Mi maestra iscrevía mas mi madre no entendía.  
Mi maestra iscrevía mas mi madre no entendía.  
Intonses serto día mi madre entendió i dise:  
Meu fío, tu terás que deiyá la iscuela  
i yo deiyé.  
(Severo, 2010, Noite nu Norte)*

Com uma crítica gritante ao sistema educacional que segrega aqueles que não conseguem se encaixar Fabián Severo nomeia seu grito de trinta e quatro, diz ele que seus poemas não tem nome, mas número. O poema é um diálogo entre mãe e filho sobre a escola. O eu lírico fala que sua mãe fala muito, entendia tudo que ela

<sup>70</sup> Em português: Contrabandista é fronteira, ofício de macho, se sabe, que pão que o governo nega, a tiros se consegue igual.

<sup>71</sup> Os uruguaiois se autodenominam *orientales*, fazendo alusão à Banda Oriental o antigo território do império espanhol do cone sul da América do Sul, do lado leste do rio Uruguai, ou do lado oriente do Rio Uruguai.

falava, então se há comunicação, há uma língua, ela fala bem. Para mostrar como ele entendia o que sua mãe falava ele traz falas dela “Fabi (o apelido do personagem) vá fazer o dever de casa”, como ele compreendia o que ela pediu, ele fazia o dever de casa. “Fabi, traz meio litro de leite. Ele levava”. “Fala pra Dona Cora que amanhã eu lhe pago. Ele falava”. “Larga isso, guri. Eu largava”. A seguir vem o problema, que a professora, a maestra, não entendia o que ele falava, o que ele escrevia. A professora enviava cartas escritas no caderno dele direcionada para sua mãe “tudo vermelho (igualzinho seu rosto) e assinava embaixo.” “Mas sua mãe não entendia”, ela não entendia o que estava escrito na carta “Lê isso para mim, filho, ele lia”. A mãe continuava sem entender, repreendia “O que fizeste, meu filho? Te disse que te comportaras bem”. “Ele se comportava”. “A história se repetiu por muitos meses”. “A professora escrevia, sua mãe não entendia.” “Então um certo dia minha mãe entendeu e disse: meu filho, tu vai ter que deixar a escola”. “Eu deixei.” Fabi deixou a escola por não conseguir aprender o espanhol, Fabi é mais um. A escola aparece como um lugar de conflito, não havendo espaço para o portunhol, a língua de Fabi.

Este foi o primeiro poema que ele escreve em portunhol. Diz que são sons que aparecem na sua mente que se assemelham ao portunhol, ao fronteiriço, mas que essa é uma versão escrita do portunhol dele, das sonoridades da infância dele na cidade de Artigas, fronteira com Quaraí, ao norte do Uruguai. Afirma ser o portunhol ser sua língua materna, que é assim que sua mãe falava com ele desde que ele estava dentro do ventre dela. Quando as emoções vão tomando conta do poeta, ao se referir a sua infância, quando quer ser engraçado, quando se sente bem ou se sente mal, o assento no “s” começa a surgir, os sons das palavras a mudar e o portunhol a tomar forma no discurso.

Severo nem sempre escreveu em portunhol, por muito tempo foi corrigido, principalmente por professores, aprendeu a escrever em espanhol no processo de se tornar professor. Ao sair de Artigas, da fronteira, se vê na necessidade de se reconectar com seu passado, com seu lugar a partir do portunhol. Quando pensava no seu passado, pensavam em fronteira e o fazia em portunhol. Há uma necessidade de a partir da lembrança (re)construir um lugar, de manter vivo essas lembranças, esse lugar: suas gentes, seus fazeres e falares.

Acredito nestes artistas como mediadores culturais, como pessoas que elevam o portunhol e o modo de vida fronteiriço à arte, fazem com que gente de fora

os escute e deixe de os ver como erros. Da voz dos fronteiriços para a livros de poesia, essa é uma tradução cultural, uma mediação, uma forma de eternizar uma cultura.

Ernesto Diaz se refere ao portunhol como a língua da *imediatez*, do imediato, a primeira resposta a ser dada. Assim como ele, muitos fronteiriços tanto dentro como fora da fronteira, quando vão falar em espanhol ou português precisam traduzir primeiro para eles, do portunhol para algum dos outros idiomas oficiais. Critica o tratamento feito ao portunhol, as políticas centralizantes, as proibições, o sistema educacional, as normas rígidas, a estratificação que coloca o portunhol como errado, ignorante.

Com água da fonte  
Y rama do monte  
Pra que não cresças, nem envelheças  
Te corto a cola y a cabeza

Así se benze el cobrero  
En lhora del sol entrar  
Moje um ramo de romero  
en águas de manantial  
haga 3 cruces seguidas  
sobre (...) o heridas  
y ya está

si al cabo del tercer día  
naun llegaste a mejorar  
se cura con simpatía  
escribiendo sobre el mal  
a la inversa de María  
lo que no cura, alivia  
y ya está

si el cobrero es de ciénpies, araña o mantová  
se agarra una lapicera vuelta de punta al revés  
con esa parte trasera mojada en leche de higuera  
después

con fé y paciencia se vá  
cercando en un redondel  
cono si fuera un corral  
las trasas del animal  
que ha dejado sobre la piel  
ya está

con agua da fonte y rama do monte  
para que naun cresça nem envelheças  
te corto a cola y a cabeza  
(Ernesto Diaz)

Na música previamente transcrita, Ernesto Diaz conta o ritual de benzer, tirar cobreiro, os elementos que são usados no ritual, como é feito, as palavras que são ditas ao tentar curar. É cantada em portunhol em ritmo de milonga, um evento

comumente presenciado na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. O diferencial de Ernesto é seu cunho folclórico e *terruñero*<sup>72</sup>.

As palavras escorrem pela voz do poeta, uma benzedura de cobreiro se torna uma música, se torna arte. Recita o passo-a-passo, mas não esquece os dizeres, a magia, o poder e a fé. Para Ernesto, a fronteira e os sons combinam-se entre si, formando uma espécie de poética musical, uma fronteira musicalizada, encantada.

*Jodido Buchinche* é um evento com a proposta de discutir o portunhol com o objetivo de patrimonializar o idioma. Ocorreram alguns encontros, tive o prazer de estar presente em 2016, realizado na cidade de Rivera nas acomodações do IFSul. Foi meu segundo contato com artistas fronteiriços, o que levou ao meu interesse pelo assunto. A luta era declarar o portunhol como patrimônio imaterial, fato que ainda não conseguiram, mas essa luta trouxe algumas conquistas, como a valorização do portunhol na fronteira, eventos culturais, a criação de escolas binacionais, e o principal foi o barulho feito o *jodido buchinche*, ou a balburdia.



Figura 27- Banner de divulgação do Evento Jodido Bushinche. Designer Kari Rodriguez em referência à Gino Bidart. Fonte:

<https://www.facebook.com/1529382280717284/photos/a.1529384360717076/1680939548894889/?type=1&theater>

Até aqueles leitores fronteiriços que acreditam não falar o portunhol se identificam com as poesias, os contos, as músicas. As pessoas se descobrem falantes do portunhol quando saem da fronteira, quando se encontram com o outro. Afirmam nunca terem tido problemas, na escola, no liceu, sempre falaram o espanhol, até o dia que descobrem que não foi bem assim. Certas palavras, que inclusive são usadas pelos artistas, são descobertas como portunhol por mensagens dos artistas ou por algum falante do espanhol/português falar que essa palavra não

<sup>72</sup> Referente à terra. O artista se refere nas músicas sobre sua cidade, sua terra e coisas que acontecem nela. O termo é compartilhado com outros artistas e pode ser dito que é um estilo literário.

existe, “que não é assim que se fala”. Entre elas podemos nomear: chinela- em português é chinelo, em espanhol es chancletas; torrando- em português torrando, em espanhol tostando; adelanta, em português adianta, em espanhol não se usa.

A existência e valorização desses artistas, dessa literatura de fronteira, das músicas em portunhol, faz com que a região, o idioma e as pessoas se sintam confortáveis em falar e ser fronteiriço. Cabe aqui falar da importância da incorporação dessa literatura no sistema educacional, dar a devida autoridade ao idioma regional. A postura firme de certos sujeitos de autoridade, seja na arte, na política ou na educação que defendem o falar portunhol e o respeito aos seus falantes, colocam suas posições por onde andam. Estudantes ao se depararem com o seu idioma sendo respeitado, sendo considerado arte, começam a ter interesse pelos assuntos discutidos em sala de aula, pela arte, literatura e pelo próprio espanhol.

Camila, uma cantora adolescente de cumbia, com seu primeiro lançamento interpretando uma música escrita por outro jovem, Tito Alvariza, faz sucesso imediato no *youtube* e outras redes sociais, levando à gravação de outros clipes. A música foi planejada para o sucesso, como os envolvidos falam, fizeram uma pesquisa do que os fronteiriços iriam gostar, como a música poderia fazer sucesso. Desse modo, ela canta em portunhol e se refere a coisas e lugares específicos da região, assim como o clipe é gravado em lugares típicos. Assim como Ernesto Diaz, ou o próprio Olyntho Maria Simões, a escrita é em portunhol e sobre a fronteira, o a mais que trouxeram Camila e Tito é a atualidade, é a linguagem direta para os jovens, é o tema ser algo da juventude, o ritmo e estilo musical, os passos, o como foi gravado, o meio de divulgação, é algo que não poderia ser pensado no tempo de Olyntho ou de Bisio, mas totalmente possível numa era digital. Onde um vídeo de *youtube* passa a ser visto por toda uma cidade. Onde uma situação que é comer cachorro quente na línea divisória consegue alcançar a empatia de muita gente, ultrapassando barreiras de idade, justamente por uma identificação. A escolha consciente do idioma aproxima estes dois artistas jovens com os anteriormente mencionados, mesmo que alguns se encaixem no folclore e estes últimos na cúmbia. Cabe mencionar que a escolha do ritmo também foi consciente, e Camila afirma que pretendem gravar outros sucessos em outros ritmos “Porque é Camila para o mundo”.

Nega, vó te fala uma cosa:



eu naun só 50 mil peso  
mas si tu deyá  
a gente pode fica envolvido

Nega, eu te quero aqui comigo

...

Me falaste que não tinha mas entrada pro alquimia  
Agora temo que ir pra linha pra comer nus panchito

...

Eu nunca te tive  
naun vó te ter  
me doi o corazaun  
mas o que vó fazer  
prefiro morre de um ACV  
Nega, me ajuda que aqui naun quero morre

Tô escutando terremoto aqui na Sarandí  
Me falaram vai por tudo  
e aí eu te vi  
tu passando com a Silvia  
se fazendo toda as linda  
tem um loke aqui  
que gosta de ti  
ya me falaram que tu era fera  
mas tu sabe, Nega  
eu gosto de mina que me trate assim

tu me bota o visto  
faz que eu naun existo  
nem sei pa que me esculacho assim

...

Que rapá!?  
Somo de Rivera y naun podemos se achica  
Bá che

...

Sempre me dueste naun vó te minti  
Quando tu te foste eu me arrependi  
Nega, eu te adorava  
Vem comigo aqui  
Me diste mais chamuyo que os 50 mil

Levei um botellaso lá no Punto Bar  
Tava te buscando  
Tu ias pra lá  
Llamaron a ambulância  
eu não entendia nada  
eu gritava: minha Nega tenho que te acha

...

A música é sobre uma desilusão amorosa de uma menina por outra. Ela anda pela fronteira, de um lado para outro atrás da menina se declarando pra ela, a qual não corresponde. Há uma descrição dos acontecimentos, como o ter ido comprar ingresso para uma festa e como não tinha mais, elas vão acabar a noite comendo cachorro-quente na línea divisória, próximo ao clube onde é a festa e à Praça Internacional, em minicamionetes modificadas para venderem cachorro-quente.

Esse é um acontecimento recorrente na fronteira, tanto o comer cachorro quente nesse lugar, como o comer após uma festa na madrugada. Ao escutarem isso os jovens se identificam, portanto, de algum modo essa é a porta de entrada para a literatura de fronteira, para música de fronteira<sup>73</sup>, é possível a partir da música de Tito Alvariza chegar numa análise de poemas de Olyntho Maria Simões que escreveu no início do século XX e desse modo discutir fronteira, seja geograficamente, culturalmente e até falar sobre o portunhol.

Tito e Camila abrem o campo de visão dos seus fãs, revelam uma fronteira rica, seja ela em arte, cultura e vida. Trazem temas que identificam aquele lugar, valorizam a fronteira e o ser fronteira, resgatam atividades comuns do lugar. De algo pessoal para uma memória coletiva. Apesar de trazer elementos de uma cidade em particular (por exemplo o nome da rua), Tito logra projetar esse ser fronteira para outras situações de fronteira.

A grafia em portunhol não é oficial, não há um padrão, uma estrutura definida. É uma criação de cada artista. Assim como também é uma invenção de cada sujeito que escreve em portunhol, seja conscientemente ou não. É possível perceber as variações do portunhol ao longo do tempo, comparando obras de Pancho Viera e Tito Alvariza; ou o tom diferente por serem de fronteiras diferentes, como Fabián Severo de Artigas e Chito de Mello de Rivera; também há diferenças entre o portunhol de Trabuco Naranjero da Mandubí e de Michel Cruz de Rivera Chico<sup>74</sup>. As diferenças entre o portunhol de um lado e do outro são ainda mais evidentes, por isso as diferenças entre o DPU (Dialectos Portugueses do Uruguai) e o PGF (português Gaúcho da Fronteira), a diferença pode ser vista lendo Arlindo Coutinho de Santana do Livramento e Agustin Bisio de Rivera.

---

<sup>73</sup> Eu não uso música como sinônimo de literatura, mas como artes que andam de mãos dadas. Muitos poemas foram musicalizados por artistas fronteiriços, portanto separar essas duas artes nesta pesquisa acarretaria perdas. Hegel (2001) compara a poesia com a música.

<sup>74</sup> Tanto Rivera Chico, como Mandubí são bairros da cidade de Rivera.



Figura 28 – O portunhol em cartazes pela cidade. Fonte: acervo da autora, 2018.

A arte é capaz de destruir qualquer barreira, a música, a arte, atravessa a fronteira, ao mesmo tempo, cria um universo próprio que expressa a fronteira. Mesmo que existisse um muro, a música seria capaz de ser ouvida do outro lado do muro. A fronteira fez esse tipo de arte, fez a “gana”<sup>75</sup> de falar sobre, provocou um grito contra o preconceito linguístico, fez com que sua gente gostasse de sua terra.

A literatura de fronteira ainda tem pouca disseminação, os livros não fazem parte das leituras obrigatórias das escolas, não ocupam um espaço destacado nas

---

<sup>75</sup> A vontade.

livrarias e bibliotecas, não passa na mídia, nem nos jornais. Existe um grupo que produz e consome esse tipo de literatura, mas fica restrito neles. Há uma grande diferença entre as obras mais recentes e as mais antigas. Se por um lado Olyntho Maria Simões e Agustín Bisio já são considerados no ensino de literatura, se tornaram porta-vozes do que é ser fronteiriço. Ajudam na construção de uma ideia de comunidade aos moldes de Benedict Anderson (2008). Por outro lado, Tito e Camila extrapolam os limites já conhecidos tendo 219 mil visualizações (20-01-2020), constroem também uma narrativa do ser fronteiriço, de um modo menos direto que Olyntho e Bisio.

Apesar de ser em um formato diferente e com um proposta diversa as músicas de Tito Alvariza e Camila fazem um sucesso sem tamanho, todo mundo sabe quem eles são e sabem cantar parte da música, coisa que os músicos anteriores não conseguiram fazer. Na música eles não proclamam que são da fronteira, orgulho disso ou qualquer outra coisa nesse sentido, mas eles fazem questão de cantar em portunhol, usar dizeres de lá e de gravar o clipe em inúmeros lugares que identificam a fronteira, como bairros específicos, os trailers de cachorro quente, clubes de festa, praças, avenidas principais. Talvez eles sejam uma sensação do momento, Bisio nunca foi, mas ficou eternizado em seus versos, o legado dos jovens Tito e Camila não temos como confirmar qual será.

Faz sentido pensarmos numa construção de referências culturais a partir de narrativas tanto com os escritos de Bisio e de Olyntho, assim como o destaque de artistas mais novos, como Severo e Diaz, mas não deixa de acontecer o mesmo com Trabuco Naranjero e Camila. O caminho oficial que Caminitos de Tierra Colorada (Agustín Bisio) percorreu, com a publicação de um livro, a musicalização por inúmeros músicos “terruñeros”, sua presença em livros didáticos; é diferente ao trajeto percorrido pela frase “semo de Rivera e naun podemo se achica” do grupo de rock Trabuco Naranjero, cuja música só foi tocada por eles, não teve fama, foi por pouco tempo, mas a frase ainda é usada por muita gente.

Pode até ser que os livros de Fabian Severo não sejam massivamente consumidos por fronteiriços, mas se sabe da existência deles, as pessoas de Artigas sabem que Fabian escreve sobre eles. Existe uma narrativa que colabora com um imaginário fronteiriço no sentido de Benedict Anderson (2008) de ser algo escrito, como uma produção que produz uma comunidade imaginada. O vocabulário próprio, as referências a objetos, plantas, paisagens, personagens e gostos do lugar são os

elementos comuns que, em seu conjunto inserem o leitor em um cenário específico da fronteira.

Há uma narrativa escolhida para as pessoas de fora da fronteira, a profusão de elementos comuns e redundantes oferecem um imaginário de como a fronteira deve ser retratada, uma construção que não é de hoje, mas sim desde Bisio e perpetuada pelos artistas da atualidade. Não é apenas um jeito de narrar, mas uma narrativa sobre algo específico, com destaque para certos valores de fronteira, certos lugares são destacados, certas ações narradas. As diferenças do como isso vai acontecer mudam pelo tempo e pelo artista. As narrativas de Bisio são naturalistas, descreve o lugar em si. As de Severo são emotivas, o lugar pelo olhar saudoso de uma infância, as de Camila e Tito o lugar está nas imagens do clipe, não é o enredo, é o cenário.

Os leitores são em sua grande maioria fronteiriços que em algum momento de sua vida deixaram a fronteira, alguns retornaram, outros não. É uma leitura saudosa, o leitor precisa de sua experiência vivida, dominar um repertório próprio. Pessoas de fora procuram essa literatura pela sua exotividade.

A comunidade imaginada (ANDERSON, 2008) como “a” fronteira cresce e toma sentido para o leitor, no meio de pedras, se a narrativa massiva da nação busca espaço na região de fronteira, nas beiradas a narrativa fronteiriça faz seu papel, chegando a invadir o espaço da nação, as escolas.

A primeira obra importante em português que se tem conhecimento é de 1926, um jornalista que ganhou um prêmio e seu poema virou hino da cidade. Mas não há muita fama dele na cidade. Apesar disso ele tem um espaço na cidade, um fim de rua em sua homenagem "el rincón de los poetas", as pessoas que frequentam não sabem quem foi Olyntho, mas sabem que o lugar se chama assim. Nessa época por ele ser jornalista, rodava alguns textos em português dele.

Não dá para negar e ignorar a fronteira como algo material, o impacto que teve a demarcação das terras, a colocação dos marcos de pedra, as definições de identidades, as imposições de idiomas, a construção de escolas e quartéis militares. Falar que a fronteira não existe é ignorar violências e um modo de estar, falar e ser. Se não existe fronteira, não existe literatura de fronteira, não existe fronteiriços. A fronteira existe e é um participante ativo na vida das pessoas da região, define que documentos carregar, que idioma falar e como se apresentar. A literatura de

fronteira nos apresenta tudo isso e é o combatente sempre presente pela resistência de uma cultura de fronteira.



FIGURA 29 – Marco de pedra. Fonte: Acervo da autora, 2016.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Se o meu tom desesperado  
de quem não entende o que você fala  
cria uma melodia de falar fogón y blusón  
Se quando estou com frio coloco um casaquito  
Se o meu coração aperta e o chamo de corazón  
é que por mais que eu tente, "quem bebe da bica, fica"  
(Não me desvencilho, IK)*

Não existe uma teoria geral de contato linguístico, algo que possamos ter parâmetros fechados com explicações gerais sobre um acontecimento mundial e que existe desde sempre. Sem dúvida que temos informações disponíveis e pesquisadores do assunto, sejam eles da antropologia, sociologia, letras, geografia ou história, eles existem. Mas não há algo que pegue toda essa informação junta e crie uma teoria sobre o assunto. Mesmo sendo um tema relevante socialmente.

Uma criação de regras definindo o que é contato linguístico e qual o resultado disso. Qual o papel do contato cultural nesse fenômeno? E as migrações? O mundo em um movimento globalizante? E Enfim, quais os parâmetros para se estudar contato linguístico?

Não tenho como objetivo definir se o portunhol é um dialeto, interlíngua ou língua de contato. Quando me refiro ao portunhol me refiro a idioma, por acreditar ser um modo efetivo de comunicação com uma história, porém a discussão sobre o que é o portunhol em questões linguísticas não foi discutida neste trabalho.

A literatura de fronteira se dá num contexto turbulento que é a América Latina, portanto as características de hibridismo definem essa literatura. O contato linguístico se tornou fonte dos artistas, estes criam portunhóis em sua arte, expandem os limites do portunhol, espanhol, português, da fronteira, do Brasil, do Uruguai e da literatura. O ataque direto a todos os padrões é uma das características, ataca-se a homogeneidade, o controle, os Estados, as línguas oficiais, o sistema de educação, a militarização, o abandono, a fome, ataca-se

também os cânones literários, ataca-se o fazer literatura. A desconsideração às normas gramaticais na poética fronteira é uma das características, é o que permite a criatividade do poeta.

A literatura não apenas com um caráter de elevação espiritual e de prazer, uma literatura subversiva, de conquista de poder, de ocupação de espaço, uma maneira de escrever toda latina. Não é um prazer desinteressado, mas há um grande interesse em ser ouvido.

O objetivo dessa dissertação foi apresentar uma fronteira sensível, através das palavras de fronteirões que veem na fronteira o universo para suas obras, demonstrando as relações potenciais entre antropologia e literatura. São escritores, escritoras, poetas, poetisas, cantores e cantoras que desenham a fronteira com palavras. Decidi trazer à tona a arte por acreditar ser a escrita uma maneira de se fazer fronteira e de se fazer antropologia.

Meu esforço foi ler a cidade por um texto literário, foi tentar compreender o espaço, a cultura de fronteira, os fronteirões e o Estado a partir dos sentires dos escritores. Esse modo de ser e estar se torna situado ao ser escrito, ato feito pelos artistas fronteirões. Apesar desta literatura de fronteira se encerrar na fronteira e no Rio Grande do Sul, continuará sendo um caráter institucionalizador de cultura. Muitas vezes essas obras não são lidas por gente de fora, mas ainda assim, a cultura se tornou escrita e em portunhol. Ela não só descreve um espaço e um modo de viver, mas ela luta contra a estigmatização de uma cultura. Um esforço por se tornarem aceitos do modo que são. Saliento que o livro Noite no Norte de Fabian Severo foi traduzido ao inglês em uma nova edição nos Estados Unidos, poemas selecionados são divulgados em jornais de destaque.

Destaco que esta pesquisa é antropológica e não literária. Existe um diálogo ainda aberto que tornou possível outros olhares para a fronteira. Torna-se essencial para entendermos as regiões de fronteira na sua totalidade pesquisas feitas interdisciplinarmente, minha tentativa foi uma aproximação com a literatura e as artes, escrevo aqui uma deixa de ser realizado uma pesquisa na região em conjunto com especialistas de outras áreas.

Não trago um trabalho final ou conclusões que ditem regras ou lei do que é uma fronteira ou de como trabalhar antropologia e literatura. Esse nunca foi meu propósito, acredito na construção de conhecimentos, acredito que colaborei na construção do que na antropologia conhecemos como fronteira. Trouxe realidades,



sejam elas as experiências dos artistas ou das pessoas com as quais conversei que mostram uma fronteira específica, a daquela pessoa, daquela obra. Esses relatos orais e literários colaboram o pensar fronteira, o tentar definir certos parâmetros que nos ajudam a entender alguns fenômenos sociais. Espero que essas experiências sirvam para outros pesquisadores pensarem fronteira, ou o fazer antropológico.

Tanto a proposta de construir personagens a partir de experiências etnográficas com a intenção de proteger identidades, como a de ler literatura como uma narrativa etnográfica foram uma experiência, cujos resultados foram expostos aqui. Ainda há um caminho sinuoso e na penumbra a ser seguido aqui, diálogos com colegas antropólogos e de outras áreas se tornam essenciais para seguir em frente.

Torna-se importante falar de fronteira num momento em que estas sofrem políticas abruptas de controle. O cotidiano da fronteira não é simples, bonito e folclórico, existe toda uma questão política de demandas sociais que são gritadas também pela arte de fronteira. Se os fronteiriços escolheram a arte como uma das formas de reivindicar seus direitos é relevante pensarmos também a partir dela. Cada vez mais os Estados relacionam as fronteiras como perigos reais para a moralidade e segurança, o centro como certo, as margens como o erro. Os modos de ser, fazer e falar passam a ser criminalizados, conhecimentos passam a ser destruídos. A proposta deste tipo de pesquisa é colaborar com a desestigmatização e criminalização da fronteira.

A escolha de poemas e músicas não foi desinteressada, colocar as duas num mesmo patamar era por acreditar no potencial fonético de ambas. O portunhol remete muito a essa questão fonética, por isso o enfoque nesses dois tipos de arte. A repetição de palavras produz sonoridade, facilitando a musicalização de poemas. Trouxe aquelas obras em que o portunhol era usado, elementos da fronteira citados e descritos, e àqueles em que o poeta se colocava como fronteiriço.

Faz sentido eu pensar que foi só ao mergulhar pelo português padrão que eu consigo abrir caminho para falar dos portunhóis. É como se eu só me achasse válida agora, diferente das posturas dos artistas. Eu busco um espaço dentro da academia, da universidade para falar sobre isso. O público alvo é outro, que consequências isso vai ter? Quando os artistas criam expressões isso toma sentido no imaginário popular. As expressões são trazidas por mim aqui são, de certo modo, analisadas, comparadas e normatizadas. Não é e nem foi esse o objetivo dos artistas, mas torna-se importante essas vozes chegarem ao meio acadêmico. O portunhol visto

como uma expressão autêntica, instigadora de liberdade e enfrentamento. As normas gramaticais impostas pelos idiomas oficiais são ignorados abrindo espaço à criatividade. A enunciação marginal desse idioma é uma de suas características, como margem, abre o espaço ideal para a quebra, ruptura de padrões.

Se o portunhol é um idioma das margens ele tende a não ser de ninguém, mas a realidade é que ele é das pessoas das margens que também tendem a não ser de ninguém.

As obras citadas neste trabalho estão fora dos cânones literários, seus autores não se encaixam nas vertentes tradicionais, apesar de existirem livros publicados, a grande maioria é divulgada por publicações independentes, meios digitais: blog, *facebook* e *youtube*.

A linguagem subversiva dos artistas nunca se repete, transgredir os limites sempre, mas de modos diferentes, com expressões diferentes. Até mesmo quando artistas usam nas suas obras expressões criadas por outros artistas, como o caso de “*semo de Rivera y naun podemo se achicá*” de Chito de Mello, também usada por Trabuco Naranjero e Tito Alvariza.

A fronteira é retratada como abandonada, esquecida pelo Uruguai e pelo Brasil. Um lugar lembrado para a aplicação de leis de controle, um perigo latente, cheio de transgressores em potencial. Os escritores muitas vezes usam esse abandono como parte do enredo ganhando o espaço inúmeros significados.

Esse abandono se torna nas mãos dos artistas em luta, lembrança e carinho. Cada artista tem o seu jeito de falar sobre, mas todos trazem uma fronteira cheia de significados, palavras de pertencimento e identidade. Nesse trazer a fronteira para a literatura é perceptível os sentimentos de envolvimento com o espaço. Textos são construídos, pelas mãos de sujeitos que se sentem errado, isso se torna arte, literatura. As propriedades de poder subversivo das palavras escolhidas por esses artistas contam história de um lugar, no dito e no silêncio.

Por um lado, o vai e vêm das pessoas, das coisas, do dinheiro, das comidas, dos documentos, dos animais. Por outro, o vai e vêm do português para o espanhol. Ora ser brasileiro, ora uruguaio. Ora falar espanhol, ora português. Mas sempre uma fronteira em portunhol. Essa história é contada por esses escritores como ventos que não confrontam os marcos, mas o abraçam.

Existe um desafio, algo insólito nessa arte de fronteira, por ela se propor a extrapolar os limites, os dos Estados, os da arte, da literatura e até os do portunhol.

É uma arte que se configura no entre Estados; ora é música, poema, conto etc. Subverte as regras da literatura, remodelam gêneros e estilos. Transforma um idioma falado em escrito.

Ao considerarmos as obras dos artistas citados ao longo desta pesquisa fica evidente a importância do lugar, da fronteira. O portunhol como uma forma de se colocar no mundo. Quando esses sujeitos periféricos pegam para si a literatura, eles a transgredem, transformam, mostram que a literatura é diversa. As vozes que surgem nesses textos parecem pedir uma memória de fronteira, uma identidade respeitada e olhares para um lugar esquecido.

Podemos falar que estes sujeitos trazem uma segunda narrativa contrapondo à voz dominante. As palavras em portunhol são importantes quando a história a ser contada é da fronteira. Esse é o primeiro idioma a ser ativado pelo artista, as memórias são reconstruídas e o portunhol aflora até mesmo em aqueles que não falam mais em portunhol. O artista conversa com seu leitor/ouvinte, tenta ter a empatia dele, os elementos trazidos fazem sentido para os interlocutores.

Existem aqueles que transformam a fronteira no palco para memórias da infância, outros falam sobre o presente e alguns olham a paisagem. Às vezes ressaltam as partes boas: a terra vermelha, o idioma que une, o pampa, as *mariamóis*, a música etc. Outras vezes torna-se necessário falar da sujeira: dos sujeitos marginalizados, da fome, da violência, em alguns momentos o primeiro plano é dado para eles, porque existe uma fronteira esquecida. O portunhol aproxima esses artistas, mas não os uniformiza, se por um lado os une enquanto arte, por outro demonstra a variedade linguística do portunhol.

Diferentes fronteiras são desenhadas pelos artistas porque falamos de um lugar dinâmico. Bisio escreve sobre a terra vermelha e *mariamóis*, porque é isso que vê, um pampa, com suas planícies verdes infinitas. Camila canta sobre a vivência dela na fronteira. As planícies abriram espaço para plantações de eucaliptos. Os campos habitados passam a ser desertos e a cidade de Rivera a ser uma das maiores e mais importantes da região. Existe um palco diferente que produz arte e conhecimento, a fronteira como lugar de construção de saberes.

É possível a partir da literatura de fronteira compreender como o individual e o coletivo estão juntos. O ser fronteiriço faz sentido quando existem outros sujeitos para compartilhar esse modo de ser. Falar portunhol funciona porque outros sujeitos também têm como língua mãe o portunhol. Tudo isso faz sentido num lugar

específico que são as margens dos países, existe uma relação forte entre os sujeitos e o espaço, isso está presente na poética fronteiriça. A narrativa poética fronteiriça sobrevive porque existem fronteiriços que se identificam com ela. Segundo Anderson (2008) existe uma referência cultural porque existem narradores. Eles são fronteiriços como um coletivo a partir de narrativas.

Este tipo de criação traz novas possibilidades de se pensar fronteira, para antropologia permite voltar o olhar para o sensível, a literatura ganha novas vozes. Temos aqui um pouco de uma arte identificada com o viver fronteiriço, definida na ruptura, subversão e criatividade linguística, uma junção entre o artista e um meio propício à criatividade.

Nesse sentido, a pesquisa se direcionou por traçar e proporcionar material para a compreensão de uma fronteira como uma experiência vivida, local, com repertórios próprios, palavras e situações conhecidas e atravessadas pela vida “entre” Estados, com seus regramentos constantemente colocados em xeque como limitantes da vida local. O portunhol é o elemento principal que amarra as vivências, traz o sentido e dá vida ao ser lida. Um modo peculiar de produção: personagens, palavras e vivências são escolhidos com o propósito de devolver para o leitor aquilo que ele tem como experiência vivida (viver duas nacionalidades). Destaco também a polifonia artística de fronteira havendo poesia, contos, narrativas, teatro de rua, milongas e cumbias.

Há uma criação local que amplifica uma experiência direta da vida nas fronteiras entre Estados nacionais através do portunhol, que cria uma forma de comunicação artística e escrita. Surge uma gama variada de produções artísticas e literárias que ganham cena a partir dos anos 1950 e não perdem seu lugar até os dias atuais, devido a sua capacidade de se moldar aos gostos artísticos de cada momento. O uso específico do portunhol é algo que se repete em toda essa arte, o artista usa da sua experiência com o idioma local, trazendo materialidade, pessoas e modos de viver próprios. A identificação direta se torna essencial para essa arte ser consumida.

Espero, dessa forma, ter apresentado a fronteira a partir de sua literatura e música, somada à fronteira dos fronteiriços com os quais trabalhei nestes últimos anos. A proposta era que os discursos dos fronteiriços, sejam eles artistas ou não somassem uma voz para falar da fronteira e do portunhol. O que me deparei foi numa polifonia, gente capaz de representar a fronteira, seja com suas histórias de

vida, suas ações, seu dia-a-dia, a partir de músicas, poemas, contos e lições de vida.

Acredito que este estudo colabore com a quebra de muros entre as disciplinas, possibilitando diálogos multidisciplinares capazes de olhar para um assunto de modos diferentes, podendo, desse modo, compreender a fronteira respeitando e incluindo nas análises suas características. Ao leitor proponho uma nova forma de ler literatura, convido a que se permita retirar qualquer tipo de preconceito linguístico, se deixando levar pela criatividade e o jeito peculiar de algumas pessoas viverem a fronteira.

## BIBLIOGRAFIA

- ÁGIER, Michel. Nova Cosmópolis. As fronteiras como objetos de conflito no mundo contemporâneo. RBCS. Vo. 31. N. 91. Junh/2016. P. 1 – 11.
- ANZALDÚA, Glória. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. 4<sup>o</sup>ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- APPADURAI, Arjun. **A Vida Social das Coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da UFF, 2000.
- AZAISS, Christian; KESSLER, Gabriel; TELLES, Vera da Silva. **Ilegalismos, cidade e política**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. 328 p.
- BATESON, Gregory. **Naven**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- BEHARES, Luiz Ernesto. Diglosia en la sociedad escolar de la frontera uruguaya con Brasil: matriz social del Bilingüismo. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 6: 228-234, 1984.
- BEHARES, Luiz Ernesto. Português del Uruguay y educación fronteriza. In: BROVETTO, C; GEYMONAT, J.; BRIAN, N. (Comp.) **Portugués del Uruguay y educación bilíngüe**. Montevideo: ANEP – CEP, 2007. p. 99-171.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. 395 p.
- BITTENCOURT, Rita. Guerra em Deriva: Poéticas de Fronteira. **Nau Literária**: crítica e teoria da literatura em língua portuguesa. Vol. 12. N. 02. 2016. Porto Alegre, 2016. P. 84-98.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- CABRAL, João de Pina; LOURENÇO, Nelson. **Em terra de Tufões**: dinâmicas da etnicidade macaense. Instituto Cultural de Macau, 1993. 259 p.
- CAILLÉ, Alain. “O dom entre o interesse e desinteressamento”. In: Paulo Henrique Martins & Roberta Campos Bivar. **Polifonia do Dom**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006, p. 26-65.
- CARVALHO, J. J. . A prática da extensão como resistência ao eurocentrismo, ao racismo e à mercantilização da universidade. **Série Antropologia**. Brasília. v.1, n.363, p 1-23, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHASTEEN, John. **Fronteira Rebelde**. Movimento. Edição 1. 2003.

CLEMENTE, Isabel. La región de frontera Uruguay-Brasil y la relación binacional: pasado y perspectivas. **Revista Uruguaya de Ciencia Política** - Vol. 19 N°1 - ICP – Montevideo. 2010. P. 165-184.

DAS, Veena; POOLE, Deborah (Eds). **Anthropology in the Margins of the State**. Santa Fe: School of American Research Press, 2004.

DORFMAN, Adriana. “Pequenas pontes submersas”: interpretações geográficas e antropológicas de literaturas de contrabando. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 3-1, p. 93-114, 2008.

DORFMAN, Adriana. A cultura do contrabando e a fronteira como lugar de memória. **Estúdios Históricos**. Rivera, v. 1, p. 1-10, 2009.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: Para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, L. & BARRIOS, G. **Nos Falemo Brasileiro**: Dialectos Portugueses En Uruguay. Montevideo: Editorial Amesur, 1987.

ETTE, Ottmar. Pensar o Futuro: a poética do movimento nos estudos de transárea. Tradução de Luiz Barros Montez. **ALEA**: Rio de Janeiro, vol. 18/2. p. 192-209. mai-ago. 2016.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FALHAUBER, Priscila. Identidades contestadas e deslocamentos Miranha na fronteira Brasil-Colômbia. In: Roberto Cardoso de Oliveira; Stephen Baines. (Org.). **Nacionalidade e Etnicidade em Fronteiras**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005, v. , p. –

FAULHABER, Priscila. Hierarquias e fronteiras em um compêndio sobre os índios do Amazonas. In: FAULHABER, P, DOMINGUES, H.M.B, BORGES, L.C. (Org.). **Ciências e Fronteiras**. 1ed.Rio de Janeiro: MAST, 2012, v. 1, p. 63-75.

FERGUSON, James. “The Anti-Politics Machine. Development and Bureaucratic Power in Lesotho”. In: **The Ecologist**, Vol. 24, N. 5, September/October 1994.

FOUCAULT, Michel. “A Governamentalidade”. **Microfísica do Poder**. RJ, Edições Graal, 1979. (11º impressão).

GOODMAN, N. **Linguagens da Arte**. Lisboa: Gradiva, 2006.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUIRALDES, Ricardo. **Dom Segundo Sombra**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1981. 128 p.

GUPTA, Akhil & FERGUSON, James. “Beyond Culture: space, identity and the politics of difference”. In: **Cultural Anthropology**, 7 (1), feb. 1992.

HANCIAU, N. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. (org.) **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

Haraway, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, vol.5, p. 7-41, 1995.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de estética**. vol. IV. Trad. Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.18, n.37 p.25-44. Jun 2012.

JARDIM, Denise. Diáspora, Viagens e Alteridades: as Experiências Familiares dos Palestinos no Extremo-sul do Brasil. **Horizontes Antropológicos** (UFRGS. Impresso), Porto Alegre, v. 14, p. 39-69, 2000.

JARDIM, Denise. **Palestinos no Extremo Sul do Brasil: Identidade Étnica e os Mecanismos Sociais de Produção da Etnicidade**, Ano de obtenção: 2001. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

JARDIM, Denise. **Imigrantes ou refugiados? : Tecnologia de controle e as fronteiras**. Jundiá, Paco, 2017.

LACAN, J. O Seminário – Livro 5 - **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edit. 1999.

LEACH, E. R. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia: Um estudo da estrutura social Kachin**. São Paulo: EDUSP, 1996.

LEITÃO, Débora & MACHADO, Rosana. “O luxo do povo e o povo do luxo: consumo e valor em diferentes esferas sociais no Brasil”. In: LEITÃO, Débora; LIMA, Diana e MACHADO, Rosana. **Antropologia & Consumo**. Diálogos entre Brasil e Argentina. Porto Alegre, AGE, 2006, P. 23-46.

LOTIERZO, T.; HIRANO, L. F. K. Apresentação. In: STRATHERN, M. **Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia**. Tradução: Tatiana Lotierzo e Luis Felipe K. Hirano. São Paulo: Terceiro Nome, 2013. p. 9-19.

LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina: uma especulação**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MIGNOLO, W. D. “Decolonial aisthesis and other options related to aesthetics”. In LOCKWARD, Alanna; MIGNOLO, Walter (orgs.). **Black Europe Body Politics**. 2012.

MILLER, Daniel. **Material Cultures: Why some things matter**. Chicago: Chicago University Press, 1998, p. 169-187.

MIRANDA, Wander Melo. Notas sobre literatura na pós-modernidade. Boletim. **Centro de Estudos Portugueses**, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte-MG, v. 14, n. 17, p. 106-111, 1994.



MOZILLO, Isabella. VAMOS FALAR SOBRE O PORTUNHOL. Caderno Pedagógico - A Fronteira pelos Fronteirços. **Tessituras**. Vol. 6. N. 1. Pelotas, 2018. P. 59-64.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1992. 143 p.

PEIRANO, Mariza. In Pursuit of Anthropology. **Indian Social Science Review** 1 (1). New Delhi: 153-179. 1999.

PEIRANO, Mariza. This horrible time of papers: documentos e valores nacionais. **Serie Antropologia**, Brasília, v.312, p. 32-63, 2002.

PEREIRA, Isis. "**Yo naci nuna frontera donde se juntan dos pueblos**": uma (auto)etnografia situada entre o Uruguai e o Brasil. 2015. 56 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Pelotas, 2015.

QUADRELLI, Andrea. **A fronteira inevitável**: um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica. 2002. Tese de doutorado (Programa de pós-graduação em antropologia social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática. 1993.

RAMME, Noeli. **O pluralismo de Nelson Goodman**: o papel da percepção e da linguagem nos múltiplos modos de construir mundos. 1999. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis.

RIBEIRO, Gustavo Lins. "A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 25, n. 74, 2010. P. 21-38.

SAADA-FAVRET. "Ser Afetado". Tradução: SIQUEIRA, Paula. In. **Cadernos de Campo**. N. 13. 2005. P. 155-161.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, B. S. Modernidade, identidades e a cultura de fronteira. *Tempo Social*; In: **Rev. Social. USP**, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993. Editado, em nov. 1994.

SCHEPER-HUGHES, Nancy & BIEHL, João. "O fim do corpo : comercio de órgãos para transplantes cirúrgicos. In: DEBERT, Guita & GOLDSTEIN, Donna (Eds). **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo, Editora Sumaré, 2000.

SILVA, Fidelainy Sousa. **A multiplicidade do sujeito de fronteira as feridas abertas nas narrativas borderlands la frontera, de gloria anzaldúa, e dois irmãos, de milton hatoum**. 2017. 108 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2017.

SOUTO, C; SOUTO, S. **Sociologia do Direito**. Rio de Janeiro: EDUSP, 1981.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos (Ed.) "Introdução ao Dossiê Fazendo Estado". **Revista de Antropologia**: USP, vol 55(2), julho-dezembro de 2012, p. 559-564.

STEINER, Philippe. "La merchadisation de l'humain et de la personne". In: STEINER, Philippe & VATIN, François. **Traté de sociologie économique**. Paris: QUADRIGE/PUF, 2010, P.493-530.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. **SBPC**. Ciência e Cultura on-line version. Cienc. Cult. v. 57, n. 2. São Paulo, Apr./June 2005.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**. Niterói: Editora UFF, 2008.

VARELA, Alfredo. **História da Grande Revolução**. O Cyclo Farroupilha no Brasil. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo. 1933.

WEBER, Max. "Burocracia"; "O significado da disciplina"; In: \_\_\_\_\_. **Ensaio de sociologia**. 3ª ed.. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.



## APÊNDICE A – TABELA DOS PERSONAGENS FRONTEIRIÇOS

Nome	Idade	Nacionalidade	Identidade	País de Residência	País de Trabalho/Estudo	Idioma	Benefícios do Estado que Usufrui
Paulo	58	Brasileira e uruguaia	Brasileiro	Uruguai	Brasil e Uruguai	Portunhol	Não
Marina	84	Uruguaia	Uruguaia	Uruguai/ Brasil	Brasil e Uruguai	Portunhol	Aposentadoria e saúde pública Uruguai
Celeste	88	Uruguaia e brasileira	“daqui”	Uruguai/ Brasil	Brasil e Uruguai	Portunhol	Aposentadoria (uy e br), saúde pública (uy)
Pedro	89	Uruguaio e Brasileiro	“brasileiro ou uruguaio, tanto faz, um pouco de cada”	Uruguai/ Brasil	Brasil e Uruguai	Portunhol	Aposentadoria (uy e br), saúde pública (uy)
Raimundo	75	Uruguaio e Brasileiro	“Uruguaio, mas minto que só brasileiro”	Brasil	Brasil e Uruguai	Portunhol	Aposentadoria (uy e br), saúde pública (uy)
Elena	39	Brasileira	Brasileira	Uruguai	Uruguai	Portunhol	Não
Joana	52	Brasileira e uruguaia	Brasileira	Uruguai	Não	Portunhol	Não
Marília	52	Brasileira e uruguaia	Brasileira	Brasil	Não	Portunhol	Pensão (br), saúde pública (uy)
Basílio	65	Uruguaio e Brasileiro	“da fronteira”	Brasil	Brasil	Portunhol	Pensão (uy), Aposentadoria (br)
Rosa	73	Brasileira e uruguaia	“ay, y nain sei, um pouco de cada”	Uruguai	Não	Portunhol	Pensão (br), pensão (uy), saúde pública (uy)
Carlos	75	Uruguaia	Uruguaia	Uruguai	Uruguai	Espanhol e portunhol	Uruguai
Santos	Falecido	Brasileiro e Uruguaio	-	Uruguai	Uruguai	Português	-
Raimundo	66	Uruguaio e Brasileiro	“do mundo”	Brasil, mas já morou no Uruguai	Aposentado, mas já trabalhou nos dois países	Portunhol	Pensão (uy), aposentadoria (br), saúde pública (uy), minha casa, minha vida (br)
Mariza	68	Brasileira	Brasileira	Uruguai	-	Portunhol	-

## APÊNDICE B – TABELA DAS OBRAS ANALISADAS

OBRA S	AUT OR	NACIONA LIDADE DO AUTOR	ANO DE PUBLIC AÇÃO	LOCAL DE PUBLIC AÇÃO	IDIOMA DE PUBLIC AÇÃO	MEIO DE PUBLIC AÇÃO	Gênero Literári o	TEM A	CENÁRI O	PERSON AGEM	EDITOR A	REPERC USSÃO
Brindis Agreste	Agust ín Ramón Bisio	Uruguai o - Rivera	1947	Montevid eo	Portunho l	Livro impresso	Poesia naturalista	Front eira e campo	Uma fronteira única e bela	A terra	Claudio Garcia & cia editores	Prêmio Remunera ción Literária del Ministério de Instruccion Pública – 1947  Um poema do livro foi musicaliza do e se tornou um hino regional.
Canto a la	Olynt ho	Uruguai o - Rivera	1926	Rivera	Portunho l	Jornal impresso	Poesia naturalista	A cidad	Eu lírico descrev	Eu lírico		Prêmio Literário e

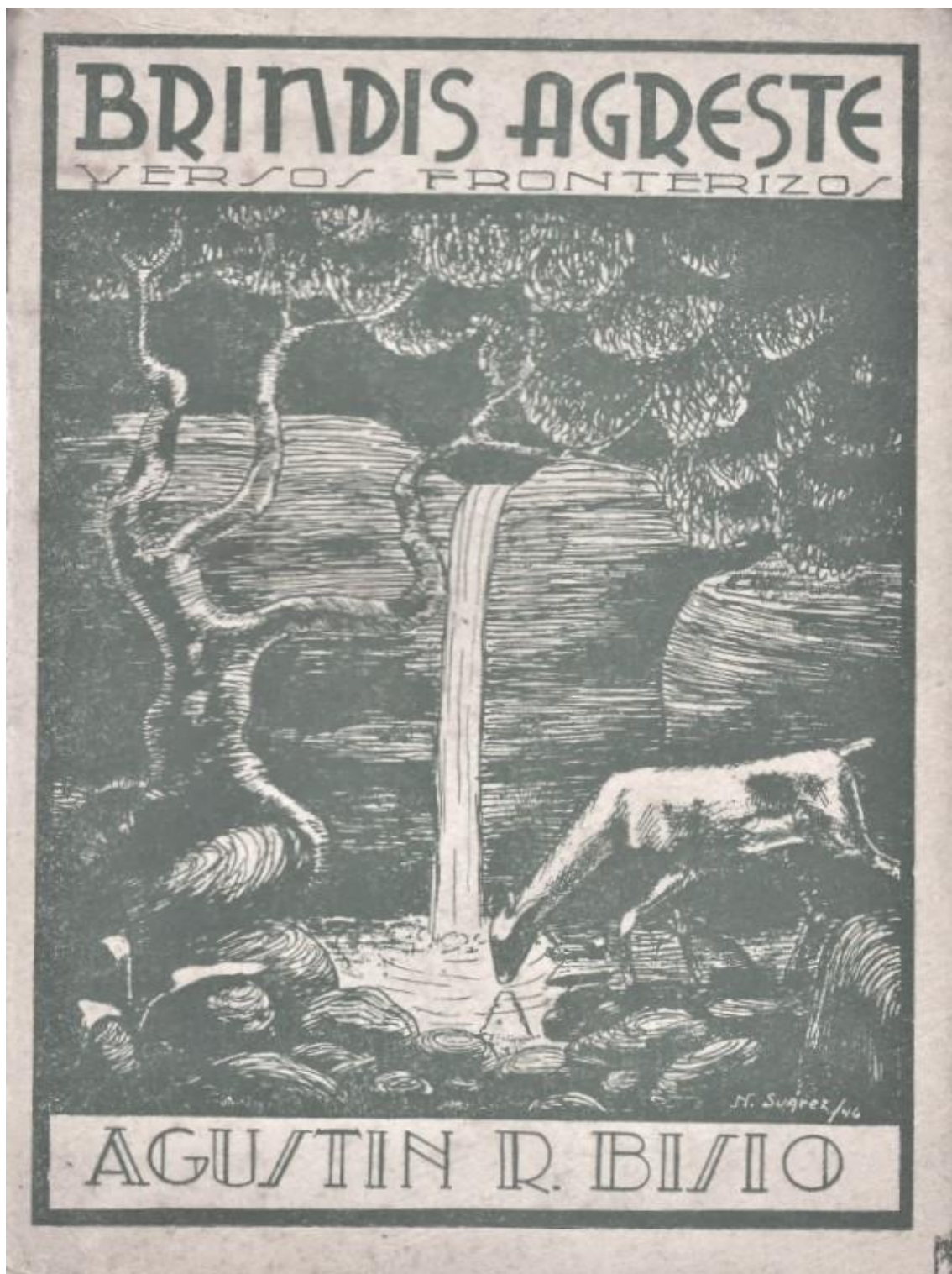
Ciudad de Rivera	Maria Simoes						sta	e de Rivera, seus lugares e costumes	endo a cidade			hino da cidade
Rompido ioma	Chito de Mello	Uruguai - Rivera-Cuaró	2002		Portunhol	CD, youtube e blog	Música	O portunhol	Apresentação de um sujeito	Eu lírico	Studio 12	Na região
Noite no Norte	Fabian Severo	Uruguai - Artigas	2011	Montevideo	Portunhol	Livro Impresso	Contos "terruñeros"	A vida no norte do uruguai	A cidade de Artigas	Eu lírico	Rumbo Editorial	
Chico Tristeza	Ernesto Diaz	Uruguai - Artigas	2016	Buenos Aires	Portunhol	Clipe musical lançado no youtube	Musica	A vida de um homem		Chico Tristeza	Guajira Radio	Uruguai

Nega	Tito Alvariza e Camilla	Uruguaios - Rivera	2019	Rivera	Portunhol	Clipe musical lançado no Youtube	Musica, cumbia	Rejeição de uma garotinha	Rivera	Eu lírico	Skee Rapa	Na região
Canciones desde el cuartel	Panccho Viera	Uruguai	1968	Uruguai		Disco, disponível no youtube	Música				Mallarini Producciones	Uruguai
Aguante el Portuñol	Trabuco Naranjero	Uruguai, Rivera - Cuaró	2004	Rivera	Portunhol	Música gravada	Música	Portunhol	A fronteira	3ª pessoa	independente	Na região
Us piá	Michele Croz	Uruguai - Rivera - Cuaró	2014	Riveramento <sup>76</sup>	Portunhol	Livro impresso	Dramaturgia, apresentada em obras de teatro	Meninos falando de suas mães		1ª pessoa	Imprenta ROJO	

<sup>76</sup> O autor criou essa palavra para se referir à fronteira, misturando as palavras Rivera e Livramento.

**ANEXOS:**

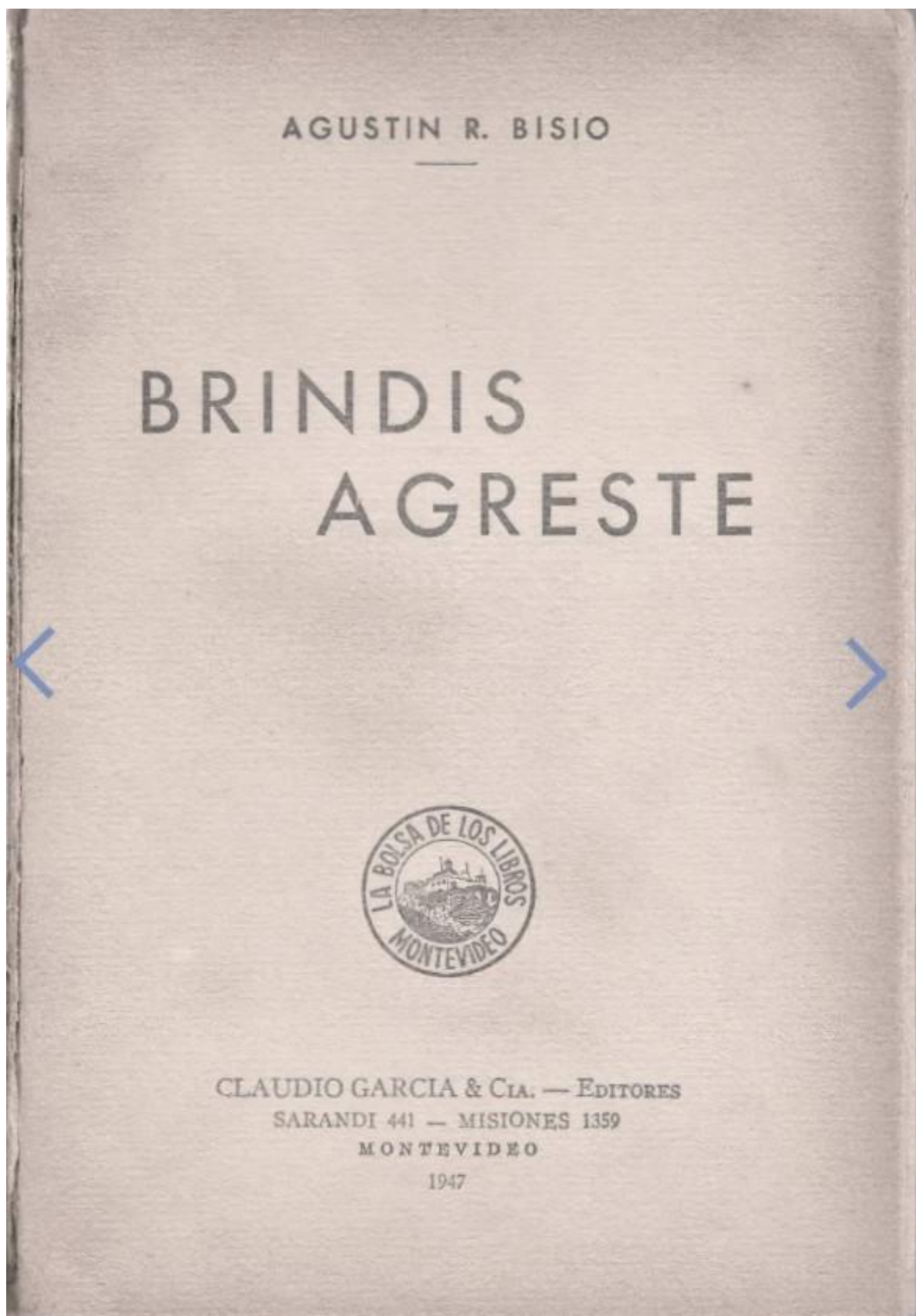
Os anexos abaixo reúnem partes de obras de difícil acesso, reunidos por esta pesquisa a partir de visita a escolas, no acervo particular de interlocutores e artistas entrevistados para esta pesquisa.

**ANEXO A – CAPA DO LIVRO BRINDIS AGRESTE**

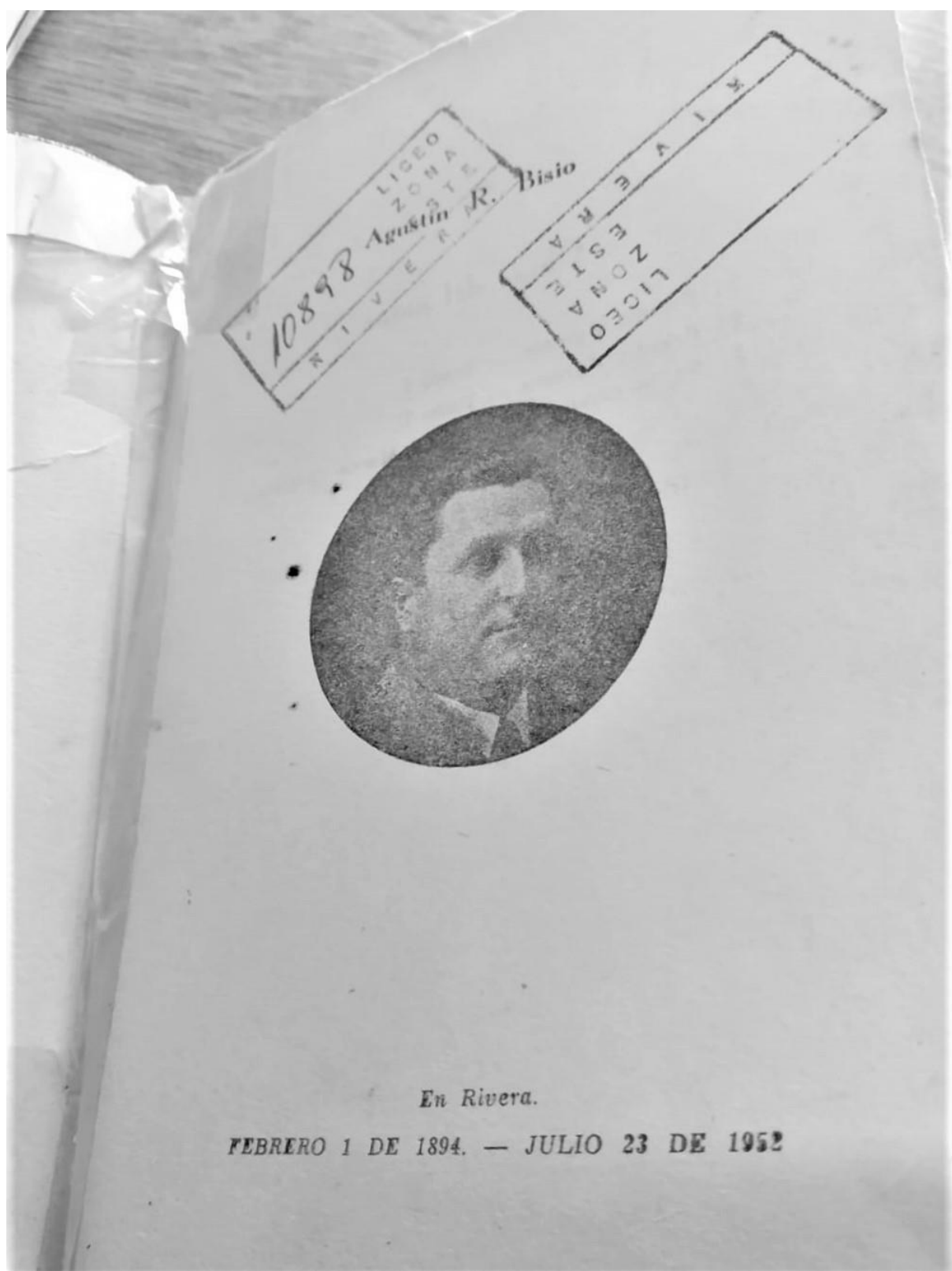
Fonte: acervo da autora (2019)



## ANEXO B – FOLHA DE ROSTO DO LIVRO BRINDIS AGRESTE

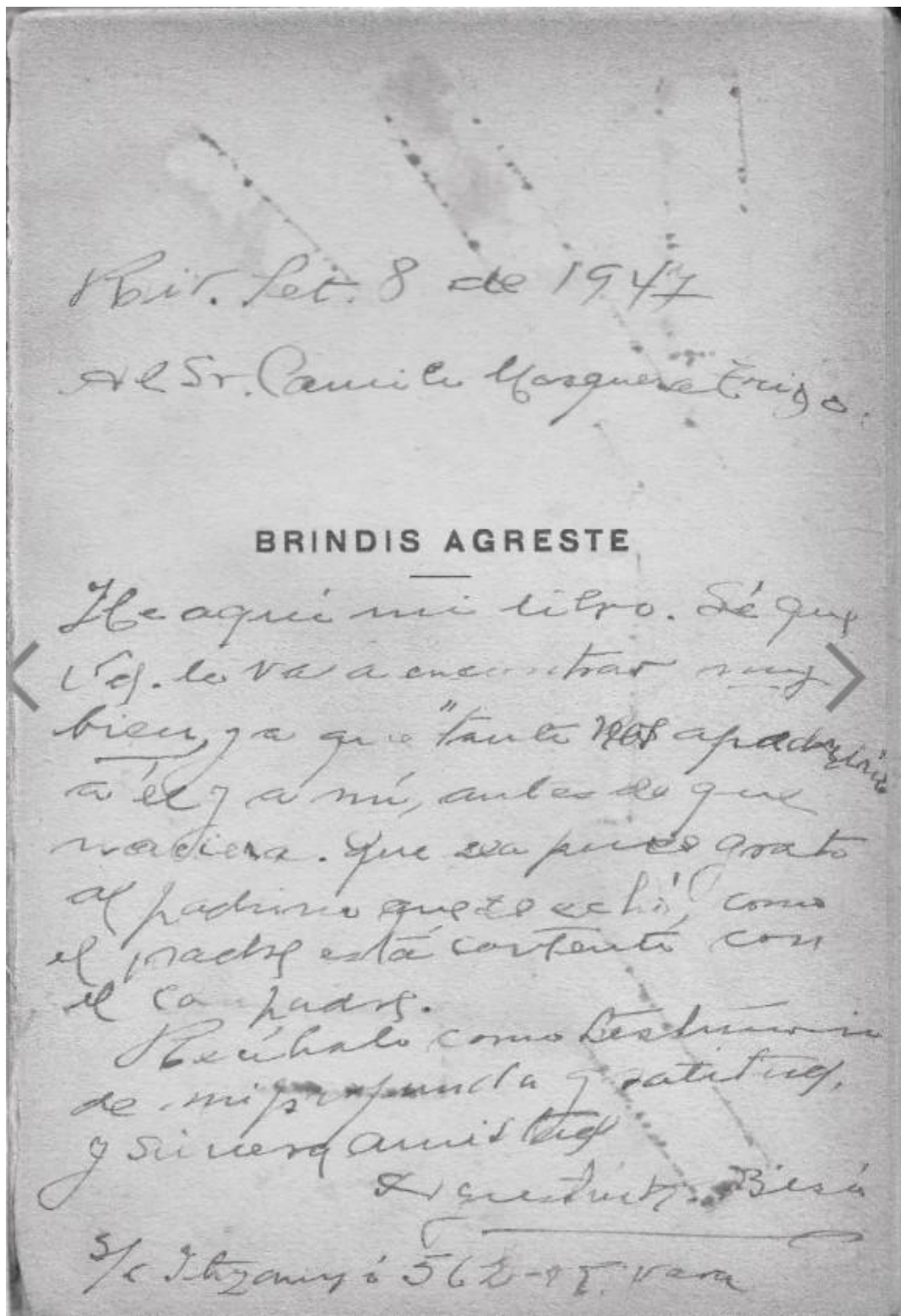


Fonte: acervo da autora (2019)

**ANEXO C – CARIMBOS DA ESCOLA ONDE O LIVRO FOI ENCONTRADO**

Fonte: acervo da autora (2019)

## ANEXO D – DEDICATÓRIA DE PRÓPRIO PUNHO DO AUTOR



Fonte: acervo da autora (2019)

**ANEXO E – INFORMAÇÕES SOBRE A EDITORA DO LIVRO**

ESTA OBRA SE TERMINÓ DE IMPRIMIR  
EL DÍA QUINCE DE FEBRERO DEL AÑO MIL  
NOVECIENTOS CINCUENTA Y CINCO EN LOS  
TALLERES GRÁFICOS DE LA EDITORIAL  
MARTÍN BIANCHI ALTUNA, CALLE  
MALDONADO 2215 - TELÉFONO 40 25 30  
MONTEVIDEO - REPÚBLICA O. DEL URUGUAY

Fonte: acervo da autora (2019)

## ANEXO F – BIOGRAFIA DO AUTOR

**Agustín R. Bisio***Rasgos biográficos.*

Agustín era un poeta. Un poeta único en la poesía del Uruguay. Creó un género nuevo, género que era un reflejo más de su personalidad inconfundible. Hijo de la frontera, amando las dos ciudades hermanas, nunca se pudo limitar dentro de un círculo estrecho; iba más allá, trasponía fronteras y ganaba espacios más amplios, más acordes con su manera de ser; quería horizontes abiertos, adornados con "selvas de banderas de los pueblos Americanos".

Creó, con su estro pacífico y amoroso, la poesía de la América del mañana; unió en una música sonora, las dos lenguas diferentes del continente Sud Americano.

Con todo, era un temperamento inquieto, de una vida intensa, llena de sobresaltos, de amarguras, de revueltas, luchas silenciosas y profundas y, de este estado amargado, arrancó centellas de luz, visiones y sueños grandiosos.

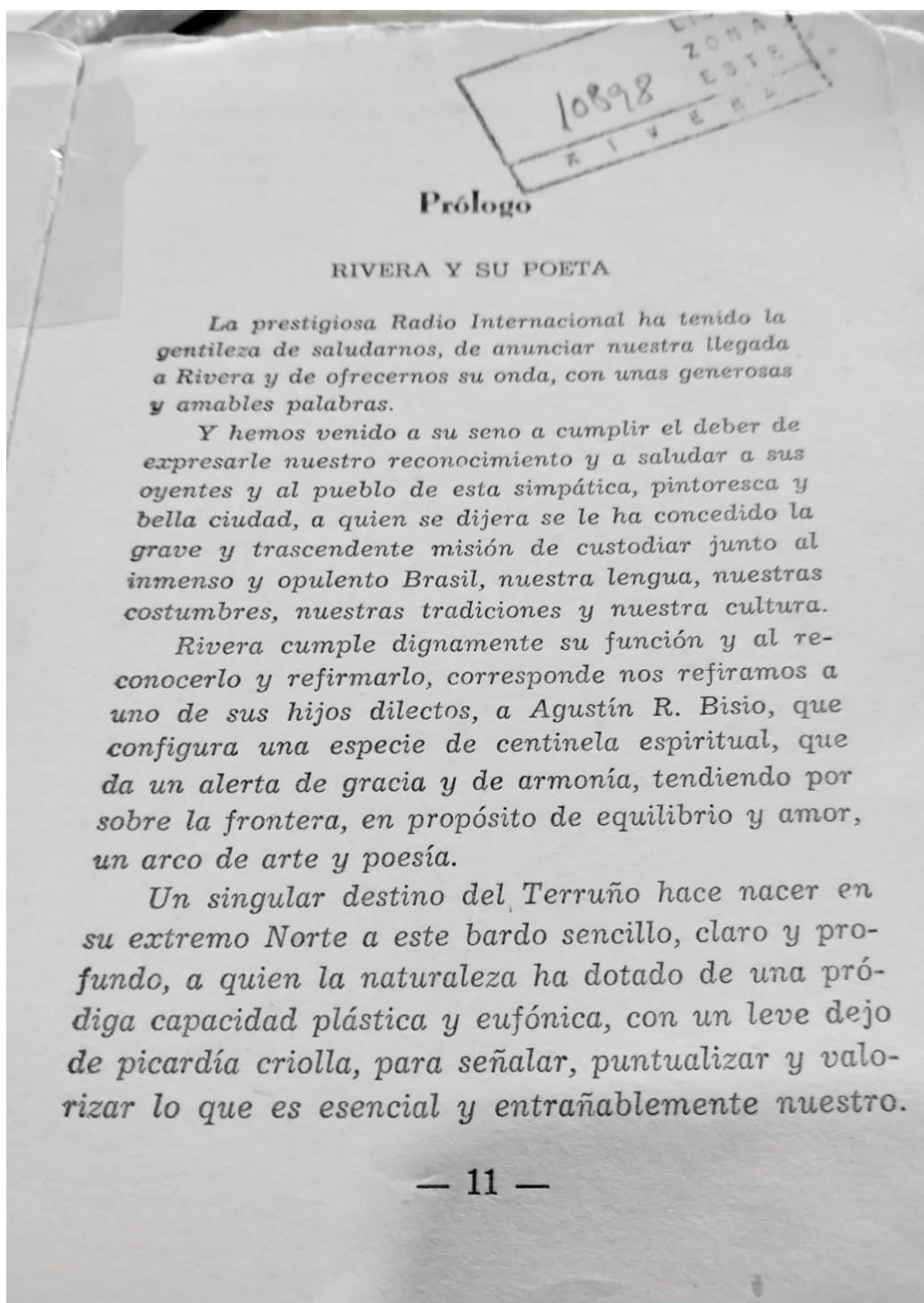
Vivía en lo alto de su personalidad, despreciando y amando al mundo intensamente.

Encerrábase en el apretado límite de un sueño imposible, para alcanzar el ilimitado, de sus emociones creadoras.

Sufría, sufría mucho! . . .

No le daba tiempo para penetrar en el por qué

## ANEXO G – PRÓLOGO DO LIVRO BRINDIS AGRESTE



Fonte: acervo da autora (2019)

## ANEXO H – POEMA “UN CARBONERO DE ESTACIÓN ATAQUES”

UN CARBONERO DE ESTACIÓN  
ATAQUES

Don maêstro de l'iscuela, (1)  
veng'a pedil'un favor,  
qui hay d'agradecele muncho,  
êst'homilde servidor.

Espêro que me discurpe,  
si vengo le amôlestar,  
mas, ês compromisio sêrio,  
y, non sei onde apelar.

M'iscrib'una cart'orgente,  
con referencia a un carbón,  
qui hei d'imbarcar estes días,  
con rumb'a Tacuarembô.

Y vuerv'a pedir descurpas,  
del disturbio qui hei de dar,  
qu'ês triste, alén de ser pôbre,  
el tener qu'incomodar.

Sei qui osté non me conôce,  
ni oyó mi aponderación,  
pos ês novato nel pago,  
y arricién ôra me vió.

---

(1) Las letras que llevan acento circunflejo deben pronunciarse como en portugués.

## A G U S T I N R. B I S T O

Puêde pedir referencias,  
si quiêre saber quien soy,  
ne la fonda de Cancêia  
o al comirciant'Isperón.

Doña María Josê Mêlo,  
tamiên se las puede dar,  
que, des gurí, me conôce,  
pos me vido até mamar.

Los Camacho son más nuevos,  
mas, mi conôcin tamiên;  
lo mesmo los Vitorêlo,  
que yegaron con el tren.

A los Nunes y los Vargas,  
non se los quiêro mentar;  
non fuí a l'iscuela con eyos,  
porque nu havía nel lugar.

Non doy muertos por tistigos,  
mas, puedin testimuiñar,  
la finada Aniña Vargas,  
de quien mi padre fué hijao,

y el finao Juan Carlos Nunes,  
que mi acabó de criar,  
ahí atrás d'aqueles cerros  
de los Galgos y el Venao.

Nel Rincón de los Potreros,  
trabajé in mi moעדá,



B R I N D I S A G R E S T E

---

n'una Colonia que tivo  
Don Avenero Abascal.

Esa bajada d'Orôra,  
la bajaba até con sôl,  
cargado de contrabando  
de yerva, fumo y arroz.

El Coronêl Julio Bairro,  
en tiempo de revlución,  
al permero que yamava  
êr'êste su servidor;

pos, com'él, yo conocía,  
cuanta picad'y rincón,  
hay del perau de los Negros  
a las grôtas del Pratón.

L'único hirmano que tive,  
valente a más non poder,  
lo yamavan "Zeca Viado",  
y foi muerto in Masuler.

Nu es porque fuera m'hirmano,  
que lo tengo di alavar,  
mas, a los dez y ochu años,  
y'êra alfêriz d'Iscoval.

Inda tengo muchos hechos,  
Don Maêstro d'est'Istación,  
y muchos conocimientos,  
pr'aclarale bien quien soy.

## ANEXO I – POEMA “ISTO YA NON SI AGÜENTA”

## ISTO YA NON SI AGÜENTA

Hay que ver la tarêa  
 que da êsta gurrumina de muchachos...! (1)  
 !non hay calzón qui aguante,  
 nin camisa que dure,  
 nin dinero qui arcance  
 pra compral'apargatas...!

¡Siempr'han d'inventar algo,  
 pra qui uno se lo pas'arrinegando....

Cuando van pra l'iscuela,  
 con el mardito juêgo de pelôta,  
 tienen que dir patiendo....  
 y ês natural, !quien pagu'es el carzado!...

Las rodiyas, !nin hablo!  
 siempr'istán pur'ojeros y fiapas, (2)  
 pos por la curpa de las tal bôlitas,  
 si arrôdiyan no más, in cuarquié parte!

Y, ¿cuandu non hay clasia?...!!!  
 ¡Han di andar n'el arroyo, pitanguiendo...  
 y, claro! la camis'a la misêria  
 por las uñas de gato...!

---

(1) Gurrumina; montonera.

(2) Fiapas; hilachas.

B R I N D I S A G R E S T E

Y, áura, pra más pecado,  
 si van in el bolicho comprar argo,  
 vintén que sóbra, ya se lo amalgastan  
 en puro caramelo y chicolate....  
 sólo pra le sacar la figurita,  
 del Trazán, y del León y el Arrosana,  
 y ¡que se yo! de que otros nombres ralos,  
 que percisa dar nudos n'el panuelo  
 pra poder acordarse!

Y, ainda más, las compañas...!  
 êsas compañas de bagacerío (3)  
 de tamaños barbados  
 que amolêstan a tod'el vecindario....  
 Por suerte, qu'êstes días,  
 hay de yegar el padre,  
 y les va dar pelôtas y bôlitas,  
 pitangas, lambarís y chicolates.... (4)  
 !qu'isto ya non si agüenta...!

---

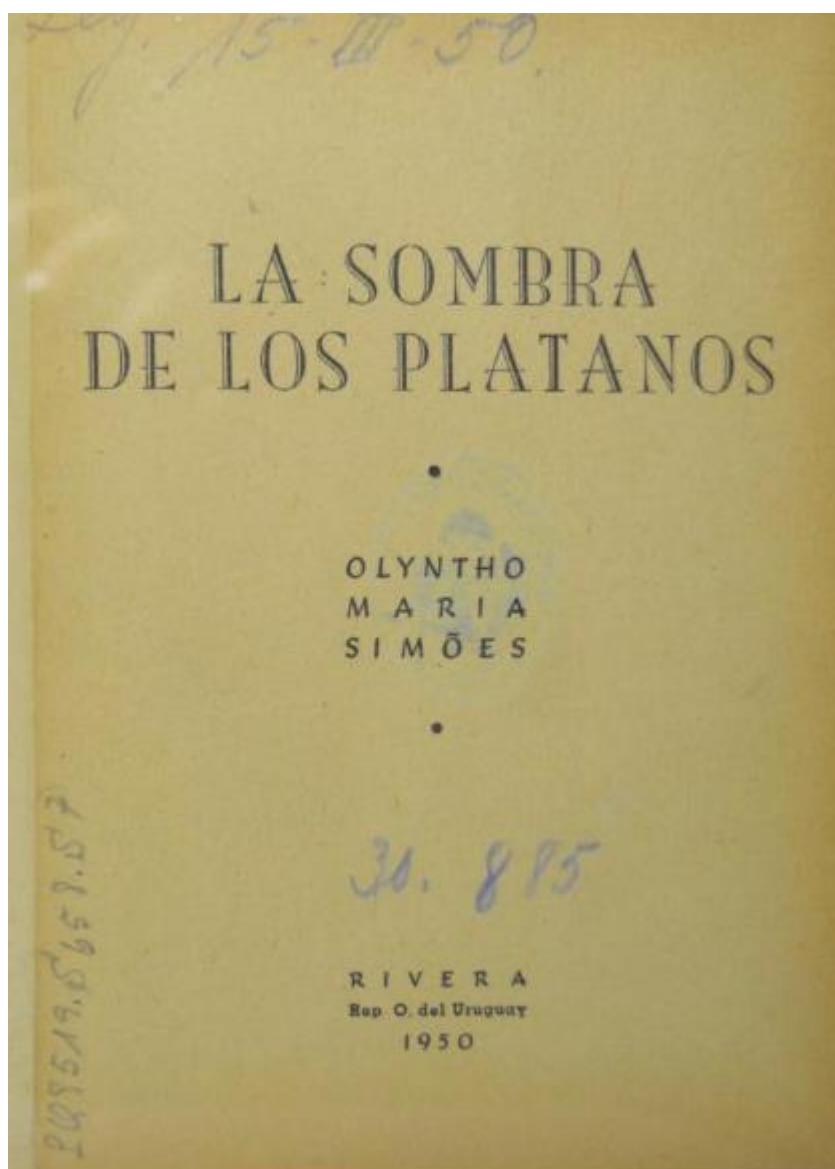
(3) Bagacerío; derivado de bagazo, residuo.  
 (4) Lambarís; mojarra.

ANEXO J – CAPA DO DISCO “CANCIONES DESDE EL CUARTEL” DE PANTHO  
VIERA



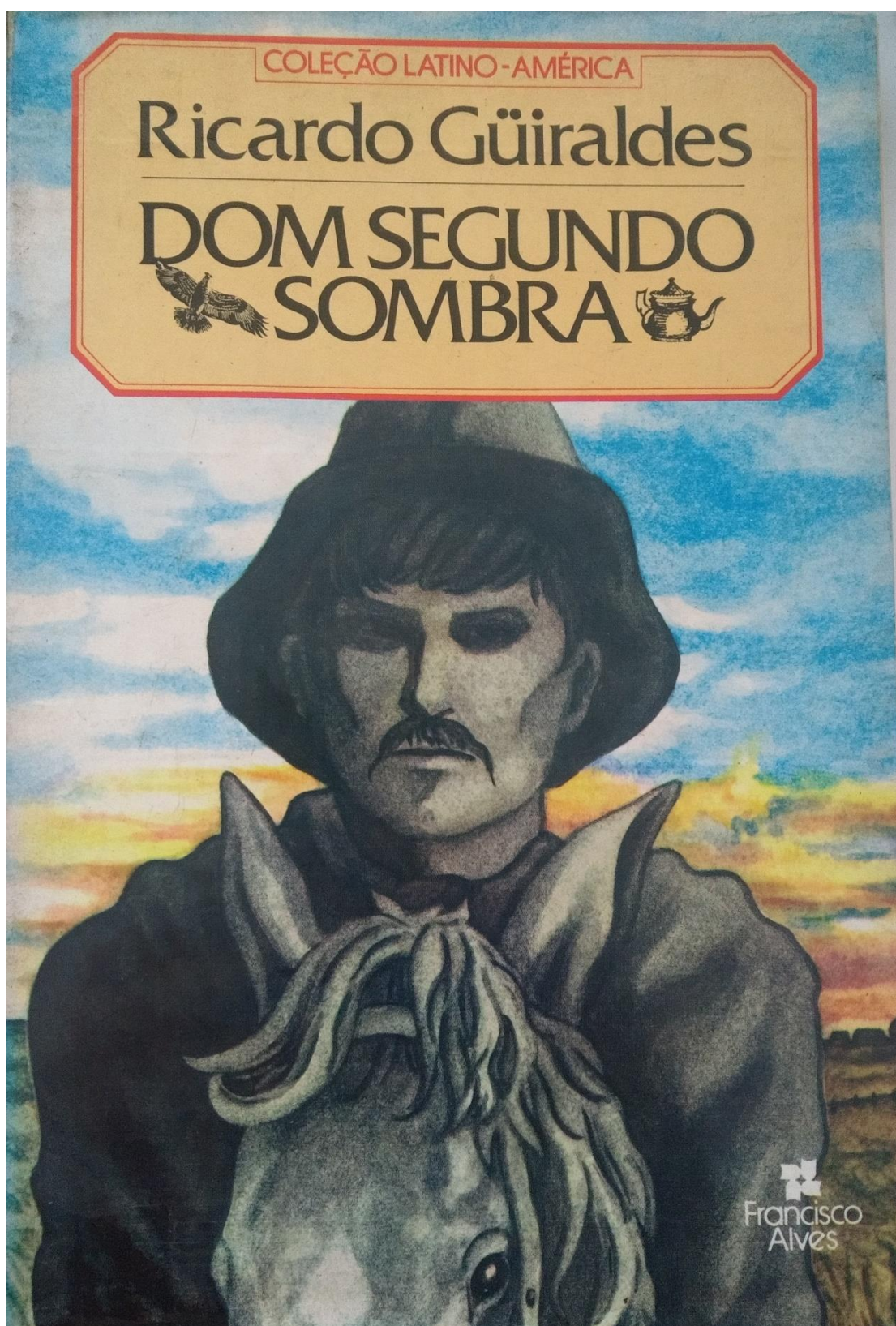
Fonte: enviado por interlocutor

**ANEXO K – CAPA DO LIVRO “LA SOMBRA DE LOS PLATANOS” DE OLYNTHO  
MARIA SIMÕES**

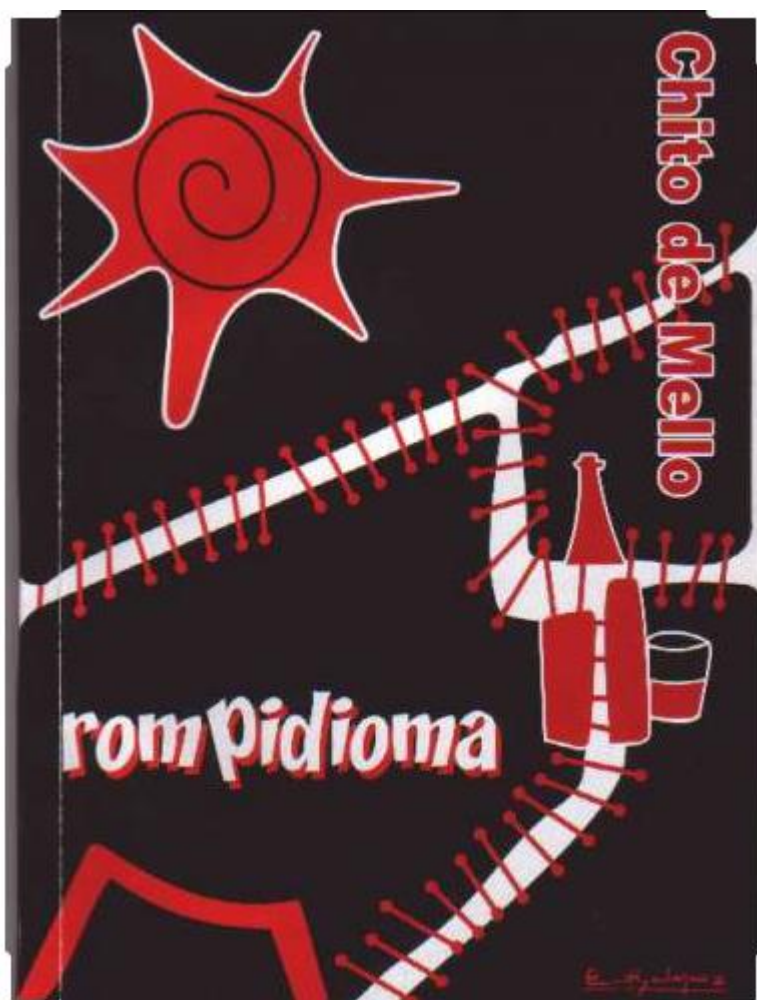


Fonte: <https://archive.org/details/OlynthoMariaSimoese1950LaSombraDeLosPlatanos>

ANEXO L – CAPA DO LIVRO “DOM SEGUNDO SOMBRA” DE RICARDO GÜIRALDES



## ANEXO M – CAPA DO CD “ROMPIDIOMA” DE CHITO DE MELLO



Fonte: [http://www.libreriaelvirrey.com.uy/rompidioma/art\\_193558/](http://www.libreriaelvirrey.com.uy/rompidioma/art_193558/)

## ANEXO N – CAPA DO LIVRO “NOITE NU NORTE” DE FABIÁN SEVERO



Fonte: <https://document.onl/documents/poemas-em-portunol-noite-nu-norte.html>



**ANEXO O – CAPA DA MÚSICA “NEGA” DE CAMILA TECHEIRA**

Fonte: <https://chordify.net/chords/camila-nega-ft-south-rivera-livramento-memes-south-rivera-livramento-memes>

## ANEXO P – PUBLICAÇÃO NO FACEBOOK SOBRE O EVENTO “JODIDO BUSHINSHE”

 **Jodido Bushinshe - Arte del Portuñol como Patrimonio Cultural Inmaterial** adicionou 18 novas fotos ao álbum "Como dizia miña avó 2019" – com Selva Chirico e outras 3 pessoas.

24 de fevereiro · 🌐

Celebración del día internacional de la lengua materna. En este caso el Portuñol como lengua materna natural de la frontera pero también el italiano y el árabe como lenguas de algunas de las comunidades fundadoras de Rivera

[Ver Tradução](#)




**Como dizia miña avó 2019**  
18 fotos

 Michel Croz Martins e outras 8 pessoas 2 comentários 10 compartilhamentos

Fonte: Facebook <https://www.facebook.com/Jodido-Bushinshe-Arte-del-Portu%C3%B1ol-como-Patrimonio-Cultural-Inmaterial-1529382280717284/>

## ANEXO Q – RELATÓRIO DO EVENTO “JODIDO BUSHINSHE”

### Relatório da Jornada Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales

Realizada no dia 5 de agosto de 2017, como parte da programação do IV Festival Binacional de EtnoGastronomia e Produtos do Pampa. Fronteira Rivera (Uruguai) / Santana do Livramento (Brasil).



#### Considerando que:

- O Fronteiras Culturais/Fronteiras Culturales é um movimento autônomo, formado por artistas, produtores, mestres e pesquisadores da cultura popular. Seus membros também atuam nos diferentes coletivos culturais e na gestão pública defendendo a cultura como política de Estado e não de governos. Ou seja, a cultura como um direito cidadão;
- O propósito do Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales é a realização de ações, atividades e eventos de integração cultural e a implementação de políticas públicas e/ou autônomas junto às instituições estatais e/ou privadas, nas diferentes escalas municipais, departamentais, estaduais, nacionais, supranacionais, na articulação e integração entre essas instâncias;
- O Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales contribui para que os projetos e as ações existentes sejam reconhecidos e fomentem a formação de corredores da integração cultural, respeitando a singularidade e a diversidade de cada iniciativa;
- A cultura fronteiriça é concebida como a expressão simbólica dos bens, dos saberes e dos fazeres transfronteiriços existentes nos territórios de fronteira nacional, ou não, reconhecendo a sua diversidade regional, suas raízes e também suas novas versões;
- O Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales defende uma concepção de cultura para além das artes, sem desconsiderá-las, pois entende que todos os saberes, os sabores, as paisagens e as formas do fazer cultural dialogam entre si;
- O Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales fundamenta os seus projetos e as suas ações na Convenção da UNESCO sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, de 2005, na Carta da Fronteira, documento assinado por vários prefeitos, intendentes e alcaldes da região e entregue aos presidentes José Pepe Mujica e Luiz Inácio Lula da Silva, em 2010, e no Protocolo de Intenções Culturais Brasil-Uruguai, assinado em 2011 pela presidenta Dilma Rousseff e pelo presidente José Pepe Mujica;
- O Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales busca a dimensão da integração cultural de cada plano, projeto, ação e/ou evento por meio dos seguintes critérios: 1) o viés simbólico da integração cultural, 2) o potencial de geração de trabalho e renda em ambos lados da fronteira e 3) a participação cidadã (binacional). A partir desses critérios é possível considerar que um projeto está apenas na fase de concepção, que ele faz parte de algum tipo de intercâmbio e de cooperação, ou que já alcançou a sua fase mais avançada; o da convivência cultural;
- O Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales reconhece as autonomias dos projetos de integração cultural e busca a máxima convergência possível entre eles;
- O Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales reconhece que a unidade do movimento se dá por meio da realização de projetos de integração cultural e respeita todas as opiniões de cunho democrático e agregador;
- O Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales mantém uma relação republicana e democrática entre os diferentes agentes e coletivos culturais, independentemente desses fazerem parte do movimento;
- O Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales reconhece e incentiva a criação de Comissões Binacionais de Fronteira, com a participação de artistas, produtores, mestres, pesquisadores e coletivos culturais, juntamente com poderes públicos, desde que eleitos democraticamente.

#### Propomos como estratégias de organização:

1. A criação de núcleos municipais do Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales, localizados ou não nas fronteiras nacionais;
2. O mapeamento de corredores da integração cultural amplos e dinâmicos, a partir de temas e projetos que dialoguem entre si, na fronteira Brasil-Uruguai, nas capitais e, futuramente, em outras regiões de fronteira;
3. A realização de encontros via ferramentas web (Skype, WhatsApp ou outra), no mínimo a cada dois meses, com a participação de um(a) representante por município. Pauta: trocar informações e planejar novas ações/atividades conjuntas;
4. A elaboração de um plano de comunicação (interna e externa) para a rede Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales, utilizando diferentes ferramentas;

5. A criação de um site do Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales e a publicação de documentos de análises e discussões no Portal Unbral Fronteiras e em outras mídias;

6. A criação e disponibilização de um banco de talentos (artistas, produtores, mestres, pesquisadores e coletivos culturais) que aderiram ao movimento Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales;

7. Buscar a máxima cooperação possível entre os projetos existentes nos municípios e a interação com os movimentos culturais, os governos e as universidades.

#### Propomos as seguintes ações imediatas:

8. A realização de atividades de integração cultural e artística no dia 12 de outubro de 2017, Dia dos Coletivos Culturais dos municípios e das regiões;

9. A realização de reuniões do núcleo do Fronteiras Culturais/Fronteiras Culturales em cada município até o final do mês de setembro de 2017;

10. A elaboração de planos de integração cultural locais e regionais, com atividades próprias e a participação em atividades realizadas por outros coletivos e instituições, em cada município e/ou região;

11. A divulgação da Convenção da UNESCO sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, de 2005, da Carta da Fronteira, de 2010 e do Protocolo de Intenções Culturais Brasil-Uruguai, de 2011, em cada município e região;

12. A divulgação das deliberações do III Seminário de Integração Cultural Brasil-Uruguai, realizado em 2014, pois este seminário traduziu as diretrizes da Carta da Fronteira e do Protocolo de Intenções Culturais em alguns projetos viáveis;

13. A reflexão sobre o PROPÓSITO, os CRITÉRIOS e as diretrizes do Fronteiras Culturais / Fronteiras Culturales.

#### Propomos como estratégia de médio e longo prazos:

14. A construção de um novo Calendário de Integração Cultural Brasil-Uruguai, junto com as universidades, as organizações locais, regionais, nacionais e/ou internacionais. Este calendário é aberto e poderá receber novas atividades/ações/eventos que se alinharem com o propósito e os critérios de seleção aprovados;

15. A elaboração e disponibilização de um questionário on-line para subsidiar a construção do novo Calendário de Integração Cultural Brasil-Uruguai;

16. A publicação do Calendário de Integração Cultural no “Pasaporte hacia la Frontera” do Observatório de Fronteiras Brasil-Uruguai-CEFR/CAF, e em outros portais, blogs, jornais e revistas digitais;

17. A construção da “Rota dos Tambores”, envolvendo artistas, produtores e coletivos culturais de Montevideú, Porto Alegre, Baçó, Pelotas, Rio Grande, Jaguarão, Santa Vitória do Palmar, Artigas, Rivera, Minas de Corrales e outros municípios da fronteira Brasil-Uruguai. Essa rota pode incluir diálogos, oficinas e apresentações em cada município;

18. O apoio às atividades que difundem o candombe em Rivera, Bagé, Santa Vitória do Palmar, Chui, Chuy, Rocha e Pelotas, junto às manifestações artísticas que já existem nestas cidades, assim como em Porto Alegre e Montevideú;

19. A promoção de apresentações artísticas, oficinas e reflexões junto com os povos indígenas e de matriz africana, assim como a construção de um discurso que reconheça a diversidade cultural;

20. A construção de um discurso de integração transversal e necessária sobre a questão de gênero nas atividades culturais, nos projetos de educação e comunicação, nas apresentações artísticas e oficinas;

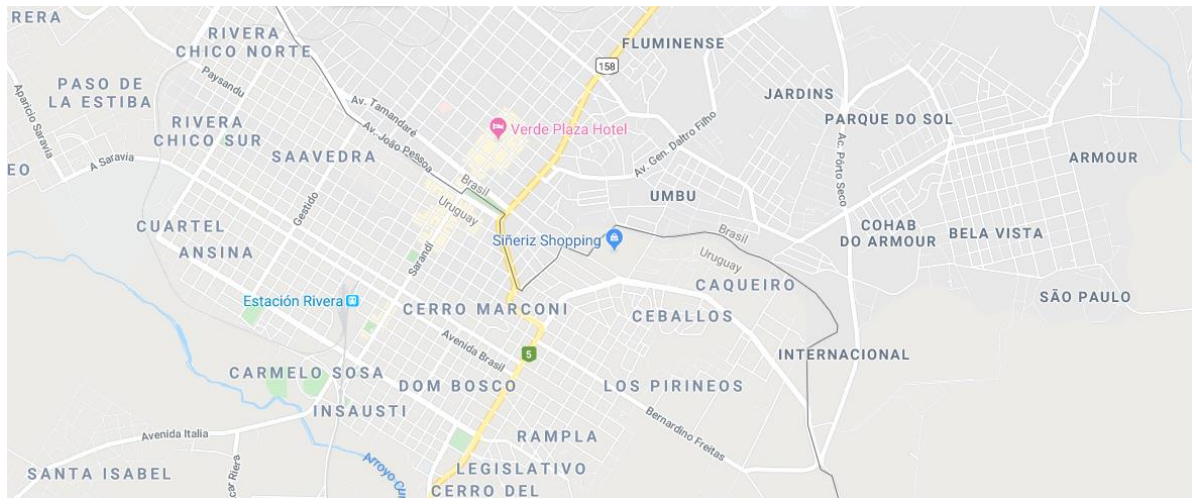
21. O reconhecimento e o apoio aos Pontos de Cultura que atuam na fronteira e que realizam atividades de integração cultural. Dialogar com a Direção Nacional de Cultura do Uruguai sobre o seu plano de Pontos de Cultura que deve ser implantado em 2018, promovendo a criação de Pontos de Cultura com caráter transfronteiriço e binacional;

22. Reivindicar a nomeação do Comitê Gestor da Política Cultural Viva pela Secretaria de Cultura RS, pois, em função disso, 150 organizações culturais do Rio Grande do Sul não conseguem acessar recursos do FAC Fundo de Apoio à Cultura, conforme a Lei Estadual Cultura Viva;

23. A elaboração e a proposição de políticas públicas nos parlamentos municipais, estaduais, departamentais, nacionais e no Parlasul (Parlamento do Mercosul) que favoreçam a integração cultural em cada região de fronteira;

24. Reivindicar o apoio dos governos, das câmaras de vereadores, dos conselhos e das universidades para que os artistas, produtores e coletivos culturais autônomos recebam recursos para subsidiar o transporte, a alimentação e a hospedagem quando forem participar de reuniões, jornadas e outras atividades de integração cultural.

Mais páginas...

**ANEXO R – MAPA DA REGIÃO DA FRONTEIRA Rivera – LIVRAMENTO**

Fonte: Recorte Google Maps (2020)